

REVISTA

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade pública pelo Governo Federal e pelo Estadual

Numero 13 ——— Setembro de 1940



VITÓRIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
IMPrensa OFICIAL

REVISTA

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade pública pelo Governo Federal e pelo Estadual

Numero 13 ——— Setembro de 1940



VITÓRIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
IMPrensa Oficial

REVISTA

DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO ESPIRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade publica pelo Governo Federal e pelo Estadual

Numero 13 ——— Setembro de 1940



VITÓRIA
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
IMPrensa OFICIAL

INDICE

	Pags.
Anchieta, sua vida e sua obra no Espirito Santo — Antonio Athayde	3
A Cella do Padre Anchieta — Pessanha Povoá	12
A Companhia de Jesus no Espirito Santo — D. João Nery	26
Memoria sobre a Fundação de Reritigbá — Pe. Pires Martins	37
A Predileção de Anchieta pelo Espirito Santo — Augusto Lins	41
Carta Apostolica de S. S. o Papa Pio XII	13
A Mais Antiga Biografia de Anchieta — João Bastos	50
José de Anchieta, Primeiro Mestre Escola no Brasil — Placidino Passos	54
Anchieta Militar — Francisco Eujenio de Assis	56
Anchieta, Cidade Reliquia — E. Queiroz do Valle	60
Quarto Centenario da Fundação da Companhia de Jesus — Adolpho Fernandes de Oliveira	32
De Reritiba a Anchieta — Mario A. Freire	68
Anchieta — (Diario da Manhã de 17-12-1922)	72
O sr. Nuncio Apostolico	76
O Precursor — Pe. Luiz Gonzaga Cabral	81
Romaria Anchieta	91
A Cidade de Anchieta em Festa	96
Revista do I. H. G. E. S.	106
Romaria Anchieta	109



Exmo. Revdmo. Snr. Arcebispo de Mariana, D. Helvecio
Gomes de Oliveira



Exmo. Revdmo. Snr. Arcebispo de Goiás, D. Emanuel Gomes
de Oliveira

ANCHIETA

SUA VIDA E SUA OBRA NO ESPIRITO SANTO

Nasceu José de Anchieta por ocasião da festividade do padroeiro S. José, em 19 de Março de 1534, na Ilha de Tenerife, — cidade principal do arquipélago das Canárias. Seu pai chamava-se Juan de Anchieta, espanhol, e sua mãe a meiga indígena Mencia Diaz de Glarijo y Llarena. (Efemerides Brasileiras pelo — Barão do Rio Branco — pags. 199 e 299, ed. de 1918).

Houve pequena dúvida acerca do ano do seu nascimento, em 1533, porém logo foi desfeito esse pequeno engano, prevalecendo a data acima.

Batisou-se em 7 de Abril de 1534. O Padre Antonio Franco, jesuita, determinou, a pedido, o ingresso do jovem Anchieta na Companhia de Jesus, em 1.º de Maio de 1551, tendo ele 17 anos de idade. Seguiu logo para Lisboa, para estudar em Coimbra.

A Thomé de Souza, que governou quatro anos o Brasil, sucedeu, em 1553, Duarte da Costa, que chegou a Baía de Todos os Santos, acompanhado de alguns jesuitas, entre eles José de Anchieta, para acelerar a catequese dos índios e fundar collegios, a 13 de Julho de 1553,

O Padre Manoel da Nobrega, o superior da Ordem, bem assim Afonso Braz e Braz Lourenço, jesuitas do primeiro turno, entraram logo em desacordo com Duarte da Costa. Queriam os colonos que feito o serviço penosíssimo pelos jesuitas da catequese, fossem-lhe entregues incondicionalmente os índios, para escravizá-los, nos trabalhos da lavoura e em outros serviços da colonia.

A Duarte da Costa succedeu Men de Sá, em 16 de Janeiro de 1558, que governou com muita prudencia o Brasil, procurando estabelecer, antes de tudo, a harmonia dos colonos com os jesuitas. Nada se poderia fazer mais tarde de eficaz, na expulsão dos francezes da baía do Rio de Janeiro, sem essa aproximação de elementos tão fortes que se repellam no seio da colonia. — dificultando a formação da unidade nacional, indispensavel aos anseios de sua pacificação.

Recordemos a benemérita obra de Anchieta. São incontestavelmente notáveis os serviços prestados por esse virtuoso padre na catequese das nossas tribus, formando povoados, aldeias e collegios em prol da civilização.

— "Figura exponencial do catolicismo, Anchieta perfaz religiosamente na estrita obediencia e na severa orthodoxia, a evolução altruistica da personalidade em grau inexcédível.

Pelo desprendimento de vinculos terrestres e bens materiais, pela desambição de conquistas illusórias, pelo sacrificio e pela caridade, teria acompanhado S. Francisco de Assis nos planos da Umbria, como discipulo, erguido com ele o *CANTICUM FRATIS SOLIS* á onipotencia (do Criador e a maravilha da natureza, porque soube irmanar-se tambem aos seres e ás coisas da ordem natural, celebrando o Onipotente e haurindo em todas as fórmulas vivas o mesmo effluvio cósmico. Teria aberto os braços ao lobo, porque andou entre sussuaranas e cascavéis com a doçura magnetica de um eleito ou o descuido infantil de um sonhador. Teria beijado as feridas ao leproso, porque as chagas mais nauseantes dos indios eram tratadas pelo seu infatigavel sacerdocio. Teria pregado ás aves, porque foi o amigo lendário dos passaros, cujos vôos lhes roçavam os braços, os ombros, o deformado tronco, semelhante nessas paisagens de alegoria. — nesses instantes de agiologo, ás proprias imagens do ambiente vegetal, sob um rumor festivo de asas". (Celso Vieira — Anchieta, pag. 124).

A catequese do meigo jesuita José de Anchieta, o evangelizador das selvas do Brasil, denominado o apostolo do Novo-Mundo, que doutrinou os nossos indios com tanta intelligencia e doçura — forma uma pagina brillantissima das glórias da nossa nacionalidade.

Ele é o insigne mestre, companheiro de sacrificios inauditos do veneravel padre Nobrega em 1563, na terrivel luta dos indigenas contra os portuguezes, denominada a *Confederação dos Tamóyos*. Os colonos apelam para Nobrega e Anchieta.

Esse dois egregios jesuitas apresentaram-se aos *morubichabas*, reunidos em Iperohy, e na famosa conferencia, depois de ingentes esforços, conseguem as preliminares da paz em um armisticio, referido na historia pelo nome de *armisticio do Iperohy*.

Emquanto Nobrega levava ao conhecimento dos portuguezes o resultado da conferencia, sob condicão, exigiam os indios revoltados que Anchieta ficasse como réfem, entre elles.

Durante esse penosissimo desterro de Anchieta, o homem que as tribus tanto confiavam, ele comecou a escrever o seu belo poema dedicado á Virgem da Conceição, onde a obediencia do religioso fez a preparação de todas as heroicas virtudes de sua alma.

— “Colabora na fundação do Rio de Janeiro com a sua esquadri-
lha, o seu entusiasmo, o desempenho da missão, junto a Mem de Sá,
o herói invencível de todas as horas, nos lances finais da Segunda
Conquista. Ao pé de Manoel da Nobrega, quasi moribundo, toma-lhe
os encargos de superior do collegio do Rio e das Casas de S. Vicente,
Santos, Piratininga e Espirito Santo com todas as aldeias anexas.
Reitor do collegio de S. Vicente, durante um septénio, provincial da
Ordem do Brasil de 1578 a 1585, — vê-se o apóstolo sobrecarregado,
como se fosse um atlante, por uma obra ainda mais gigantesca, en-
cerrando novos e altos deveres de conversão das tribus, exegese dos
textos, visita ás capitãncias, governo, correspondencia e defesa da pro-
vincia jesuitica — (Celso Vieira — Anchieta — Pag. 133)”.

Era Anchieta, o apóstolo do Brasil, parente de S. Francisco Xa-
vier, o apóstolo do Oriente. O padre Aspicuelta Navarro, de origem
biscaina, primo de Anchieta, foi o primeira lingua que teve a missão
no Brasil. Antes de meio anno de estadia nas nossas selvas, já An-
chieta se entendia menos mal com os aborígenes.

Notava-se tambem que o dialeto de Biscaia tinha muitos elemen-
tos de contacto com o do gentio brasileiro.

Pela formação da revisão do vocabulario indigena, muito facilitou
a Anchieta para criação de uma lingua geral, pela qual todos pudes-
sem falar com os nossos indios.

Principiou, logo, o meigo canarino ter franca assistencia na la-
boriosissima vida missionaria das selvas, com elementos para o seu Di-
cionario. Conta-se que o Pe. Fernão Cardim, referindo-se a An-
chieta, que era já provincial desde 1577, vê ele descendo pobremente
uma serra, em flagrante, — “O padre vinha de traz a pé, com abas da
cinta, descalço, bem cansado; é este padre um santo de grande exem-
plo e oração, cheio de toda perfeição, desprezador de si e do mundo,
uma columna grande desta provincia e tem felto grande cristandade, e,
conservado um grande exemplo: de ordinario, anda a pé, nem ha re-
tira-lo de andar, sendo muito enfermo. Emfim, sua vida é vere apos-
tolica”.

Muitas cartas escreveu Anchieta, diz MAX FLEIUSS: — a obra
epistolar litteraria e catequista de Anchieta é o marco intelectual, mo-
ral e espiritual que simbolisa a luz da civilisação da terra brasileira.
Esse é o maior titulo daquele que bem merece a gloria dos altares,
tendo já um altar de gratidão perene na alma nacional, exemplo dos
apostolos da nossa fé e das nossas letras”.

Quando Anchieta voltou do sul para receber ordens sacras na
Baía, teve occasião de informar a Mem de Sá sobre os graves aconteci-
mentos e hostilidades que lavraram contra os francezes, no Rio e S.

Vicente. Nessa passagem não deixou de visitar as mansas aldeias de Rerigibá, de S. João e dos Reis Magos. A de Rerigibá fôra fundada em 1565.

Anchieta fez desses aldeamentos os melhores presidios da nossa Capitania, contra os índios ainda bravios, contra os barbaros bandeirantes, contra os estrangeiros e corsários que aqui desembarcassem para nos assaltar.

Na volta da Baía para o Rio, levou o nosso destemeroso cacique Ararigbóia e seus 200 companheiros índios, por ordem do governador Mem de Sá e do Governador da Capitania Belchior de Azevedo.

— Diz o ilustrado jesuita José Gentil: — Si é gloria singular do Espírito Santo, ter dado um Martin Afonso Ararigbóia, defensor de S. Vicente e do Rio de Janeiro, e fundador de Niterói, cabe a Anchieta ter conservado fiel e animado para a peleja um auxiliar, tão eficaz, para a vitória. Se Anchieta é com razão chamado o Apostolo do Brasil, ha contudo algumas regiões de nossa patria que se pôdem dizer objéto particular de seu zêlo apostólico. Não só a Baía, séde do seu governo provincial, não só a capitania de S. Vicente, primeiro campo dos labores, e das glórias de Piratininga, de Itanhaen e de Iperoy, não só o Rio de Janeiro, teatro dos seus esforços na luta contra os franceses e da organização das aldeias de S. Lourenço e São Barbané, de outros baluartes da futura capital do Brasil; — mas, tambem este Estado, antiga capitania do Espírito Santo, pôde gloriar-se de ter em várias épocas e especialmente na ultima década, de ter gozado o carinho privilegiado do grande missionário”.

Nos antigos educandários do Espírito Santo, especialmente no *Ateneu Provincial*, de saudosa memória, onde fômos alunos e mais tarde, seu professor de pedagogia, em 1884, prestava-se sempre respeitosa homenagem ao Padre Anchieta, no dia de seu falecimento, em Benevente. O seu director Pessanha Póvoa, sempre narrou episódios interessantes de sua vida apostolica nessa comemoração.

Calou sempre em nosso espirito, a veneração por esse martir missionario. Ele sofreu todas as vicissitudes da existencia, — frio, fome, molestias, sem roupa... e até o naufragio dos Abrolhos!...

Quiz a fatalidade que o nosso primeiro discurso na sessão do Congresso Legislativo do Espírito Santo, de 9 de Outubro de 1901, que mudava o nome de Anchieta, creado pela Lei n. 6, de 12 de Agosto de 1887, para Benevente, conseguissemos provar a irreverencia e a inconstitucionalidade do projecto, sendo felizmente regeitado, quasi por unanimidade. (Vide Revista do Inst. n. 7, pag. 164).

Além dessa manifestação cívica, muitos são os nossos trabalhos posteriores acêrca desse emérito jesuita que tanto se celebrou en-

tre nós, pelos exemplos do mais puro altruismo e amor ao Espírito Santo.

Diz Wanderley de Pinho: — Na Baía ou em S. Vicente, no Rio ou no Espírito Santo, era ele um jesuíta do primeiro século — grandes heróis que quanto mais se lhes estuda a história mais se lhes admira a brava intrepidez, a ousadia arrojada da fé, o desprezo da morte e da vida, o ardimento da tenacidade em seu ideal místico; e quanto mais, brasileiros, lhes recordamos a ação naquêles primórdios do nosso Brasil, tanto mais abrimos o coração para o reconhecimento".

O preclaro jesuíta Padre José de Anchieta honrou a nossa brasilidade, porque cooperou no sentido positivo da evolução humana. O seu memorável serviço prestado, foi de transformar o índio bravo, nômade e errante, no índio paciente, manso e sedentário. Organizou a estabilidade da aldeia, princípio fundamental da existência social da tribo. Incontestavelmente, depois de ter feito uma vida austera dos maiores sacrifícios e martírios inauditos — como emérito mestre, catequista, escoteiro, missionário, diplomata, poeta, médico, capelão, enfermeiro, enfrentando diversas epidemias do colera-morbus, varíola e outras, e já fatigadíssimo, aquebrado pela molestia que minava-lhe o corpo franzino, já torturado pelas quedas e longas caminhadas nas selvas, é chamado para outro clima, em vista do seu estado gravíssimo de saúde.

Diz Anchieta: — *"Desta vez não morro; mas, não quero outros lugares. Quero ir para o meu Espírito Santo, a terra mais acomodada e aparelhada para conversão que ha em toda costa.* (Informações de 1585. Cartas, etc., p. 419).

Efetivamente o Espírito Santo muito lhe deve. A sua ação evangelizadora na antiga Vila do Espírito Santo — não só como missionário da primeira Igreja do Rosário e do Venerável Convento de N. S. da Penha: é o fundador da segunda Santa Casa do Brasil, posteriormente removida para Vila de Vitória, onde foi seu capelão.

Desenvolve a catequese em Santa Cruz — Aldeia-Velha, em 1556; em Nova-Almeida — Reis Magos; em S. Matheus — Cricaré; em Guarapary e finalmente em Rerigibá (Benevente), onde resolveu firmar residência. Já muito minado por várias enfermidades, mas, prestando sempre gabos ao Espírito Santo, a terra melhor que ele conhecia.

Finalmente, em 9 de Junho de 1597, morre aí, nessa privilegiada aldeia — de Rerigibá, o Apostolo do Brasil!... Profunda comoção!...

Formou-se o silêncio sublime nesse momento de grande dôr!... Os derradeiros momentos de Anchieta, em Rerigibá, inspiraram ao insigne poeta Varella o comovente final do poema — *O Evangelho das Selvas* (Canta X).

Formosa estancia!...
 Rerigibá feliz! Almo retiro,
 Onde das lides repousa do mundo
 O sublime Anchieta! Eu te estou vendo...

.....
 A voz sumiu-se...
 No seio enfraquecido do profeta
 As palpebras cerraram-se tranquilas,
 Os lábios entreabriram-se, e um sorriso
 Ditoso, de criança que adormece,
 Deixou passar o alento derradeiro...

... As aguas melancólicas do Rerigibá levaram para o mar os clamores e as lagrimas dos pobres indios orfanados, que haviam acudido de todas as aldeias visinhas e a ver pela ultima vez o pai querido!... (Augusto de Lima — Anchieta, pag. 121)

Organizou-se o prestito. Fez-se o cortejo solene, indo na frente com a cruz o Padre Fernandes, desde Rerigibá até a Vila de Vitória, num percurso aproximadamente de 15 leguas, por entre uma multidão enternecedora de lamentações dos indios, seus filhos, como os chamava seu Bemfeitor.

Foi uma romaria comovente, uma consagração postuma, uma apoteose de puro amor!...

— Vieram ao encontro da imponente procissão do enterro, o prelado do collegio, o capitão de terra Miguel de Azevedo, outras autoridades, civis e religiosas, padres de S. Francisco, Irmãos da Misericórdia e confrarias.

Receberam o corpo na Igreja de S. Tiago, — os padres da Companhia, com officio solene, sepultando-se a 12 de Junho. No dia seguinte o Prelado Bartolomeu Simões, depois da missa, fez-lhe o elogio fúnebre chamando-o — SANTO APOSTOLO DO BRASIL.

Proclamou-se sua immortalidade, dando-lhe a grandeza de sua obra.

Posteriormente, resolveu o superior da Ordem Padre Aquaviva mandar trasladar os despojos do Santo Apostolo para o Colégio da Baía. Em face do protesto do Ouvidor de Vitória, foi atendido e enviada uma urna de valor artistico, trazendo dentro um *femur* do Padre Anchieta. E, tambem, para assinalar o lugar do qual foram exhumados esses despojos mandou uma lápide de marmore comemorativa, com belos florões de marmore branco e com esta inscrição latina: — HIC JACUIT VENERAT PADRE JOSEPHUS DE ANCHIETA APOST. ET NOVI ORB NOVUS THAUMATURGO, OBIT RERIGIBÁ DIE IX JUN. ANN. MDXCVII.



VENERAB. P. IOSEPHVS DE ANCHIETA
SOC. I. BRASILIAE APOST ET NOVI
ORB. NOVVS — THAVMATVRG
OBIIT RERIBA DIE IX IUN
ANN MDXCVII

(Da inscripção na lapide de seu tumulo, como se lê no Palacio do
Governo do Estado do Espirito Santo)

BRASILIENSIS, SEU BAHYENSIS
Beatificationis, & Canonizationis
 VENERABILIS SERVI DEI
 JOSEPHI DE ANCHIETA
 Sacerdotis Professi Societatis JESU.

Feria Tertia 31. Julii 1736.

Coram Sanctissimo D. N. CLEMENTE PAPA XII. habita fuit Congregatio Generalis Sacrorum Rituum, cui interfuere sexdecim Epi, ac Rm D. D. Cardinales. Decem Illm, ac Rm DD. Patriarchæ, Episcopi, & Prælati, & decem, & octo Consultores; & proposito per Eum, ac Rm D. Cardinalem Imperiali Ponentem, seu Relatorem, dubio: *An constaret de Virtutibus, tam Theologalibus, tam Cardinalibus Ven. Servi Dei JOSEPHI DE ANCHIETA, in casu, & ad effectum, de quo agitur.* Omnes unanimi voto, & nemine discrepante, affirmative responderunt; Sanctissimus verò, ut in re tanti momenti maturè procederetur, decrevit: *Dilata, & fiant preces* = quæ cum per integrum novendum præcedens festum S. Laurentii, cujus nomén Sanctissimus habebat antequam ad Summi Pontificatus apicem conscenderet; tam a Sanctitate Sua, quam à quamplurimis Religiosis, & Monialibus ejus jussu factæ fuissent, die decima Augusti publicari mandavit decretum tenoris sequentis:

DECRETUM

Coram Sanctissimo D. N. CLEMENTE PP. XII. die 31. Julii currentis anni 1736. habita fuit Congregatio Generalis Sacr. Rituum, in qua per Rm D. Card. Imperiali Ponentem, seu Relatorem proposita fuit Causa Brasiliensis, scilicet Bahyensis Beatificationis, & Canonizationis Ven. Servi Dei JOSEPHI DE ANCHIETA Sacerdotis Professi Societatis JESU. In ea verò super Dubio: *An constet de Virtutibus, tam Theologalibus, tam Cardinalibus ipsius Ven. Servi Dei, in casu, & ad effectum, de quo agitur* = Sanctitas Sua, auditis Votis DD. Consultorum, nec non Rmorum DD. Cardinalium; Resolutionem ea ipsa die de more differre censuit, ut nimirum, prius tùm suis, tùm aliorum precibus peculiarem à Patre, luminum opem, & auxilium imploraret. Id autem cum jam peregerit, tandem infra scripta die, Divo Laurentio Sacra, accitis coram se R. P. Ludovico de Valentibus Fidei Promotore, & me infra scripto Secretario, super proposito Dubio publicari mandavit responsum affirmativum, videlicet: *Constare de Virtutibus Venerabilis Servi Dei JOSEPHI DE ANCHIETA, tam Theologalibus, scilicet, Fide, Spe, & Charitate, quàm Cardinalibus, Prudentia, Justitia, Fortitudine, & Temperantia, earumque respectu annexis in gradu heroico, in casu, & ad effectum, de quo agitur* = Et ita &c. die 10. Augusti 1736.

A. F. Cardinalis Zondadari Pro-Prefectus.

Loco ✕ Sigilli

Tb. Patriarcha Hierosolymitanus S.R.C. Secret.

Pagina do processo da beatificação do Padre José de Anchieta, contendo o respectivo decreto pontifício expedido a 10 de Agosto de 1736, em nome do Papa Clemente XII

Cuja tradução é a seguinte: — AQUI JASEU O VENERAVEL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, APOSTOLO DO BRASIL E TAUMATURGO DO NOVO-MUNDO. FALECEU EM RERIGITIBÁ NO DIA 9 DE JUNHO DE 1597.

Provocada pelo distinto jornalista Francisco Escobar, por solicitações do I. H. de S. Paulo. — os nossos prezados consócios, desembargador Josias Soares e dr. Araujo Primo procuraram se interessar. Resolveu o ilustre dr. Araujo Primo escrever sob o título "*As Cinzas do Padre Anchieta*", um belo artigo, apelando por fim á nossa desvalia, sobre o paradeiro dos santos despojos; e, dissemos então, sob o mesmo título, alguns trechos que aqui transcrevemos:

"A trasladação dos despojos deu-se, por ocasião de se organizar em todo o Brasil a tremenda opposição contra os jesuitas. Nesse mesmo tempo, o ouvidor da Capitania, no louvavel cumprimento do dever civico, solicitou ao Superior da Ordem que deixasse, ao menos, em Vitória, um fragmento do sdespojos do venerando jesuita, no que foi atendido respeitosamente, vindo então da Baía uma urna com lavor de prata, guardando o *femur*, como reliquia, segundo rezam as crônicas dos Padres da Companhia.

Promulgada a lei de exulsão dos jesuitas, em Portugal, no governo de d. José, pelo seu primeiro ministro — Marquez de Pombal, a 3 de Setembro de 1755, eles só se retiraram desta Capitania, depois da orde mdo conde de Bobadela, em 4 de Janeiro de 1760, quando começou então o sequestro dos imóveis e de muitos objetos de valor, inclusive a urna histórica. Posteriormente, foi depositada no Tesouro da antiga Província, como pertencente ao seu patrimonio. ESntretanto, é doloroso referirmos agora que essa reliquia fôra retirada da citada tesouraria, sem nenhuma formalidade legal, que justificasse semelhante atentado á nossa civilização! Já não nos pertence, infelizmente, esse precioso legado do passado!

Consta-nos, também, que aqui vindo, em visita pastoral, um bispo da diocese do Rio de Janeiro, que supomos ter sido o exmo. d. M. Lacerda, levou-a, além de outros objetos de valor artistico dos jesuitas, para aquella diocese.

E' extranhavel que se extraviasse uma reliquia de tanto valor historico para o Espirito Santo, sempre guardada com especial carinho, pelos nossos maiores, sem proceder-se a um protesto ou a uma simples notificação do poder publico da Provincia, sobre a sua retirada da tesouraria!

Entretanto, quando na sessão de 17 de Agosto de 1853, uma proposta, assinada pelos socios Joaquim Norberto e Pereira Pinto, do Instituto Historico do Rio de Janeiro, solicitava do governo a entrega do fragmento depositado na urna respectiva, uma natural indignação se manifestou aqui na Provincia, contra a referida proposta, que foi imediatamente indeferida, por pertencer tal reliquia ao patrimonio da mesma Provincia! Como mudam-se os tempos...

Triste confronto das duas épocas, em que a mais recente delas manifesta, infelizmente, uma retrogradação de costumes no culto ás nossas veneraveis tradições...

Estas reflexões demonstram que não é licito a ninguém, seja qual fôr a sua posição social, desde o mais elevado até o mais humilde cidadão, invocar simplesmente ordens, mesmo em periodo revolucionario, para praticar atos contrários á evolução humana, retirando dos arquivos publicos documentos e reliquias, que são subsidios preciosos da nossa historia. Honremos o passado.

O coração sendo o ritmo da vida, em cada existencia individual: o culto ao passado é o ritmo da solidariedade humana, em cada existencia social". (Revista do Instituto H. e Geog. do Espirito Santo, n. 7, de Março de 1934, pag. 178).

Anchieta, como literato, organizou a gratica indigena das tribus que êle catequisou; bem assim o dicionário. Tambem o Padre Luiz Figueira se encarregou dessa tarefa literária, — na formação do dicionario dos nossos indios. Além desses tupinólogos que são estrangeiros, diz o historiador jesuita Padre Serafim Leite, escrevendo ao escritor Dr. Felix Pacheco, em Junho de 1934. "O Brasil tem tambem o seu tupinólogo, é o padre Pero de Castilho, natural da Vila do Espirito Santo, onde nasceu em 1572. Entrou na Companhia de Jesús, na Baía, em 1587, com 15 anos de idade".

O Padre Pero Castilho falava perfeitamente a língua indígena, que aprendeu na meninice, deixando um perfeito dicionário. Entretanto, é José de Anchieta o organizador inicial da nossa literatura. Anchieta era também um modelo de virtudes. Era tal a sua extrema bondade e o seu altruísmo que se lhe perguntava, como combater os corsários? Ele respondia: — *Afugente-os com o badalar dos sinos e com as preces à Virgem da Penha, que eles nos deixarão em paz!*

Muitos são os seus biografos, sendo o último o Padre Caxa, obra muito completa. Sejam os nossos sentimentos de brasilidade, zelar pela sua obra bemfazeja no Espírito Santo e na ex-Colônia; — Evangelizou as tribos e deu-lhes liberdade... Era a humildade obedecida pelos índios!...

Nós os capichabas, guardaremos o seu glorioso tumulo, em homenagem muito respeitosa, pelo muito que lhe devemos; bem assim, a sua humilde cela, em Rerigibá, onde ele viveu e deu o seu último gemido, zelada com todo carinho pelos magnânicos arcebispos D. Helvecio e D. Emanuel — queridos prelados, filhos do Espírito Santo, dignos de todo seu amor apostólico.

Incontestavelmente, está aqui no Espírito Santo, na terra que ele tanto amou e preferiu aqui morrer, — a maior reliquia cívica do veneravel Apostolo do Novo-Mundo — o fundador da nossa brasilidade — o seu tumulo!

ANTONIO ATHAYDE

Vitória, 9 — 9 — 1940.

A CELLA DO PADRE ANCHIETA

PESSANHA POVOA

NÃO FOI D'AQUELLES QUE AS PRAIAS DO
BRASIL AFFRONTAM PERFIÇOS.

— I —

Elle e Nobrega viveram nas aldéas da nossa amada Patria, cegos para o ouro, e surdos para outros actos.

Passaram por aqui, e atravessaram os ingremes declives da esperança, suppondo que o mundo seria um eterno feudo da egreja.

A terra européa ainda árida e melancolica, ficára além; e agora, entre fructos preciosos e fructas nunca vistas, caminham, não para o martyrio, e sim á conquista de paz para seus animos, de gloria para a Ordem.

Nada queriam pelas tentações do orgulho, e tudo pelos deveres da sua missão.

Nenhum d'elles vira o mar da Galliléa, as ribeiras do Jordão, nem as muralhas de Bethulia e Sapheto; mas traziam o que aplaina as montanhas e enche os abysmos: a fé.

Eram inspirados, e o abbade Gaume que Deus lá o tenha e Louis Vellot — ultramontano casaca, chamáram a elles — apóstolos do Novo Mundo.

Cá estiveram, mas, não nos preveniram dos eclipses, nem da aparição de um cometa que a andar como d'aqui vimos, já passou os limites do infinito.

O Nobrega era sagaz.

Anchieta — credulo, o mesinho.

Anchieta poderia aperceber-se de que o instincto creador da natureza é de tal sorte cego e inconsciente que elle dá, mais das vezes, origem ás producções mais naturaes e as menos conformes ao fim.

Nobrega era theologo; andava sempre armado com um rosario de dogmas; Anchieta era naturalista,

D'elle, pois, que morreu, alli em Benevente, é que eu quero tractar. Nasceu em Tenerife; Pico que eu já vi — indo por entre as ilhas de Hespanha.

Os d'alli são vivarachos; porém — o nosso Anchieta, não deu para *pêga*.

Quando elle vivia, em Coimbra — fermentava o residuo chamado — collegio dos jesuitas, onde, com 17 annos, professou.

Passou-se d'alli a Lâsbôa, e d'esta veio á Bahia, onde encontrou-se com o segundo governador geral — D. Duarte da Costa, muito familiar dos meus discipulos de historia, no Atheneu.

Ensinou latim e sabia, não tanto como o padre A. Pereira, e o padre A. Vieira; mas — ensinava e bem aos filhos dos colonos.

Não sei porque contratempo, pouco demorou-se alli; certo foi ter elle seguido para S. Vicente, onde encontrou-se com o Nobrega.

Nobrega fez prodigios para auxiliar Mem de Sá, que, tambem esteve aqui, quando o povo solicitou-lhe que tomasse conta da capitania, visto o donatario estar velho e enfermo; e de facto — tendo Vasco Coitinho — renunciado a capitania em favor da Coroa de Portugal, Mem de Sá nomeou Belchior d'Azeredo para o cargo de capitão-mór, e mandou dirigi-la.

Por sua vez, Anchieta — salvára as capitamias do sul, poupando guerras e dinheiro do Estado.

Elle até sujeitou-se a ficar como refem n'uma ilha, quando Nobrega déra conta da sua commissão ao governador.

Fizeram mais que os exercitos e as armadas de França, Hespanha e Portugal, donde todos nós descendemos, tendo d'Africa, apenas — um ou outro fio de cabello...

Venturoso Anchieta, que conheceu o indio convertido, o bravo espirito-santense Ararigboya — de quem o Dr. Joaquim Noberto, e Magalhães tanto disseram, e do não menos valente Cayoby, como do generoso Tebericá.

Mas... o padre Anchieta não vem aqui figurar de embaixador, nem de guerreiro.

— II —

Elle era provincial, era tudo; até escreveu um poema em latim. Acabou seu ultimo dia — em Iiritiba, ou Benevente, — onde fundára um collegio, — convento, egreja, escolas.

No dia 9 de Janeiro de 1597 — foi-se.

Nós — os historiadores ou escriptores profanos temos liberdade de empregar o estylo que nos aprouver, tractando de *pessoas santas*

com a mesma facilidade do Sr. bispo Lacerda, que diz contra os livres pensadores o que o Calvino não escreveu contra M. Servet.

Portanto, aquelle — *foi-se*, referindo-me á morte do velho e bom Anchieta, *est modus dicendi episcopi Lacerda*.

— III —

Bem cabida represalia seria a nossa, tractando de tão notavel sacerdote, como foi o nosso heróe...

Elle descansava, como Bossuet, na convicção de que Deus protege a virtude.

O ar, a luz, o mar, a selva umbroza da nossa Patria foram impregnados da vivificadora essencia da sua caridade.

Seus olhares douraram os montes de Benevente — e pratearam as aguas das suas restingas e veigas.

Athleta do catholicismo, na tua campa, eterna será a gratidão do povo espirito-santense; porque batalhaste pela liberdade dos indios, e te oppunhas a trega inveja dos que occultavam feitos de bravura dos valentes tupiniquins.

A tua estatua, ainda é rochedo; e a praça, por fóra do Claustro, onde tu divinisavas as theorias do Nazareno, legislador e philosopho, é hoje campo.

Não quizeras, como os porticos da Grecia, guárdados por emblemas fascinadores que em bronze tu surgisses; mas, vergonha! a tua canonisação...

E' por isso que a terra, ás vezes, chora, de trovões oppressa!

Si os dominios da morte nivelam-te na fatal extensão do teu sepulchro — maior que a sepultura, a historia vingará a indiferença dos posteros.

Eu tambem estive no teu convento procurando uma inscripção; e sem ser epygraphista, queria, — por entre as sonoras pedras que ouviram teus conselhos, achar o solio onde aos reis déste licções, e aos verdugos castigaste com o desprezo.

Felizmente houve quem, mais correcto e mais solemne, relembra-se a tua sacrosanta gloria.

Vinga-te J. Zeferino de Sampaio, — auctor da seguinte satyra:

ANCHIETA E BENEVENTE

Eis-me em fim em Benevente,
N'esta villa memoravel,
Pequenina, mas ridente

E de clima mui saudavel
A que vim? Ver alvas plagas,
Onde quebrar vêm-se as vagas
Em lençóis de argentes pannos?
Ou esta linda enseiada,
Lá ao longe terminada,
Na ponta dos Castelhanos?

Esta fila de cabanas,
Com esteios de inhahyba,
Cobertas das ouricanas,
Das margens do Reritiba?
Aquella igara abicando?
Um patacho carregando?
Uma sumaca ancorada?
D'isto tudo hei visto outr'ora.
Não cubiço ver agora:
Vim ver cousa mais sagrada.

Vim ver vetusto convento
Que n'este burgo existia,
Qual modesto monumento,
A' Assumpção de Maria!

Era erecto em lindo outeiro,
E foi o templo primeiro,
Dos fundadores do burgo;
Povos das mattas chamados
A' fé do cruxificado.
Por ANCHIETA o Thaumaturgo.

— II —

Onde existe esse templo venerando
Que viu, cousa mui rara, um anjo humano
Levita do Senhor?

Onde existe claustro — testemunha,
Das mais santas virtudes — quando n'elle
Seu santo fundador?

Onde existe a collina verde-florida
Em que sentado — á luz de Deus chamava
Padre Anchieta os Brasis?

Que á sua doce voz tudo esqueceram
A taba, o arco, a flexa — a liberdade
Até que eram Tupis?!...

Eil-o — pobres ruínas desprezadas
Aos insectos entregue — este convento
Onde Anchieta habitou!

E para mais escarneo aproveitaram
Parte d'esse sacrário para carcere!...
Quando "Elle" em tal pensou?!...

Que monumento attesta que estas plagas
Oscularam a planta do mais digno
Ministro do altar;

Que essa villa nascêr a seu aceno
Que os avós d'este povo foram homens
Por elle aqui andar?!

Nenhum? nem ao menos sua obra,
Preservou este povo que cahisse.
Na ruína em que jaz?

A cella onde morou, onde ideava
A ventura geral — tornada entulho!...
Benevente, é demais!

E eu que ainda suppunha que os humanos
Em reliquias tornavam o que dos justos
O contacto seutiu;

Eu que ainda julgava ser verdade
Que á Anchieta venerava Riritiba!...
Nem sabe que existiu!

Acaso, ó manso rio, te esqueceste
D'aquelle que fitando-te mil vezes
Devassava o porvir;

Ou sob tuas roupagens transparentes
Sem risco, ia prostrado revente
Os Psalmos repetir?

ANCHIETA



O ILUSTRADO P. SERAFIM LEITE S. J. ABRE O TOMO II DA "HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL" COM UMA REPRODUÇÃO DA TELA ANTIGA QUE VIU, DE ANCHIETA, NO GESÚ, EM ROMA. E A' PAG. 486 ESCRIVE: — "O SEU PRIMEIRO BIOGrafo ENUMERA AS SEGUINTEs VIRTUDEs DE QUE ERA ORNADO — ORAÇÃO, DEVOÇÃO, CARIDADE, MANSIDÃO, CONFIANÇA EM DEUS, OBEDIENCIA, HUMILDADE, POBREZA, ASPEREZA, CASTIDADE, MORTIFICAÇÃO E PACIENCIA. TAL ERA A SUA FISIONOMIA MORAL. DA FISICA TRAÇA SIMÃO DE VASCONCELLOS O SEGUINTE PERFIL: — "FOI O PADRE JOSEPH DE ANCHIETA DE ESTATURA MEDIOCRE, DEMINUTO EM CARNES, EM VIGOR DE ESPIRITO ROBUSTO e ACTUOSO, EM COR TRIGUEIRO, OS OLHOS PARTE AZULADOS, TESTA LARGA, NARIZ COMPRIDO, BARBA RASA, MAS NO SEMBLANTE INTEIRO ALEGRE E AMAVEL".



Cidade de Anchieta — Espirito Santo — Cella onde morreu
o Padre Anchieta

E vós, ó sabiás, jatis, canários,
Gaturamos, sahis, tropa canora
Que os bosques alegres;

Como ingratos humanos olvidastes
Aquelle que traduzia em lingua d'homens
Vossos sons festivos?

Não! — Ainda, de manhã a Deus saudando,
E á tarde, quando ao sol dedicaes ternos
Vossos cantos gentis,

E tu, Iiritiba, ao mar pagando
Teu tributo perenne, com saudades
ANCHIETA — repetis!

Monumento elle tem, não mais precisa,
Columnas e pyramides se acabam;
Que nos diga Memphis!

Monumento elle tem nas hecatombes
Que os falsos cathechistas têm imposto,
Aos netos dos Brasis

Cáia embora e se perca este edificio
Feito com o seu suor e o d'esses filhos
Que a Christo deu Tupan;

Tudo, tudo exterminem — será sempre
No céu de meu Brasil — José de Anchieta
A estrella mais louçã!...

Os homens se esqueceram — só os homens
E não a natureza — ella d'Anchieta
Jamais se olvidará,

Emquanto não seccar a Iiritiba,
E o mar que o recebe, e emquanto firme
Jazer o monte Aghá!!

O quadro é desolado, e bem indica dos governos e povos altos desleixos,

Si n'este momento repousas nas santas regiões do consolo, porque sempre tiveste entre o dever e o coração a muralha da setaina, nos sonhos do amor do proximo, que sempre foi a tua gloria, pede por est terra que pizaste, sem offendel-a.

As limphas socegadas da celestial estancia, entre palmas luzentes, e o rocio salutar dos bem-aventurados, podem retractar a terra da Virgem, onde teus ossos tanto se demoraram.

Intercede e te ouvirá.

As fontes bemdictas da graça que jorram por teu seio, deixem cahir algumas gottas que renovem a quasi podre superficie d'este sólo, onde, depois que tu forte, tantas calamidades e infortunidos temos visto.

Tu, que cantaste, em voz sentida, como o novo Tobias, as nossas risonhas tardes, dá-nos as manhãs, sem inverno, e um dia cheio de triumphos.

Condor de enormes azas que avoejaste de norte a sul na terra brasileira, e viste a innocencia do indio, a lealdade do selvicola, volta o cyrio da felicidade para estes pontos ermos e viuvos de artes, letras, sciencias e industrias; e sómente ricos de cousas bem inuteis!

Do dezerto que te ouviu praguejar contra o despotismo, mostra-nos seus thesouros.

Tu viste tudo: — a esmeralda dos campos, os santelmos nas aguas e o genio dos ermos.

Quando tu chegaste, já Cabral estava sepultado — na povoação da aldêa Velha, perto da cidade da Bahia; mas, ainda ouviste este dialogo entre o mar e a terra:

Tenho a aragem, que uma a uma
me beija as vagas de leve,
E em meus rosaes se perfuma.
Tenho a espuma côr de neve.

E eu a neve côr de espuma.

— Eu tenho a melancolia
Sublime do pôr do sol.

— Eu a infinita poesia
dos dobres da Ave-Maria,
E dos hymnos no arrebol.

Eu amo a lua e afogo-a
Com mysteriosos ardores;

Mais a elevam meus amores.
 Porque os teus braços são d'agoa
 e eu abro-lhe os meus em flôres.
 Os rios dão-me grinaldas
 fluctuantes nenuphares.

E eu das lagrimas dos ares
 Faço festões d'esmeraldas,
 E saphiras nos pomares.

Tenho as ondas desenvoltas
 dos temporaes. — E eu as fêras,
 tigres, leões e pantheras.

Eu tenho meus horisontes,
 Rasgados, amplos abertos.

E eu a extensão dos desertos
 E os topos brancos dos montes
 de neve eterna cobertos.

E eu tenho os gelos polares.

E eu as neves alpinas.

E eu tenho as perolas finas
 nos meus profundos algares
 Cavados em corallinas.
 — Pois eu tenho scintillantes
 Como lasca de uma estrella,
 as gemmas dos meus diamantes
 mas tenho cousa mais bella;
 Uns bellos olhos de amante.

.....

 Calou-se o mar tristemente;
 Mas cada vaga suspensa
 Mirava a terra, fremente
 d'aquella anciedade immensa,
que faz tremer! de repente.

Diz o mar com arreganho:

— Eu tenho essas ondas, vence-as

Na terra um silencio extranho!

A igreja de S. Sebastião, que o capitão-mór governador Salvador Corrêa de Sá fundara no morro do Castello, outr'ora monte de S. Januario, onde teve assento a primeira Matriz da nova cidade fluminense, recebeu, em uma manhã de festa, um ministro do culto divino, ali desconhecido.

Nessa hora estavam presentes o corpo capitular, os militares do Terço da praça velha, e o Prelado.

Aquelle sacerdote parou debaixo do arco cruzeiro, em frente á capella-mór, e depois de orar penetrou pelo reoncavo, e dirigiu-se a um sacerdote, onde estavam em oracã o Prelado D. Francisco de S. Januario e o padre João Pedro Tinoco.

Seguiram-se os Offícios Divinos e cantada a missa conventual, no meio dos fieis e bem no centro da porta grande da cathedral — aquelle ministro parou e disse: — *Em nome d'El-rei e da Santissima Madre igreja — ouvi-me.*

Bemaventurados os pobres; porque é delles o reino do céu.

Mas, qual é esta pobreza, tão preciosa, quaes são estes pobres ditos no céu, a quem o Senhor promete repartir o seu reino?

E pregou o sermão de S. Sebastião.

Quando concluiu, responde-lhe lá do solio o bispo: — *quem vocet divum populus mentis rerum rebus?*

Deus! ou nós, acudiu aquelle que o leitor já advinhou: era o padre *Anchieta!*

Nesse interim o povo quiz abraçar-lhe; o bispo agradeceu-lhe; mas, quando todos, por um só sentimento iam pedir-lhe a mão para protestarem por sua fé, beijando-a, acharam — bem no meio da parede do lado oriental, onde agora está o convento dos capuchos, a imagem do santo, esculpida na parede.

Elle não: porque, assim que pronunciou a palavra — Deus — os céos abriram-se...

Foi a primeira revelação praticada por aquelle que era em vida um santo, e não o foi depois da sua morte!

Oh! fraca humanidade!

Si o que dizem as Sagradas Letras é uma verdade, porque consentem ainda que, no mundo, subsistam os Ritos que, durante milhares de annos, foram e são conhecidos por *Mysterios*?

Si combatestes as doutrinas dos Gnosticos e Essenios, se perseguistes os que sustentaram a arte e a sciencia dos Magos, como não admittir os actos invisíveis de Deus?

A tua igreja, ó Leão XIII — canonizou neste seculo, no dia 8 de Dezembro de 1881, aquelles que neste charco, em relação a *Gloria* — chamaram-se o conego Derosi, Laurant o capuchinho, Labre — o peregrino, e a irmã Clara.

Onde tinhas a cabeça?

Os da congregação da Rota, aquelles que nem são ignorantes, nem supersticiosos, e ao contrario são prudentes em seus actos, circumspectos em suas palavras, os jesuita, não te lembraram, pelo menos — Anchieta, occultando o nome de Pedro Palacios, e do primeiro martyr da liberdade brasileira, o Tira-dentes?

Eram protestantes, calvinistas, lutheranos?

Eram positivistas?

Ou o movimento rapido das idéas do nosso tempo não produziu, unicamente, no Vaticano, uma erupção violenta em teu esclarecido cerebro?

Ha um padre nesta cidade, elevado á hierarchia da nobreza ecclesiastica, pois tem honras de conego, o qual, além de possuir o teu retrato, repete sempre que és sabio e virtuoso; pelo que, podem suppôr que virtude, em certos casos para a intelligencia, não é das melhores das suas funcções!

A igreja ha de canonizar o padre Anchieta, sob pena de subscrever a sentença que o seculo lhe impõe, de ser ella o typo do immovel e do iniquo.

E se não fizeres, ficarás nos limites do mais lastimavel paganismo.

E' preciso que aquella montanha da abnegação role para o abysmo da — graça.

E' preciso que a insufficiencia das pesquisas, do processo ecclesiastico, seja suprida pelo nosso testemunho e de outros.

Ao contrario, continuaremos, pelo menos nós, os povos por onde Anchieta passou e onde demorou-se, inconciliaveis com a theologia.

Dá-nos, oh! santo padre, dois santos para nossa igreja.

PEDRO PALACIOS.

JOSE' D'ANCHIETA.

Pedro Palacios erigiu a Ermida onde collocou a Senhora venerada sob a invocação da *Penha*; monumento que foi mais tarde, tão celebre, que a elle referindo-se, assim o recommenda um poeta;

Essa torre de Faro esclarecida,
Esse de Ephezo Tempo assombro humano
O colosso da ilha, a Grecia unido,
O famoso obelisco de Trajano;
A machina do Egypto, engrandecida,
O Palacio de Cyro soberano,
E o mausoleo de tanta architectura,
São confusos borrões d'esta pintura.

Nada roubou da *Curia Romana*, nem da Congregação dos Cardeaes;
Entretanto — edificou um convento, mais tarde melhorado pelos Franciscanos.

E como elle, o mesmo fez Anchieta, o qual além de outros, edificou o convento de Benevente, com uma collegiada, com Turno e Completa, e ensinou ao indio a agricultura, e a não matar seus semelhantes.

De Anchieta, tambem, outro poeta brasileiro disse isto — que chegará á Roma:

São d'esta especie os operarios santos
Que, com fadiga dura, e intenção recta
Padeceu pela fé trabalhos tantos,
O Nobrega famoso, o claro Anchieta;
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta.
Todo vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

A raça pury, a que mais infestou o littoral, indomavel e valente, cruzava flexas, anzões e jequiás quando Anchieta apparecia-lhe.

Os tupinambás, invenciveis, descendentes daquella raça, que era a mais antiga, davam-lhe rosarios da rezina de uma serpente que elles conheciam.

Na crença delles aquellas contas davam agilidade ao pé do guerreiro, profissão que elles attribuiam a Anchieta.

E também protegiam o viajante contra os caiporas da floresta, que o afastavam de seu caminho.

No dia do primeiro encontro de Anchieta com aquella tribo e esta, conta-se que elles viram de repente, o rio Iiritiba crescer, o vento deslocar as arvores, cairem cercas e fructas; e na praia alvoroçar-se o peixe que vinha morrer nas ribas e nos comoros.

No mesmo dia, finda aquella cerimonia, onde vê-se o velho cancello que divide o campo da igrája das terras de Manoel Martins de Jesus — um prestito desfilava, cantando umas funebres estancias.

Na frente, uma mulher, com voz desabrida, e dando cabriolas, predizia o destino dos vivos e cantava a vida e as façanhas do morto.

Era o indio Coxipó que morrera em um combate, e ia ter sepultura perto do mar.

Os homens com arcos e flexas, macas e atymbales grosseiros, e as mulheres com tacapes, cuias e plumas de diversos cores, respondiam ao hynno da morte, ou a monotona melopéa.

Mãos e gestos tinham um movimento mecanico.

Quando passaram pela pedra, que forma a collina, onde está a egreja edificada, viram aquelle vulto, e pararam.

Era o do padre Anchieta que orava, perseverante e resignado no desempenho de sua missão.

Venham os sabios da escriptura dizer!

Que segredo são estes da natural!

Agora a pedra é um vulcão que ali attrae povos e animaes de todas as veredas e avenidas.

Oh! enganadora terra, quanto nos illudes!

Teus bosques e palmeiras, teus reinos e teus caprinhos, as tuas tardes breves e as tuas manhãs longas, teu silencio e teus rumores, tuas fontes e teus astros, quem, mais ou quem melhor do que Anchieta os gozou e interpretou?

Elle, sim, que n'um extasi, abarcou o mundo; n'um olhar, avassalou o céu.

Oh! minha patria!

O Sol da tua juventude allumiou o estendal das olencias e dos lyrios em que elle perfumara o seu burel.

E foi por isso que no seu sepulchro nem um vizitante teve a lembrança de dizer que elle praticasse actos insensatos ou desvarios.

E' por isso que em uma tarde de Maio o Artifice divino sombrea aquellas paragens com o crepusculo igual a do primeiro dia da criação,

— III —

O Augure dos índios, que ali estava, disse a sua filha: — aquelle espectro é signal de um castigo ou de um amparo.

Depois seguiram.

Anchieta ficou.

Quando o sol transpõe o ocaso, a terna lua surge das regiões orientaes para remir-o, e nem sempre o surprende.

Aquelle sol do evangelho, o que espreitava, longe da egreja Christã, que lhe ficará — tão distante, pois o leitor deve recordar-se de que José de Anchieta apparecera — no morro do Castello, onde agora está situada a egreja de S. Sebastião, e desappareceu — sem que a multidão visse para onde seguira, ou onde ficara:

De repente, entre voserias dos índios que acabavam de dar sepultura ao morto Coxipó, ouviu-se fragoroso estrondo.

A rocha abriu-se, e o vulto de Anchieta se projectou entre clareões e canticos nos ares. Onde foi visto, pela vez primeira, fuctua um reflexo suavissimo; e conta-se, que em meio da noite da sexta-feira da Paixão — ha quem vá ao logar penitenciar-se.

Era por isso que, quando elle vivia, na hora em que celebrava o santo sacrificio da missa, em rasa e aberta praça, os índios viam, nos montes, atravez da neblina, palmas iriantes; e entre arcarias de lianas — ouviam as aves do céu dizerem:

;
Gloria a Deus!

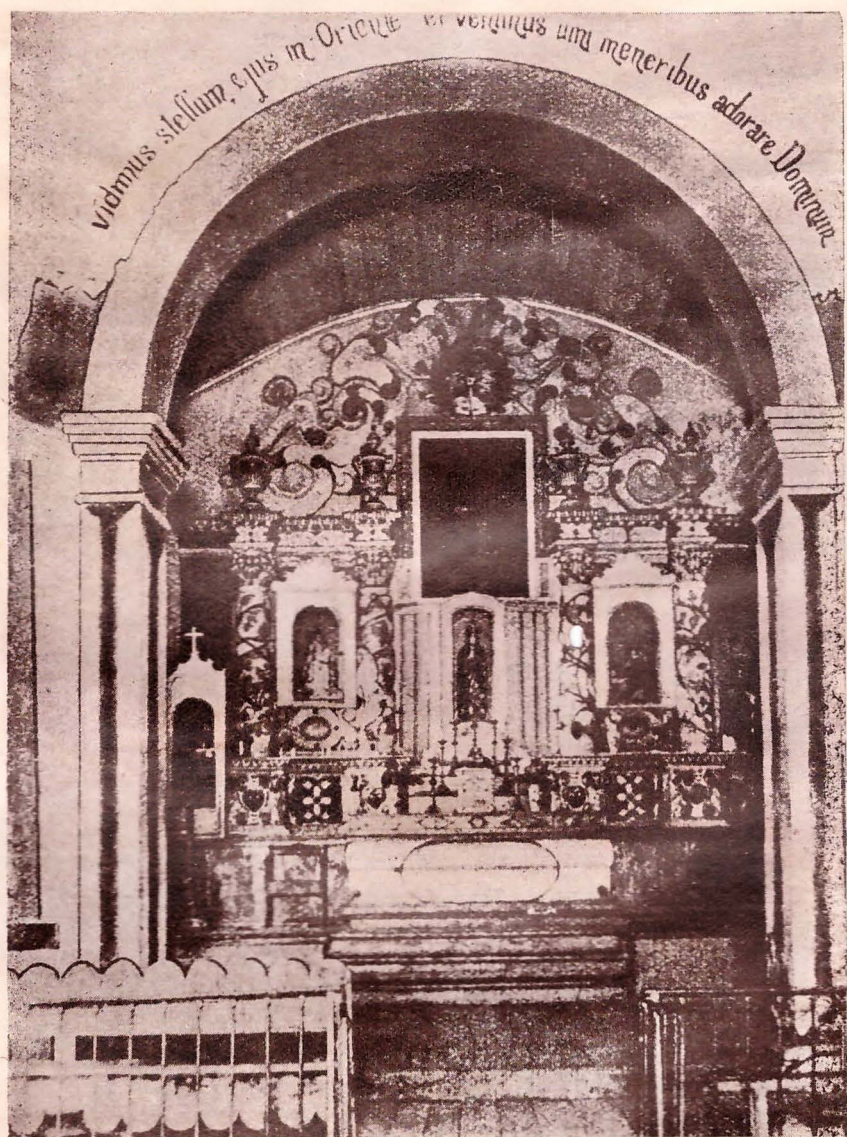
No largo do Areal dos Castellanos — ainda em 1619, existia uma columna de bronze, onde liam-se estas palavras:.....aqui esteve o jezuita Anchieta que por nós morreu, sem padecer castigos.

Sem fundo e sem luz, o deserto por onde elle passou, escuro e longo, guardou as suas pégadas; e em toda parte onde elle esteve, brotaram flores aromaticas.

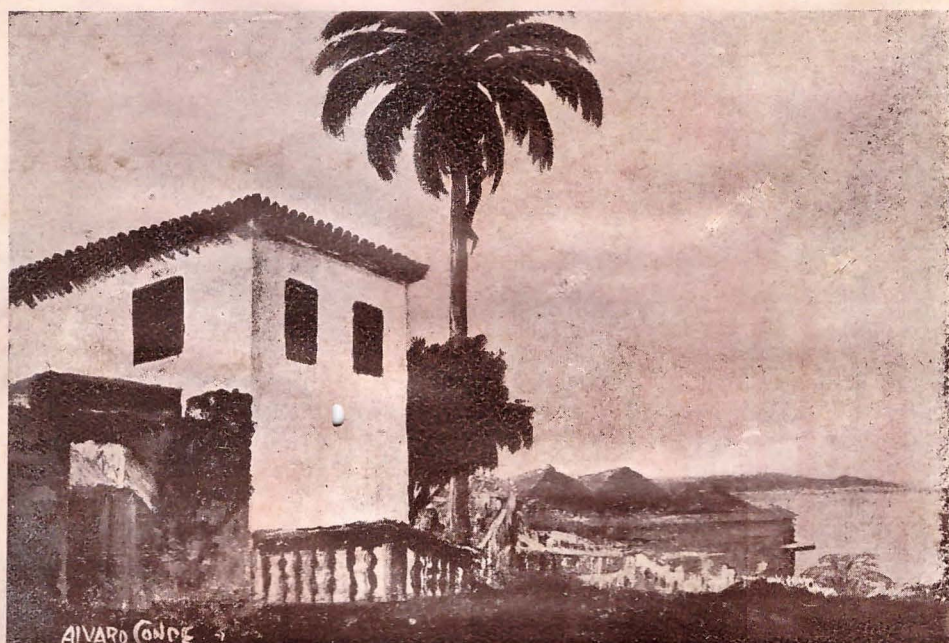
Mar, praia, sol e horisonte de Benevente deram-lhe o ultimo osculo.

Quando soaram compasadas as derradeiras horas da sua vida, o martyr da fé, sabendo que morria — cobriu o rosto, e antes d'aquelle derradeiro desanimo que é o tormento dos dyscolos, e o prazer dos justos, chamou os índios e, entrevendo os degrãos da sua bemaventurança eterna, soergue-se e pediu-lhes que, da lei que elle ensinou-lhes, não sahissessem.

Como o cactus que se abre ao contacto do primeiro rocio da noite, sorriu-se; e depois, com sublime tristeza — apertou as mãos de todos. Voltando o rosto para o lado onde surgiu a cruz, demorou — o olhar:



Altar-mór da capela da primitiva aldeia dos Santos Reis Magos, fundada pelos Jesuitas, atual Vila de Nova Almeida — Vê-se no trono uma famosa téla, pintura do século XVII



Cidade de Anchieta — Espírito Santo — Dependencia do
Convento dos Padres Jesuitas

e como si, já estivesse entre as visões das paragens mudas, alongadas e quietas, teve um tranqullo desmaio; e depois...

.....

A casa do santo nome de Jesus, em Coimbra — doada á Companhia de Ignacio de Loyola, e onde ha cursos de rhetorica, humanidades, lingua latina, theologia moral, explicação da esphera e principios de mathematicas, bem como o collegio que El-Rei D. João III entregara aos padres, destacando-o do governo da Universidade, estão em silencio!

Nem badála a sineta das aulas, nem cahe ao jardim-o velho claviculario do coro, e o porteiro da sachristia-mór.

L E N D A

— “Cobria o luar os montes, as searaç,
Os rios de crystal a penedia,
E d’essas ondas luminosas, claras,
Como de um banho, o espirito emergia.

Na solidão nem um pequeno insecto
Agitava de leve as azas finas.
Era um silencio tumular completo
Que envolvia em terror essas ruinas.

Sentinella da triste e pobre aldêa
O convento surgia no horisonte,
Ao longe, graniticas ameias
Ao perto o lamento d’uma fonte”.

Entr’as ramagens e heras resequidas,
Que treparam no adro pelas fendas;
Quantas inscripções ali ficaram
Das quaes architetaos estas lendas?

A COMPANHIA DE JESUS NO ESP. SANTO

D. JOÃO NERY

De tudo o que podemos obter a respeito dos grandes trabalhos da Companhia de Jesus na fundação desta Capitania, resultaram as seguintes informações, que desordenadamente transmittimos ao papel, como base para futuros e mais apurados estudos.

Suppõe-se que em fins de 1548, Vasco Fernandes Coutinho foi a Portugal e conseguiu de El-Rei a promessa da vinda de missionários Jesuitas para sua Capitania.

O facto certo é que em Novembro de 1549 passaram pelo Espirito Santo, vindos da Bahia, os PP. Leonardo Nunes e Diogo Jacome, demorando-se alguns dias na Victoria, talvez para ver as condições da nova missão, seguindo depois para S. Vicente.

Levaram comsigo nesta occasião um moço ferreiro de nome Matheus Nogueira, que foi depois irmão coadjutor.

Em Março de 1551 o Revdo. Padre Provincial enviou o Padre Affonso Braz e um irmão de nome José de Paiva, que foram recebidos festivamente pelo povo.

Muito agradeou a primeira fallação do Padre Affonso.

Ficaram estabelecidos em Villa Velha e, achando insufficiente para accomodar os fieis a capella que existia, trataram logo da construcção da matriz.

Nesse mesmo anno, acompanhando o donatario e grande numero de pessoas, mudaram-se para a Villa Nova (hoje Victoria).

Ahi chegando, ao mesmo tempo que deram começo ás obras do collegio, começaram provisoriamente a ensinar em uma casa, no principio da rua do Egypto, onde ficaram mais ou menos até o anno de 1562.

O Padre Nobrega, escrevendo em 1552 ao Padre Provincial de Portugal, dizia: *Affonso Braz tem cuidado do Espirito Santo, tem grande collegio, manda-me pedir meninos para principiar.* (*)

(*) Cartas Jesuiticas, pag. 96.

Em carta que, logo depois de chegar ao Espírito Santo, dirigiu o Padre Affonso ao Geral, faz elle sentir o desleixo que havia na Capitania e os vícios de que estava contaminada. O mau exemplo dos primeiros habitantes tinha sido imitado.

Em Janeiro de 1553, o Provincial Padre Manoe lda Nobrega, em companhia do Governador Geral Thomé de Souza, veio em visita a nova missão da Capitania, trazendo consigo o Padre Francisco Pires e quatro orphãos, vindos de Portugal.

Achou o Padre Affonso já á frente do collegio, e estabeleceu nessa occasião a Confraria do Menino Jesus.

Em Dezembro deste mesmo anno, passando por Victoria o Padre Leonardo Nunes, com o Padre Vicente Rodrigues e mais quatro religiosos, entre os quaes o irmão José de Anchieta, por ordem do Padre Provincial, levou consigo o Padre Affonso Braz, deixando á frente da casa do Espírito Santo o Padre Braz Lourenço.

Foi immenso o serviço prestado á Capitania por este venerando sacerdote.

"Entre as cousas de augmento espirital que elle fez, foi uma devota confraria com invocação da caridade: o instituto o mostrava: e era elle, que além da confissão e communhão nas festas principaes do anno e de Nossa Senhora, todos os que nella entravam, ficavam obrigados a procurar com todas as forças desarraigar dos vícios (os mais communs, juramentos e murmurações; com pena destinada em regra, que pagaria certa quantia de dinheiro para ajuda de casar uma orphã, todo aquelle que ou em sua pessoa fosse achado commetter os taes vícios ou os consentisse nos outros sem tratar de lhe applicar remedio conveniente assignado na mesma regra.

Porém entre todas as obras que aqui fez este varão uma tenho como rara e que denota seo grande espirito e obediencia; por que consta que residindo nesta casa por alguns annos, não teve nunca padre companheiro, nem ainda sacerdote de fóra que o allviasse nas obrigações exteriores do povo ou nas interiores de sua consciencia: e só tinha por companheiros irmãos (pela grande falta que havia de padres).

Bem se deixa ver quanta pureza de alma é necessaria, e quanta confiança em si e em Deos, a um homem que ha de administrar Sacramentos a outros, e não tem quem lh'os administre a elle; e quanto zelo seja necessario para que tendo por officio levantar os outros, não tenha, se cahir, quem o levante: ou é que sua consciencia lhe dá confiança de não cahir; ou que com risco de seo remedio (caso que caia) quer acudir aos outros cahidos: e isto é mais,

Este só sacerdote era o parochio daquelle povo todo; nem na propria, nem alguma outra egreja, havia quem pregasse, ou confessasse, ou doutrinasse, ou administrasse Sacramento algum: a tudo acudia um só Braz Lourenço incansavelmente; e como tal fructo que perdurou por muito tempo (*).

Juntava o Padre Braz Lourenço, a seu ardente zelo pelo progresso espirital do povo, um grande interesse e solicitude pela sorte futura dos miseros aborigenes.

Elle foi no norte do Espirito Santo o que o Padre Anchieta foi no sul: lançou as primeiras sementes dos aldêamentos.

"Tendo tido noticia que nas partes do Rio de Janeiro andavam em guerras cruéis duas nações de indios, chamados uns *Temiminós*, outros *Tamoyos*, que se destruiam e comiam uns aos outros: aproveitando-se da occasião (por industria tambem) tratou com o senhor e governador da terra, que então era Vasco Fernandes Coutinho que offerecesse agasalho ao Principal dos *Temiminós*, que estava de peor partido, e se chamava *Maracayaguaçu* (gato grande). Fez-se-lhe a embaixada, propondo-se-lhe, não sua menor força (porque tambem em peitos tão agrestes entram desconfianças), senão os inconvenientes e molestia da guerra; e que supposto que já em outras occasiões tinha dado mostras do valor de seus arcos, quizesse agora descansar e tratar de vida mais quieta; e que para isso lhe offerecia suas terras, favor e amparo e o dos padres da Companhia, que tambem já desejavam exercitar com elles o que com todas as nações do Brazil.

Acceitou o grande Gato o offerecimento: mandou Coutinho embarcações e veio com todos seus vassallos recolher-se ao amparo de seu benigno protector e dos padres, que já por fama conheciam.

Desta gente se formou uma populosa aldêa, onde pelo tempo em diante houve grande conversão de christãos.

A' fama destes indios *Temiminós* e do fructo que com elles obra-vam os padres, desceram dos seos sertões grandes levas de gente e entre estas o afamado *Pirá-obyg* (peixe verde) com grandes aldeas, de que era principal. E logo da parte de Porto Seguro desceram muitos d'outra nação dos *Tupinaquis* (2)".

A respeito da distribuição e collocação dessas nações de indios, ha differentes opiniões entre os historiadores.

De tudo o que observámos, parece-nos que *Maracayá-guaçu* e os seus fundaram a Aldêa Velha (hoje de Santa Cruz), *Pirá-obyg* fun-

(*) — Chronica da Companhia de Jesus. Livro 1.º, ns. 183, 184, 185.

(2) — Loc. cit.

dou a aldeia do Peixe Verde (onde depois foi a fazenda do Arce-diago Antonio Siqueira Quintaes, de cuja capella que foi consagrada ao C. de Jesus ainda ha vestigios), e os *Tupinaquis* fundaram Araçatyba.

Atevemo-nos a formular esta ultima hypothese, porque lêmos no Livro do Tombo de Itapemirim o seguinte:

"As aldeias do Campo de Araçatyba, conhecidas depois por Fazenda do Campo e de Araçatyba, fundadas em 1556 por Braz Lourenço, foram consideravelmente augmentadas pelos *Tupiniquins* e *Papanazes*".

Ora, sendo esta tribu que fundou as aldeas de Araçatyba, e havendo entre os chefes um chamado *Pirá-obyg* (peixe verde), donde naturalmente resultou para o antigo aldeamento de Guarapary o nome de Aldeamento do Rio Verde, segue-se que *Maracayá-Guaçu* foi o fundador de Aldeia Velha (Santa Cruz). Assim tambem pensa o sr. Daemon.

Continuemos a resenha dos feitos dos Jesuitas.

No mesmo anno de 1553 chegaram mais dous optimos auxiliares, os RR. PP. Diogo Jacome e Pedro Gonçalves, seguindo logo para a Aldeia Velha.

Sendo grande o numero de indios aldeados e havendo necessidade de augmentar os centros, para se evitarem luctas, foi fundada em 1557 a pequena aldeia do Campo, a tres leguas da Aldeia Velha e ao norte da hoje villa de Nova Almeida.

Em 1561 o Capitão-mór Belchior de Azeredo, com indios e escravos, tendo á frente o Padre Braz Lourenço, que empunhava o estandarte de S. Thiago e animava os habitantes da Victoria, fez fugir os francezes.

Todo o trabalho espirital do Padre Braz não lhe tirava o tempo necessario para as obras do collegio.

No anno de 1562 já estavam ellas bem adiantadas.

Tomou conta da Capitania no anno de 1564. Vasco Fernandes Coutinho Filho, que ainda no Padre Braz encontrou um auxiliar poderoso e dedicado.

Deu-se no anno de 1565 um facto que muito contristou toda a Capitania.

Achavam-se encarregados das aldeas Velha e do Campo os PP. Diogo Jacome e Pedro Gonçalves.

O Padre Diogo, depois de trabalhar incançavelmente, com zelo de varão apostolico, na cultura daquella gente barbara, viu-se de repente a braços com uma medonha epidemia de variola que assolou o pessoal das duas aldeas.

As casas se transformaram ao mesmo tempo em hospitaes dos doentes e cemiterios dos mortos. Foi um espectáculo lastimoso!

O Padre Diogo e o Padre Gonçalves mettidos entre aquella pobre gente de dia e de noite, eram os medicos, os parochos e até os coveiros.

O excesso de trabalho e dedicação do Padre Diogo o prostou com uma febre terrivel.

Com esta foi levado para a Victoria; mas, sentindo-se um pouco melhor, e lembrando-se das necessidades em que se achavam os pobres indios, voltou para as aldêas. Bem depressa teve que regressar para a Victoria, onde em Abril desse anno, expirou com todos os sacramentos, victima de sua caridade e zelo.

Foi enorme o sentimento do povo.

No anno seguinte, 1566, esteve no Espirito Santo, de passagem para a Bahia, o Padre Anchieta, que ia receber ordens sacras; encontrou, ainda viva, a dor que experimentavam os pobres indios pela morte do Padre Diogo.

Visitou pessoalmente as aldêas, ainda empestadas, e consolou os que sobreviveram.

Neste mesmo anno, em Dezembro, passaram o Governador Mem de Sá, o Bispo D. Pedro Leitão, o Padre Ignacio de Azevedo (Visitador Geral), o Padre Luiz da Gran (Provincial), e os PP. José de Anchieta, recentemente ordenado, Antonio Rodrigues e Balthazar Fernandes, ficando o Padre Antonio Rocha no Espirito Santo.

Em fins do anno seguinte, 1567, chegou a esta Capitania, vindo da de S. Vicente, o Padre Visitador Ignacio de Azevedo. Concedeu o gráu de Coadjutor formado ao Padre Antonio Rocha, approvou e reformou o Seminario, etc.

Além da casa de Victoria, visitou as aldêas, que então já eram as seguintes — a de Santa Cruz (Aldêa Velha), tendo annexa a do Campo, contando, apezar da epidemia, mil e quatrocentos arcos; a do Peixe Verde, perto de Guarapary; uma principiada em Benevente e outro em Roças Velhas (districto de Cariacica).

Em 1578 foi nomeado provincial o Padre Anchieta, e acreditamos que neste caracter esteve elle no Espirito Santo nos annos de 1579, 1580, 1584, 1585.

Em 1579 visitou o sul, onde, como vimos, lançou o germen de muitos aldêamentos, com a fundação de Reritigba; em 1580 visitou o norte, onde fundou a aldêa dos Reis Magos (hoje Nova Almeida), á margem do rio Apiaputanga (hoje Reis Magos).

Também concluiu o collegio da capital, que é actualmente residência do Presidente do Estado, e visitou outros muitos pontos da Capitania acreditando-se que chegou até os *Aymorés*.

Em 1584 conseguiu a demarcação do patrimonio de Reritigba, e em 1585 fundou a aldêa de Guarapary, segundo o sr. Daemon.

Em 1587, depois de ter deixado o Provincialato e sua residência do Rio, foi o Padre Anchieta nomeado Reitor do Collegio de S. Thia-go da Victoria, retirando-se logo depois para Reritigba, onde concluiu o collegio.

Apezar de cansado e fraco, em 1596 aportou a Cricaré (hoje S. Mateus), no dia 21 de Setembro.

Tendo allí encontrado, 18 kilometros acima da foz do rio do mesmo nome, alguns naufragos, animou-os e fundou uma pequena capella, que muitas vezes foi visitada pelos padres da Victoria.

A 9 de Junho de 1597 falleceu em Reritigba este santo e apostolico missionario.

O exemplo dado por Anchieta, conseguindo em Reritigba a demarcação do patrimonio para a aldêa allí fundada, foi imitado por outros padres. Assim em 1610, a requerimento do Padre João Martins, Superior da aldêa dos Reis Magos, o Capitão-mór e Governador Francisco de Aguiar Coutinho concedeu uma sesmaria para os indios daquella aldêa.

Em 1625 os Padres da Companhia animaram os habitantes da Victoria na expulsão dos holandezes.

Nesse mesmo anno, grassa de novo em Reis Magos uma grande epidemia de variola. Dois Jesuitas, missionarios itinerantes que voltavam do sertão, prestaram immensos serviços de caridade. Um delles era o Padre Domingos Rodrigues.

Em 1750 a estatistica dos indios convertidos e doutrinados pelos padres da Companhia, accusava o consideravel numero de *quarenta mil!* (*)

Nove annos mais tarde, a 19 de Janeiro de 1759, é passado em Lisboa o ingrato alvará de expulsão.

No dia 4 de Dezembro desse anno, chegou a Victoria o Desembargador Dr. Siqueira Ferraz, com ordem de sequestro, encontrando no collegio os RR. Padres Raphael de Jesus (Reitor), Manoel das Neves, Fabiano Martins, Antonio Pires e Pedro Gonçalo.

(*) — Todo o Estado tem hoje cerca de cento e cincoenta mil habitantes. Pode-se, pois, dizer que a terça parte é conquista dos PP. Jesuitas.

No dia 7 do mesmo mez, deixavam os Padres da Companhia de Jesus o Espirito Santo, embarcando no logar chamado hoje caes do Imperador.

O povo chorou amargamente este lastimavel acontecimento, que ia embarçar por muitos annos a prosperidade do territorio espirito-santense.

Em 1780, no mez de Abril, foi feita a avaliação de todos os bens dos Jesuitas.

Elevou-se a cincoenta e oito contos, seiscentos e tres mil, quatrocentos e oitenta réis (58:603\$480).

Tal foi a *grande riqueza* accumulada em *duzentos e oito annos*!

A historia imparcial ha de sempre referir-se muito honrosamente a esses immortaes apostolos da civilisação e do bem.

Sirvam estas ligeiras notas como uma homenagem aos primeiros evangelizadores desta Diocese e uma contradicção historica a tantas calumnias levantadas contra esses venerandos sacerdotes, cuja memoria é ainda abençoada por muitos filhos do Espirito Santo.

—X—

Apezar de não nos ser possivel dar uma relação completa de todas as fundações da Companhia de Jesus no Espirito Santo, não quize-mos privar a historia religiosa desse Estado do seguinte documento, que extrahimos da importante obra inédita do Padre Pires Martins — Livro do Tombo de Itapemirim.

Missões da Co

(NO SUL DO

MISSÕES					
N.º	Nomes	Data da fundação	Egrejas, Capellas e Oratorios nellas erectos	N. dos habitantes no tempo das Missões	Ns.
1	Guarapary	1585	Uma Igreja na Aldeia do Campo, dedicada a Sta. Anna, principiada em 1556 pelo Padre Affonso Braz e concluida por Anchieta em 1579. Uma Igreja em Guarapary, dedicada a N. S. da Conceição, construida em 1677 pelo donatario Francisco Gil de Araujo. Uma Igreja em Guarapary, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, edificada, bem como o Convento, por Anchieta, em 1585. Uma Igreja na Fazenda Engenho Novo, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, construida pelo Arcediago Antonio Siqueira Quintal. Uma capella em Perocão, dedicada a N. S. da Conceição, edificada por um Sacerdote.	6.000	1
					2
					3
					4
					5
					6
2	Reritigba	15 de Agosto de 1579	Uma Igreja na Aldeia de Reritigba, dedicada a N. S. da Assumpção, construida, bem como o Convento, por Anchieta em 1579.	7.000	1
					2
					3
					4
					5
					6
					7
					8

Companhia de Jesus

DO ESPIRITO SANTO)

ALDEIAS QUE LHE PERTENCIAO

Ns.	NOMES	OBSERVAÇÕES	
		Sua posição e distancia da Missão	
1	Guarapary (sede)	No litoral, á margem do rio — Guarapary.	1.^a — A Aldeia de Guarapary, que foi elevada a Villa por Alv. de 1.^o de Janeiro de 1679 posto em execução em 1.^o de Março do mesmo anno, foi pelo mesmo Alv. creada Parochia sob a invocação de N. S. da Conceição, tendo por Matriz a Igreja construida pelo Donatario Francisco Gil de Araujo, a qual serviu até o fim do anno de 1878, sendo então demolida em parte, por ordem da Presidencia da Provincia de 22 de Outubro do mesmo anno. 2.^a — Da Igreja de Sant'Anna da Aldeia do Campo, da do Sagrado Coração de Jesus do Engenho Novo, que gozou por algum tempo do beneficio de curada, e da de N. S. da Conceição de Perocão, não existem vestigios. 3.^a — A Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Guarapary, bem como o Convento, passaram ao dominio particular; d'este só existem as paredes exteriores e aquella, que estava abandonada, acaba de ser reparada para o fim de servir de Matriz. 4.^o — Das Aldeias desapareceram, porque suas terras passaram para o dominio particular, a 2.^a e a 6.^a; existem: a 1.^a que é actual Villa de Guarapary, a 3.^a, a 4.^a e a 5.^a.
2	Campo	No centro, á margem do rio da Fazenda, dist. de Guarapary 8 kil. 352 m.	
3	Una	No litoral, á foz do rio — Una — Está ao N. de Guarapary 9 kil. 900 m.	
4	Perocão	No litoral, á foz do rio — Perocão — Está ao N. de Guarapary 8 kil. 250 m.	
5	Meahype	No litoral, á foz do rio — Meahype — Está ao S. de Guarapary 11 kil. 550 m.	
6	Mãe-bá	No litoral, á marge da Lagôa — Mãe-bá. Está ao S. de Guarapary 14 kil. 025 m.	

1	Reritigba (sede)	No litoral, á foz do rio — Reritigba	1.^a — A Aldeia de Reritigba foi elevada a Villa com o nome de Villa Nova de Benevente por Alv. de 1.^o de Janeiro de 1759 e ordem do Vice-Rei do Brazil de 11 do mesmo mez e anno, que forão executados em 10 de Março de 1761, tendo sido, pelo mesmo Alv. executado nesta parte em Março de 1760, creada Parochia sob a invocação de N. S. da Assumpção, tendo por Matriz a Igreja edificada por Anchieta, a qual ainda serve. Na mesma data de 10 de Março de 1761 forão designados para os Vigarios os logradouros e passaes, de que trata o cit. Alv. 2.^a — Do convento só existem a cella em que morreu Anchieta, e toda a frente, que serve de Quartel, casa da Camara, e o pavimento terreo, de cadeia. 3.^a — Das Aldeias de
2	Cutinga ou Quatinga	No centro, á foz do rio — Quatinga: dist. de Reritigba 36 kil. 600 m.	
3	Jabaquara	No centro, á margem do rio Reritigba — dist. de Reritigba 26 kil. 400 m.	
4	Araquára	No centro, á margem do Rio — Araquára — dist. de Reritigba 24 kil. 750 m.	
5	Monte-Urubu	No centro, á margem do rio — Reritigba — dis. de Reritigba 13 kil. 200 m.	
6	Salinas	No centro, á margem do rio — Salinas — dist. de Reritigba 16 kil. 500 m.	
7	Obú	No litoral, ao N. de Reritigba 9 kil.	

Missões da Companhia de Jesus

(NO SUL DO ESPIRITO SANTO)

(Conclusão)

MISSÕES		ALDEIAS QUE LHES PERTENCIAO			OBSERVAÇÕES
Egrejas, Capellas e Oratórios nellas erectos	N. dos habitantes no tempo das Missões	Ns.	NOMES	Sua posição e distancia da Missão	
30 Uma Igreja no Orobó, dedicada a N. S. do Bom Sucesso, construída por Anchieta em 1580. Uma capella em frente da Aldeia de Piuma, dedicada a N. S. da Conceição, construída pelo povo em 1764.	5.000	1	Orobó (sede) . .	No centro, á margem do rio — Piuma — dist. do litoral 3 kil. 300 m.	1.^a — A Aldeia do Orobó desapareceu porque suas terras passarão para o domínio particular. 2.^a — O território de toda a Missão ficou pertencendo á Freguezia de Benevente até 1.^o de Fevereiro de 1836, data da Resolução Presidencial que fixou o Monte-Aghá para limite dos Termos de Benevente e Itapemirim, ficando porisso desde então pertencendo a este ultimo os territorios dos antigos aldeamentos do Aghá, Taipaba, Taóca e Piabanha. 3.^a — Nenhum vestigio se encontram da Igreja do Bom Sucesso e da de N. S. da Conceição sita em frente da Povoação de Piuma; esta ultima foi demolida em 1841 e substituída por outra na mesma Povoação, que, por sua vez demolida, foi substituída pela actual. 4.^a — Das outras Aldeias da Missão, deixarão de existir, porque suas terras passarão tambem para o domínio particular, a 3.^a, a 4.^a, a 7.^a e a 10.^a, e porque foram incendiadas em 1834, pelos inimigos dos indios nellas residentes, a 8.^a e a 9.^a, reaparecendo algum tempo depois a 8.^a com poucas casas; existem a 2.^a, a 5.^a e a 6.^a.
		2	Piuma	No litoral, á foz do rio — Piuma — Está ao N. do Orobó 4 kil. 950 m.	
		3	Iconha	No centro, á margem do rio — Iconha — dist. do Orobó 8 kil. 250 m.	
		4	Tapuama ou Itapuama	No centro, á margem do rio — Itapuama — dist. do Orobó 8 kil. 250 m.	
		5	Itinga	No centro, de frente do Orobó, d'onde dista 1 kil. 650 m.	
		6	Imbitiba	No centro, á margem do Rio Novo, dist. do Orobó 2 kil. 475 m.	
		7	Aghá	No litoral. Está ao S. de Orobó 4 kil. 125 m.	
		8	Taipaba	No litoral. Está ao S. de Orobó 9 kil. 900 m.	
		9	Taóca ou Itaóca	No litoral. Está ao S. de Orobó 10 kil. 550 m.	
		10	Piabanha	No centro, á margem do rio — Piabanha. Está ao S. de Orobó 21 kil. 450 m.	

dedicada a N. S. do Amparo, construída pelos Jesuitas em 1625. Uma Igreja na aldeia do Caxixe, dedicada a N. S. da Conceição, construída por Pedro Bueno Caccunda em 1754.

		teio (sede)	ignora-se sua posição por não haver vestígio della; ficava, porém, muito próxima á do Caxixe.
2	Caxixa ou Caxixe		A' margem do rio — Caxixe — um dos afluentes do Castello.
3	Ribeirão		Á margem do — Ribeirão — um dos afluentes do Castello.
4	Barra do rio Castello		A' foz do rio — Castello — afluente do Itapemirim.
5	Salgado		A' margem do ribeirão — Salgado afluente do rio — Itapemirim.

Setembro de 1633, e era sua em freg. de Porto de Caxangá, sendo substituída pela actual Matriz, edificada por Frei Paulo Antonio Cesar Novaes de 2 de Setembro de 1334 a 15 de Setembro de 1855; não existe também o oratório erecto na casa de Domingos de Souza Bueno Camargo. 4.^a — A Aldeia de Itapemirim foi elevada a Parochia, em Março de 1769 por acto do Diocesano que foi confirmado por carta régia de 31 de Maio de 1771, sob a invocação de N. S. do Amparo e tendo por Matriz a dita Igreja edificada por Carneiro. 5.^a — A Parochia foi elevada á Villa por Alv. de 27 de Junho de 1815 executada em 9 de Agosto de 1816, dando-se para património uma legua de terras que forão medidas e demarcadas em Setembro de 1825 pelo Ouvidor José Libanio de Souza e Juiz Ordinario Manoel Joaquim de Oliveira Costa. 6.^a — Das outras Aldeias, existe a 6.^a, e sob o dominio particular a 3.^a, 4.^a e 5.^a.

Montes do Castello foi elevada a Parochia por Alv. de 12 de Novembro de 1710 sob a invocação de N. S. do Amparo, tendo por Matriz a principio da pelos Jesuitas na mesma Aldeia, conhecida depois pelo nome de Aldeia Velha, e mais tarde a Eg. de N. S. da Conceição, edificada na Aldeia que gosava dos beneficios de curada por provisão do Diocesano de 2 de Novembro de 1754, sendo esta transferencia a causa por que foi a Freg. pelo nome de Freg. de N. S. da Conceição das Minas do Castello. 2.^a — Em 1765 a maior parte dos habitantes emigrou para o porto de Caxangá, levando o parcho Amaro da Silva Carneiro as Imagens de N. S. do Amparo e S. Benedicto, a Pia Baptismal, o sino, e os paramentos, que principio no Oratorio erecto na casa de Domingos de Souza Bueno Camargo, forão depois transportados para a Igreja que para a mesma Senhora e denominado Bello no referido sitio Balthazar Caetano Carneiro, Igreja esta que em Março de 1769 foi declarada parochial da nova Freg. de N. S. do Itapemirim por acto do Diocesano que foi confirmado por carta Régia de 31 de Maio de 1771. 3.^a — Foi assim extincta a Parochia de N. S. dos Montes ou de N. S. da Conceição das Minas do Castello, na qual não existiam em 1785 nem Aldeias, nem casas, nem Igrejas, nem fazendas, nem botocudos, senhores da localidade, tudo destruirão, restando apenas vestígios da Aldeia do Caxixe na actual Fazenda Povoação, pertencente a d'Almeida Ramos. 4.^a — Todo o territorio desta Missão ou por outra, todas as vertentes do rio Itapemirim ficarão pertencendo á Freg. de Itapemirim se achão divididas em diversas Parochias.

MEMÓRIA SOBRE A FUNDAÇÃO DE RERITIGBÁ (*)

(Escripta segundo a tradição)

Na madrugada de 12 de Agosto de 1579, a taba (1) de Reritigbá foi chamada a postos pelo som da inubia (2), tocada por seo morubixaba (3). Deixando prestes as inis (4), os bugres tupys, habitantes dessa taba, correram de todas as oças (5) para a ocára (6), levando seos uraparás (7), huis (8) e tangapemas (9). Pouco depois juntaram-se-lhes os guerreiros das malócas (10) visinhas, guiados por seo mossacaz (11). Reunida assim a cabilda inteira, o morubixaba de pé no meio da ocára, tendo pendente ao pescoço o seo alucará (12), annunciou que Tapuyas (13) emboipiris (14) se approximavam com intenções hostis; animou os guerreiros ao combate, dizendo-lhes que Pagé (15), a quem se tinha ido consultar em seo tujupar (16), augurava seos triumphos. Entretanto, os Tapuyas, que se achavam no Zivi levantarão seo acampamento e vierão assental-o na Quitiba, dispostos a durante a noite do mesmo dia 12, surprehender a taba e atacal-a, passando a enseada em ubás (17).

Duas circumstancias, porém, vierão arrefecer o enthusiasmo, com que acolherão a noite: o caapóra (18) elevou-se no alto da collina e a gargalhada lugubre de oiti-bó (19) echoou entre os rochedos e foi perder-se longe no oceano. Atemorizados os Tapuyas rumirão-se em conselho e deliberarão retroceder.

Tupan (20) não os protegeria.

Neste comenos, os de Reritigbá preparavão suas igáras (21), pondo nellas seos instrumentos de guerra e tomando cada mossacaz o yacumá (22) de cada uma dellas, mãos vigorosas, manejando os apécuitás (23), as impellirão com velocidade. Saltando do outro lado do rio, marcharão com precaução e de improviso cahirão sobre os Tapuyas: a inubia soou e o horrivel grito de guerra foi desprendido; o combate travou-se corpo a corpo e o tacape (24) era descarregado desapiedadamente sobre a cabeça do menos destro. Pouco durou a lucta: Os Tapuyas, já porque forão surprehendidos, já porque criam-se desprotegidos de Tupan pelas circumstancias acima referidas, fugirão em desordem, sendo perseguidos até Inhaúma, de onde os de Reritigbá, trazendo um prisioneiro, voltarão ás pressas porque no espaço refulgiu o tupa-beraba (25), seguindo-se logo o ribombar do tupa-inunga (26).

Chegando á taba, posto o prisioneiro em segurança e sob guardas, e serenada a tempestade, deitarão-se os bugres em suas inis. Raiou o dia 13; os bugres forão prestar aos mortos no combate os ultimos officios. **Postos** os cadaveres em iguaçabas (27) com suas

armas e inis, e com alimentos e bebidas que consideravam necessários para sua viagem às montanhas azues, o irmão mais velho ou parente mais próximo de cada morto foi preparar a tibi (28) na tibicoara (29); feito o que, seguiu-se o preito funebre composto: — 1.º das mulheres que levavam ao collo o seu membira (30) taira (31) do morto; 2.º dos parentes; 3.º dos amigos, lamentando todos e recordando os feitos e as proezas do finado.

O dia 14 foi destinado para o poracé (32) do triumpho das armas de Reritigbá; da iniciação dos guerreiros, que pela primeira vez se tinham distinguido; da nova condecoração com que ia ser ornado o peito do valente morubixaba; emfim do sacrificio horrivel do prisioneiro. Pela manhã, todos os bugres, homens e mulheres, forão como costumavão ao banho; em seguida os guerreiros, simples soldados, ornarão-se de plumas brilhantes e atarão aos tornozelos os guizos; os mossacazes tomarão, além disso, seos acanguapes (33), enduapes (34) e açoyabas (35); as mulheres puzerão seos collares e pulseiras, seos cinto de plumas e suas grinaldas também de plumas grudadas á cabeça com icica (36), pondo demais as virgens os seos tapacurás (37) e seus punhos e joelhos de pennas variegadas.

O uapy (38) tocou ao redor da ocára: acudirão os bugres e dançando ao som do m'acá (39), uapy, memby (40), torá (41) e uatapy (42), forão buscar o morubixaba, que sahindo de sua óca com todos os enfeites, trazendo pendente ao pescoço a insignia real, o aiucará, foi postar-se no meio da ocára. Ahi traçou no peito dos velhos guerreiros e nos braços dos novos o emblema de sua ultima victoria, com sarjas feitas com dente de cotia, sobre as quaes derramou tinta de urucú. E a dança continuou ao redor das iguaçabas, donde cada um tirava com bellas pacorazes (43) o apreciavel cauim (44) que bebia, no meio de gritos de alegria, á saude dos iniciados, do morubixaba, que ia enfiar no seo aiucará mais um dente de inimigo; emfim da taba inteira que ia espetar aos morões de sua cahicara (45) mais uma caveira. Houve um momento de repouso: sentados passavão os bugres de um para outro o immenso cachimbo, depois de pitar; grandes gamellas contendo a comida forão postas e ao redor dellas, de cócoras, comiam homens e mulheres, ao passo que á parte, o morubixaba, sentado sobre uma pelle de tapir (46) e recostado a um patiguá (47), comia do que lhe traziam os seos vassallos.

O uapy souo de novo: chegada era para o prisioneiro a hora fatal. Todos moverão-se; os homens tomarão suas armas; as mulheres deitarão nas maqueiras (48) seos membiras; a dança começou em torno do prisioneiro que se achava no meio da ocára arrastado com mussuranas (49).

Dentre todos distinguia-se o executor por seus extravagantes ornatos, o qual dirigindo a vítima as maiores injúrias e annunciando-lhe todos os martírios que ia sofrer, dançava brincando com o ivarapema (50); entretanto que as velhas, fóra da taba, esperavam o cadaver para esartejar-o e assal-o no bucan (51). Reinou silencio momentos depois; o executor alçou o ivarapema, quiz descarregar o galpe, mas o braço que sustentava o instrumento assassino, estava paralytico: os bugres olhão estupefactos ao redor de si, e avistão na praia caminhando para elles um estrangeiro. Pero! (52) é o grito que parte de todos os lados, e á ordem do chefe as huís partem de innumerous uruparás sobre o novo personagem, mas em vez de caminharem para o alvo, retrocedem e vão cahir ao lado opposto, fincando-se no chão suas hervadas pontas. A pontaria do gentio deixava de ser segura. A' vista de um tal acontecimento, novo grito dá-se e este grito dizia — Sumé!

E o personagem chegava só e inerte e pondo de parte o livro que trazia lendo, levantou a Imagem do Crucificado, fallou aos indigenas em seu idioma e annunciou-lhes a paz. E o executor lá estava como uma estatua: Sumé desamarrou o prisioneiro, tirou o ivarapema da mão inerte do executor, e a este foi restituído o movimento. Os bugres, por causa de um tal prodigio, levão a Sumé suas huís, que elle despedaçou uma a uma.

Quem era, porém, Sumé? Era o provincial dos Jesuitas; era aquelle que dedicando-se bem moço ao serviço de Deos, deixarão no torrão natal seus paes, parentes e amigos para vir propagar no Novo Mundo a Religião do Crucificado e chamar para seu seio esses milhares de selvagens que habitavão as Americas; era enfim, o venerando por muitos titulos José de Anchieta, Padre da Companhia de Jesus.

No dia 15 de Agosto de 1579, dia de N. Senhora da Assumpção, houve missa á qual assistirão os bugres, imitando em todos os movimentos os companheiros de Anchieta.

TRADUÇÃO DAS PALAVRAS INDÍGENAS DESTA MEMÓRIA

(1) Aldeia. (2) Instrumento marcial. (3) Chefe da horda. (4) Redes. (5) Casa coberta de palha. (6) Praça cercada de ócas. (7) Arco. (8) Frecha. (9) Clava de pau ferro. (10) Pequena aldeia. (11) Chefe da malóca, sujeito ao morubixaba. (12) Rosario de dentes tirados ao inimigo. (13) Inimigos. (14) D'outro lado. (15) Sacerdote. (16) Palhoça feita no meio do matto. (17) Jangada. (18) Phantasma das florestas, considerado de mau agouro. (19) Coruja. (20) Deos. (21) Canoa. (22) Leme. (23) Remo. (24) O mesmo que tangapema. (25) Relampago. (26) Trovoada. (27) Vasos de bar-

ro. (28) Sepultura. (29) Cemiterio. (30) Parido. (31) Procedente. (32) Festa. (33) Corôa de pennas, vermelhas e amarellas. (34) Tanga de pennas. (35) Manto de pennas pendente ao pescoço. (36) Grude. (37) Liga com que as virgens apertavam as pernas abaixo dos joelhos. (38) Tambor. (39) Cabaca, cheia de pedrinhas era instrumento de festa. (40) Gaita feita da canella do inimigo. (41) Instrumento de taquara. (42) Buzio. (43) Pequena cuia bordada. (44) Bebida feita de aipim. (45) Cerca. (46) Anta. (47) Caixa de junco. (48) Berço feito de junco. (49) Corda. (50) Clava com que matavam os prisioneiros. (51) Grelha. (52) Portuguez.

(*) — Extrahida do Livro do Tombo de Itapemirim.

A PREDILEÇÃO DE ANCHIETA PELO ESPÍRITO SANTO

Não ha dúvida alguma sobre a predileção do veneravel José de Anchieta pelo Espírito Santo.

Narra José Marcelino que êle escolheu Reritiba para sua residência, logo que terminou o seu tempo de reitorado em Vitória.

A ida do taumaturgo para Reritiba era um retiro definitivo, segundo Silvio Romero.

Refugiara-se ali, consoante expressão de Rocha Pombo.

Os historiadores se referem à escolha livremente feita por Anchieta, do lugar onde passar o resto da sua vida. Nenhuma outra região lhe foi mais agradável que esta, nas nossas terras e ao contacto com os que, então, as habitavam, embora empregasse êle a maior parte do seu tempo em obras de caridade, oração e penitência.

Aqui, enfim, escreveu a sua principal obra, principal sob o ponto de vista histórico-literário: a biografia de alguns missionários jesuitas no Brasil (*Brasilica Societatis Historia et vita clarorum Patrum, qui in Brasilia vixerunt*).

Este amor à nossa terra já havia Anchieta manifestado desde ha muito.

E' assim que se afirma que já em 1565 se estabelecera êle em Reritiba (Iiritiba, Reritgbá, Peritiba), levantando ali a capela de Nossa Senhora d'Assunção e casa de residência.

Existe tambem a tradição de que a sua presença em São Matêus, no dia consagrado a êsse santo, é o que fêz que se dêsse ao povoado já existente êste nome. Mas assegura-se tambem ter sido a aldeia do Campo como a aldeia Velha, fundada por Afonso Braz. Outros informam que o foi pelo próprio Anchieta, antes da de Iiritiba.

O memoravel jesuita é o fundador de Guarapari, já em 1585.

Em 1580, estabelecem-se os missionários em Nova Almeida, construindo, com os índios, a igreja dos Reis Magos.

Em suma, eram esses os cinco aldeamentos pelos quais tanto se esmerara e que, ao fim da sua vida, ainda percorria, "cuidando humildemente dos seus neófitos", como conta Rocha Pombo.

Esse destino que tiveram as nossas terras, desde o princípio se revelara, na providencial designação de Afonso Braz para elas, pois era este "insigne entre todos os outros", a aceitar o testemunho de Simão de Vasconcelos, a respeito. De quanto nos foi auspiciosa a vinda desse apóstolo dá-lo um dos nossos historidores, referindo-se a Diogo de Moura: "... submetem-se por fim os indígenas, rechassados e vencidos pelas armas e pela cristianização, pois em 1551 chegara a Vitória o jesuíta Afonso Braz, que dera princípio à fundação do colégio que hoje serve de palácio dos presidentes e fundara em 1556 e 1557 as aldeias de Campo e Velha".

A longa permanência de Anchieta fóra do Espírito Santo se deveu tão somente aos inumeros encargos do seu apostolado. E' assim que esteve quatorze anos em São Vicente, necessário a Nóbrega, por seu saber, habilidade e coragem.

Não é oportuno discutir o desacôrdo entre os biógrafos sobre a data em que Anchieta pediu dispensa do cargo provincial ou renunciou a elle e aquela em que foi substituído realmente pelo Padre Margal Beliarde, isto é, a duração exata do seu provincialato.

O que importa é considerr a incessante atuação de Anchieta, até à morte. A principio, simples estudante e irmão, e, depois, padre, taumaturgo, professor, catequista, historiador, administrador e politico, todas estas funções desempenhou-as eximiamente. Foi ainda humanista, linguista, poeta, dramaturgo, biógrafo e, de modo geral, literato, em português, latim, tupi e castelhano. O seu estilo, como poeta, é por todos enaltecido, pela pureza. Ronald de Carvalho exalta-lhe a imaginação "viva e colorida".

Isto, para recrescer a nossa gratidão para com o apóstolo do Brasil. E, para finalizar estas notas, a seguinte afirmação de Afrânio Peixoto: "Anchieta deixou fama de santidade; enquanto não sobe ao altar, deve estar no coração: é o símbolo magnifico, de virtude e saber, de amor ao Brasil e aos Brasileiros, os primeiros brasileiros, símbolo desse Apostolado Jesuíta, que nos creou".

AUGUSTO LINS

CARTA APOSTOLICA DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII

AO M. R. P. WLODOMIRO LEDÓCHOWSKI, GERAL DA
COMPANHIA DE JESUS

"Ao dileto filho Wlodomiro Ledóchowski preposito geral da
Companhia de Jesus

PIO PP. XII.

Dilecto Filho.

Saude e benção apostolica.

Sabes de sobejo o amor e a estima, que nutrimos em nosso coração, para com a familia de Santo Ignacio, que desde cinco lustros vens governando carinhosa e prudentemente.

Completando-se agora quatro seculos, desde que o nosso predecessor Paulo III, na Bula "Regimini militantis Ecclesiae", aprovou e legitimamente constituiu, com autoridade apostolica, a Companhia de Jesus, creio não admirarás o nosso desejo de tornarmo-nos, também nós, participantes de vossas solemnidades e de vossos jubilos.

Solemnidade esta que, apesar de parecer obnubilada por um véu de tristeza, ante a anciedade e calamidade presentes, não deixará contudo de constituir justo regosijo para toda a Igreja Catholica, da qual a vossa ordem é benemerita insigne, por quatro seculos de egrégias realizações.

Eis o que aqui queremos recordar brevemente, tanto para nossa como para vossa consolação, e também para que, rememorando as gloriosas empresas que, por vosso meio e pelo de vossos antepassados, levou a effeito a Divina Providencia nestes quatro seculos, vós lhe rendaes eternas acções de graças, e, ao mesmo tempo cheios de confiança, tireis dahi um novo impulso, para continuar incansavelmente na obra da maior Gloria de Deus, e salvação das almas.

Difficilimos foram sem duvida os dias, em que viveu o vosso Santo Fundador.

De uma parte, tal era o ardor pelo estudo da philosophia pagã, e a cultura humanistica de tal maneira inflamava os espiritos que, muitas vezes, os preceitos christãos, como se foram algo de somenos importancia, se lhes tornavam fastidiosos, ou por completo se desvirtuavam, vistos tão somente á luz da razão natural.

A mais disso, os costumes de muitos, às vezes daquelles mesmos que deveriam servir de exemplo aos outros, se mostravam remissos e debilitados, ou, o que é mais doloroso, se dissolviam na mais profunda das corrupções.

Não é pois de admirar que, irrompendo do Norte a tempestade dos Innovadores, tenha parecido abalar e despedaçar os fundamentos da própria Igreja. Não é de admirar-se, arrebatada toda a autoridade do poder ecclesiastico e negada toda obediencia ao Summo Pontífice, tantos povos e nações, separadas da unidade catholica, se tenham extraviado por caminhos invios.

Doutra parte porém, enquanto taes disturbios de idéas e de acontecimentos, traziam anciosos e sollicitos os espiritos dos bons, emquanto a força dos ministros sagrados pareciam debilitar-se, estendia-se ante seus olhos um novo e árduo campo de apostolado.

No Oriente e no Occidente realizavam-se innumeras e extensas descobertas; os povos, que lá se encontravam, não conheciam as verdades reveladas de Jesus Christo, e esperavam o dom de sua divina graça.

Em taes conjunturas houve um notavel acontecimento: parece que o proprio Christo tomou a seu cargo conservar, incolume de todos os perigos internos e externos, a sua castíssima esposa, concedendo-lhe ao mesmo tempo uma fecundidade espiritual uberrima. No jardim da Igreja, reverdecido por subita primavera, emergem e desabrocham bellissimas flores de santidade, trescalando odores suavissimos.

Homens e mulheres, eminentes em virtudes christãs, opõem uma barreira intransponivel á avassaladora torrente da impiedade. Empenham-se com cuidado e diligencia em obras de propagação da fé. Arrastam das invias trilhas do erro os povos e reconduzem-nos ao caminho reto da verdade, ora por meio da palavra cheia de enthusiasmo santo, ora por escriptos repletos de sabedoria, ora pela exemplo da própria santidade.

Entre todos estes santos varões que differem entre si como differem em brilho, umas das outras, as estrellas, é a todos evidente que Ignacio de Loyola occupa lugar de destaque e, a seu lado, a Companhia, por elle fundada, tem grande parte na realização destas grandes obras. E isto, justa e merecidamente.

Para nos servir das palavras do nosso predecessor, de feliz memoria, "attesta-nos a historia... que o orbe catholico, reforçado por Ignacio, com opportuno auxilio, pôde em breve respirar: nem é facil commemorar quaes e quantas tenham sido as obras que em todo o genero levou a cabo a Companhia, sob a chefia do seu Santo fundador e general. Ignacio.

Era de vêr a diligencia desses incansaveis religiosos em derrotar

victoriosos a contumacia dos hereges, em providenciar a renovação dos costumes, e restaurar a disciplina do clero decaído; em conduzir inúmeros ao cume da perfeição christã. Muitos delles, dedicando-se á instrucção da juventude, tanto na piedade como nas artes, asseguram as esperanças de uma posteridade christã. Entregam-se ao apostolado indefesso entre os infieis para trazel-os á fé, e estabelecer o reino de Christo nas novas possessões.

E'-nos dado asseverar portanto que, assim como Deus suscitou para outros tempos varões santos, assim para os novos erros daquella época, suscitou a Santo Ignacio e á Companhia por elle fundada.

Não só, podemos ainda asseverar que, no decurso destes quatro seculos, a familia immensa opoz com coragem invencivel ás novas e erroneas insurreições. Em suas necessidades mais prementes teve-os a Igreja a seu lado, recebendo delles os mais valiosos auxilios e os fructos mais diversos e mais salutaes.

São estes fructos que as nossas palavras de felicitação, posto que brevemente, desejam aqui rememorar.

E'-nos, antes de mais nada, summamente grato cumular de louvores a ASCESE INACIANA que, na mortificação e reforma do espirito, visa principalmente que "Christo seja tudo em todas as coisas", dirigindo tudo unicamente ao fim ultimo da maior Gloria de Deus.

Esta ASCESE INACIANA, tanto a vós como a quaesquer christãos, que tomam a pello sua salvação, graças a um costume que em bôa hora se introduziu, e proposta pelos Exercícios Espirituaes, segundo as normas de S. Ignacio, traçadas no aureo livrinho, a que chama de verdadeiramente "admiravel", em sua Carta Apostolica "Quantum secessus", nosso predecessor de antiga memoria Bento XIV.

Com effeito, quantos homens que, de todo entregues aos interesses materiaes desta vida mortal, se tinham esquecido dos bens celestes, quantos miseravelmente enredados nas malhas de paixões, no lamaçal dos vícios, abominatrando enfim em um retiro espiritual, entrando por algum tempo dentro de si mesmos, e, arrancando seus pensamentos deste Mundo, para transportal-os á eternidade, alcançaram a restauração da ordem interna, o perdão de seus peccados, a paz e serenidade de suas consciencias! desde que, livres dos negocios temporaes, podemos pelo retiro engolfar-nos na sabedoria divina, desde que, abafados todos os clamores dos cuidados mundanos, podemos sentir na meditação a doçura das eternas alegrias, poderemos então apalpar, quase, a veracidade daquellas palavras: "que aproveita ao homem ganhar o Mundo todo, se vem a perder a sua alma"; e com que luz vemos então que tudo o que nos afasta da eterna bemaventurança, ou que não ajuda para a alcançar, não passa de " vaidade e afflicção de espirito".

Com razão nosso predecessor Pio XI affirmou na encíclica "Mens nostra" que "os Exercícios espirituaes constituem um extraordinario auxilio para a salvação eterna". E porque o methodo especial, proposto por Ignacio de Loyola nesta materia, tanto se avanta, anuindo aos desejos dos sagrados pastores, constituiu solemnemente ao mesmo santo, pelas Lettras Apostolicas "Summorum Pontificum", celeste padroeiro de todos os Exercícios Espirituaes.

Estimem pois sobremaneira os filhos de S. Ignacio este methodo e em determinados dias abracem-no, com todo o ardor de sua alma, olhando-o como o berço de sua Ordem.

Quando, segundo reza a tradição, vosso Santo Fundador se entregou a elle na gruta de Manresa, levando ahi uma vida silenciosa de meditação e oração, afastado do bulicio dos homens, foi então que sua mente illuminada por celestes resplendores, concebeu o plano da nova milicia sagrada — a Companhia de Jesus.

Sabemos com effeito que, desde os seus primordios a vossa Companhia, não só se entregou inteiramente e com todas as forças a defender a integridade da genuina fé catholica, contra os sagrados direitos da Igreja e dos Romanos Pontifices, senão também em propagar por toda a parte a religião christã, por meio dos seus apóstolicos semeadores da palavra divina.

Quem, ainda que de leve, percorra os vossos annaes, ahi encontrará multidão de feitos gloriosos, os quaes merecem ser gravados com letras de ouro, não só nos vossos, mas também nos annaes da Igreja Catholica.

Aqui chegados, acorrem-nos á mente os nomes daquelles santissimos varões, que, como Pedro Canisio e Roberto Bellarmino, ambos declarados doutores da Igreja pelo nosso immediato predecessor, em disputas e com sapientissimos escriptos, refutaram os negadores da doutrina catholica, illustrando-a sobremaneira em volumes de subido valor, que elles nos legaram. Outros, como Pedro Claver, João Francis'o Regis e Francisco de Jeronymo, com zelo incendiado, e trabalhos indefesos, ora conduziam ao redil de Jesus Christo multidão quase innumera de homens, instruindo-os primeiro nos preceitos divinos para depois regenerar-os pelo sacramento do Baptismo, ora reconduziam os desviados a uma vida mais consentanea com a fé christã. Outros, finalmente, como Francisco de Borja e José Pignatelli, empunhando as redes do governo da vossa Companhia com mão firme e experimentada e constante, formaram, amoldaram, afeçoaram, guiaram e inflammaram no fogo da caridade divina, esses denodados e incansaveis operarios evangelicos.

Nem ficaram esquecidas as regiões longinquoas. Com effeito, quando o animo agigantado de Ignacio esboçava a nova Ordem, elle

tinha-as na sua mente. Dahi que, logo nos principios da vossa Companhia, por ordem do nosso predecessor Paulo III, aquelle illustre filho de Ignacio, Francisco Xavier, entregou-se ao apostolado de submeter-as ao suavissimo imperio de Christo-Rei. Ao depois os nossos predecessores os Summos Pontifices proclamaram-no Apotolo das Indias e Padroeiro de todas as Missões. Desde então seguiram-lhe as pegadas, sem interrupção, esquadões de filhos da mesma Companhia, continuando até hoje no seu encalço os pregoeiros da verdade evangelica, a lutarem por toda a parte com solicitude incansavel.

Nem faltaram numerosas phalanges de martyres, os quaes, depois de tolerar innumerados trabalhos para, por todos os meios, promover e defender a religião, derramaram o seu sangue com animo varonil pela fé de Jesus Christo, em todos os recantos do mundo.

Se os inimigos do divino Redemptor e de sua Igreja desencadearam, contra a vossa Companhia, odios e rancores insolitos, isto, longe de ser deshonra, constitue para vós motivo de summo louvor. Todo aquelle que segue a Christo Senhor com especial fidelidade e amor operoso, é de certo modo necessario seja objecto de inveja e de execração por parte dos perversos. E' isto o que já predissera nosso Salvador para seus Apostolos: "... Sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome". "Se fosseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas como não sois do mundo, mas eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia".

Não desfalleçaes, portanto, em meio a quaesquer perseguições, accusações, calumnias; mas, lebrados daquellas palavras: "Bemaventurados os que padecem perseguição pela justiça, porque delles é o reino dos céos", prosegui com animo alegre nos vossos santissimos emprehendimentos, regosijando-vos sobremaneira como os Apostolos "porque fostes julgados dignos de padecer injurias pelo nome de Jesus".

Além disso não podemos passar sob silencio as benemerencias insignes que a vossa Companhia conquistou nesses quatro seculos decorridos, na formação recta e sabia da mocidade. Não desconheceis, por certo, o momentoso da obra. Sabeis que, não só o futuro das nações, mas até da mesma Igreja depende em grande parte das directivas e das doutrinas hauridas nas escolas; porque taes, pela maior parte das vezes, serão os cidadãos, serão os fieis, quaes os tiver affeioado a educação recebida na idade juvenil.

Apresentamo-vos, portanto, os merecidos louvores, porque, em quase innumeradas casas de educação, de tal forma cultivaes com a sciencia e plasmaes com a virtude a mocidade tenra e delicada, que ella retrata ao vivo a vida christã, dando assim optimas esperanças para o futuro.

Com razão a esta mocidade apresentaes, como modelos a imitar, os exemplos daquelles santissimos jovens, que, como Luiz Gonzaga,

João Berchmans e Estanislau Kostka, conservaram candido e illibado o lyrio da sua integridade virginal, circumdando-o com os espinhos da penitencia.

Não sómente vos preoccupaes com a educação da mocidade; mas, scientes das recommendações que nas Constituições vos deixou o vosso pae e legislador, que previa as necessidades dos tempos por vir, santa e religiosamente formaes nas escolas superiores e nas universidades o clero, esperanças da Igreja. E' o que egregiamente cumpris nesta Alma Cidade quase sob os nossos olhares, na Pontificia Universidade Gregoriana e nos Institutos a ella annexos. Preparaes assim homens de todas as categorias, que amanhã possam desempenhar com desembaraço e competencia os cargos, tanto da vida particular como da vida publica.

Para esta formação concorrem poderosamente essas escolas de piedade e apostolado christão, as Congregações Marianas, com as quaes a Igreja de Christo pôde sempre contar, como com tropas auxiliares, arregimentadas e batalhões pacificos sob o estandarte da Virgem Maria.

Continuae a levar por deante estes santissimos apprehendimentos, com a vossa costumada alacridade; mas não descanseis á sombra dos louros colhidos; pois ainda ha muito por fazer.

Com effeito, ha logares em que a juventude frequenta aulas e escolas nas quaes o erro disfarçado sob o manto da verdade, illaqueia os espiritos, e onde o sopro da impiedade corrompe lastimosamente os costumes. Não se devem poupar sacrificios, para que em todos estes logares se ergam institutos, onde se propine sã formação, mediante estudos aprimorados. Ah! não só se ministrem ensinamentos solidos, mas tenham tambem os ouvintes sempre sob os olhares o exemplo de todas as virtudes christãs.

Não vos canseis de sustentar e de melhorar as demais obras de religião, de caridade e de zelo.

Os vossos antepassados legaram-vos luminosos exemplos em todos os campos de acção e em todas as sciencias. Trilhae, pois, os caminhos que elles trilharam, com entusiasmo e resolução. Suas virtudes e suas vidas santas vos animem e vos incitem a sempre mais nobres iniciativas.

Os tempos modernos em que vivemos, pedem, com effeito, até nas coisas espirituaes novos planos, novas industrias e novos meios para attender, como é de razão, ás necessidades prementes e muito mudadas desta nossa idade. Dae-lhes a importancia que merecem, com o vosso entusiasmo costumado. Ponde todo o empenho para que, tudo quanto introduziu o nosso seculo adulto, tudo sirva para melhor e mais profundamente consolidar e cada vez mais dilatar dentro e fóra, o Reino de Jesus Christo.

Comtudo, o Instituto a Nós e a vós carissimo, deve permanecer sempre o mesmo: o mesmo, o governo em que se funda; o mesmo, o espirito que o vivifica, identico, em fim, o amor encedradissimo á obediência e ao respeito, que tão porfiada e tenazmente vos unem a esta Sé apostolica.

De resto, não ha por que exhortar-vos neste particular, quando já o nosso predecessor de immortal memoria, Pio XI, nas suas Letras Apostolicas "Paterna caritas", manifestou a sua vontade de querer que a Companhia se mantivesse inalterada, confirmando-a de novo com a sua autoridade; e, porque é character distintivo e peculiar da vossa Ordem Religiosa, e quasi herança sagrada, transmittida pelos vossos maiores, manterdes incolumes e inalteraveis as vossas coisas e melho-ral-as cada vez mais.

Para que, quanto nestas Letras escrevemos, dilecto filho, mais em louvor vosso do que para vos excitar, tenha, dia a dia, a sua feliz real-ização, é, com todas as veras, que para vós pedimos a Deus os favo-res celestiaes.

Assistam-vos do céu, sobretudo nesta data faustissima, o vosso Pae e Legislador, que se gloria em seus filhos; assistam-vos aquelles santissimos varões, em numero incontavel, que tanto illustam a Com-panhia Inaciana com seu saber e suas virtudes. Que elles vos al-cancem do Coração Santissimo de Jesus, cujo culto e devoção, com ar-dor incansavel vos esforços em promover, em meio a todas as classes da sociedade, sobretudo mediante o Apostolado da Oração, graças di-vinas em profusão, e fructos uberrimos de santidade e de apostolado.

Para que estes fructos de santidade sejam ainda mais abundan-tes queremos. Nós tambem, prodigalizar algo dos thesouros da Igreja.

Portanto, com todo o affecto, concedemos que no dia 27 do pro-ximo mez de Setembro, dia solemne em que se commemora o vosso quarto centenario, — ou em qualquer outro dia, á escolha dos vossos superiores, onde esta commemoração se celebre em data diferente, — cada membro da vossa Ordem e todos os fieis devidamente confessa-dos e commungados possam lucrar indulgencia plenaria, devotamen-te visitando qualquer Igreja da Companhia ou a seus cuidados con-fiada, ahí orando pelas nossas intenções.

Entretanto, penhor dos dons celestes e prova da nossa paternal benevolencia, a ti, dilecto filho, e a todos os filhos e alumnos da Com-panhia, vos damos, com toda a effusão da nossa alma, a Benção Apostolica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, a 6 de Julho, oitava da festa dos SS. Apostolos Pedro e Paulo, anno de 1940, segundo do Nosso Pontificado.

A MAIS ANTIGA BIOGRAFIA DE ANCHIETA

No livro PAGINAS DE HISTORIA DO BRASIL, de autoria de Serafim Leite e editado em 1937 pela Companhia Editora Nacional, divulga-se interessante biografia de José de Anchieta, escrita por Quirício Caixa, pouco depois da morte do Apóstolo do Brasil, em cumprimento de determinação do Provincial Pero Rodrigues. A existência dessa biografia não era desconhecida, e sim, apenas, o seu paradeiro. Teve a sorte de descobri-la Serafim Leite, em tres exemplares manuscritos, um em Roma, outro na Biblioteca Municipal do Porto e o terceiro na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa.

Primeiro trabalho sobre a vida e morte do grande jesuíta, o seu valor como documento histórico não poderá ser posto em dúvida, tanto mais que o seu autor baseou-se em informações fornecidas pelo próprio Pero Rodrigues. Quirício Caixa, "pregador de fama, catedrático de teologia e um dos poucos professores de quatro votos dos primeiros tempos", fôra escolhido para escrever essa biografia por possuir, certamente, qualidades de narrador criterioso e competente, nem competência e critério poderiam faltar ao Vice-Reitor do Colégio da Bahia. Uma cousa parece certa: não se deixou dominar pela fantasia que dá a outros trabalhos posteriores, sobre o mesmo tema, aquele arôma peculiar às lendas. Lendo essa primeira história de Anchieta, chega-se a duvidar da veracidade de algumas das passagens da vida do Apóstolo contadas por biógrafos tais como Simão de Vasconcelos. A execução de João Bolés, que forneceu argumentos ao *Advogado do Diabo* para impedir a canonização de Anchieta, Quirício não a registra. Não teria sido produto de mal inspirada fantasia? Serafim Leite chama a atenção para isso, dizendo: "Note-se também a ausência de alguns exageros de Simão de Vasconcelos. E da pseudo-execução de João Bolés, nada!" E são ainda do ilustre autor de PAGINAS DE HISTORIA DO BRASIL as seguintes palavras com que remata os seus comentários sobre o trabalho de Quirício: — "Tal é a primeira biografia do Apóstolo do Brasil. Pero Rodrigues ampliou a que ele próprio tinha mandado escrever a Quirício Caixa. Simão de Vasconcelos exagerou-a. Antonio

Franco resumiu-a. Os autores seguintes, e são muitos, repetiram mais ou menos a Rodrigues, Franco e Vasconcelos. Acrescentaram-lhe algum pormenor disperso, mas a diferença de uns para outros é quasi só de estilo. Neste ponto preponderam Celso Vieira, Pedro Calmon e Jorge de Lima".

Demonstrado, assim, quão valioso é o documento histórico em apreço, vejamos como nele se relata a morte de Anchieta:

"Teve sempre o Padre José no Brasil doenças, causadas como de raiz da que teve em Portugal e do desencardenamento das costas, e ajudadas nesta terra com os muitos trabalhos, frios, fomes, cansaços e outras mil incomodidades corporais. Mas, com o grande vigor do ânimo e força do espirito e idade, a todas contrastava e de nenhuma se deixava acanhar nem sopear, até que ajuntando-se com elas a velhice e muita idade o derrubaram e venceram.

Estava na Capitania do Espírito Santo, e achando-se já muito fraco, desejou que o levassem a alguma aldeia de seus queridos e amados indios. Parece queria entregar a Deus o espirito, entre aqueles entre os quais havia ganhado, com muitos trabalhos, grande parte da perfeição d'ele. Esteve aí alguns dias fazendo a doença alguns termos diferentes, até que, sendo o Senhor servido de lhe dar o ditoso premio de seus trabalhos, que, por seu amor e das almas que ele creou e com seu sangue remiu, tinha em 44 anos pedacido no Brasil, apertou-o tanto a doença que o acabou, recebidos os sacramentos com muita devoção, a 9 de junho de 1597.

Acharam-se á sua morte cinco Padres dos que residiam nas aldeias, que logo entenderam em o levar á villa, temendo-se de alguma notável corrupção, porque por alguns sinais que em sua doença viam, se tinham persuadido que tinha gastados os intestinos e membros interiores. Em sabendo os indios das aldeias de sua morte fizeram um grande pranto como soem fazer na morte de seus mul grandes principais. Porque bem entendiam, que haviam perdido um pai que muito os amava e trabalhava muito por elles. Já na villa se sabia sua morte e querendo o Senhor honrar seu servo com um nobre e solene enterramento, causou um notabilissimo abalo e movimento em toda a gente da Capitania.

Acudiram ao porto onde haviam de desembarcar com ele da passagem de um rio, o Administrador, com todos seus clérigos, os religiosos de S. Francisco que ali têm casa, o provedor e irmãos da Santa Misericórdia com sua bandeira e tumba ricamente ornada, todas as confrarias com sua cêra e todos os mais da villa, altos e baixos, grandes e pequenos, homens e mulheres, escravos e forros. E

com esta pompa e honrado enterramento, que era tudo o que podia dar a terra, o trouxeram o provedor e irmãos mais nobres da Misericórdia em sua tumba até á porta da Igreja, onde os nossos Padres o tomaram e o levaram ao lugar da sepultura. O Administrador com seus clérigos e os religiosos lhe fizeram o officio com toda a solenidade e música, e ao outro dia lhe disseram a missa, e pregou o Administrador, dizendo ele muitas coisas de muito louvor, chamando-o Apóstolo do Brasil, e dizendo que bom pai e protector haviam perdido assim todos os Indios como Portuguezes. Houve grandissimo movimento de lágrimas em todos geralmente, assim no acompanhamento da praia como no officio e pregação, porque de todos era geralmente amado e reverenciado e muitos pela opinião grande que tinham de sua santidade, em vês de o encomendarem a Deus, se encomendavam a ele, que os favorecesse com Deus, tendo por certo que estava diante dele, gosando sua glória. Morreu de idade de 64 anos dos quaes serviu a Deus 47, e os 44 no Brasil”.

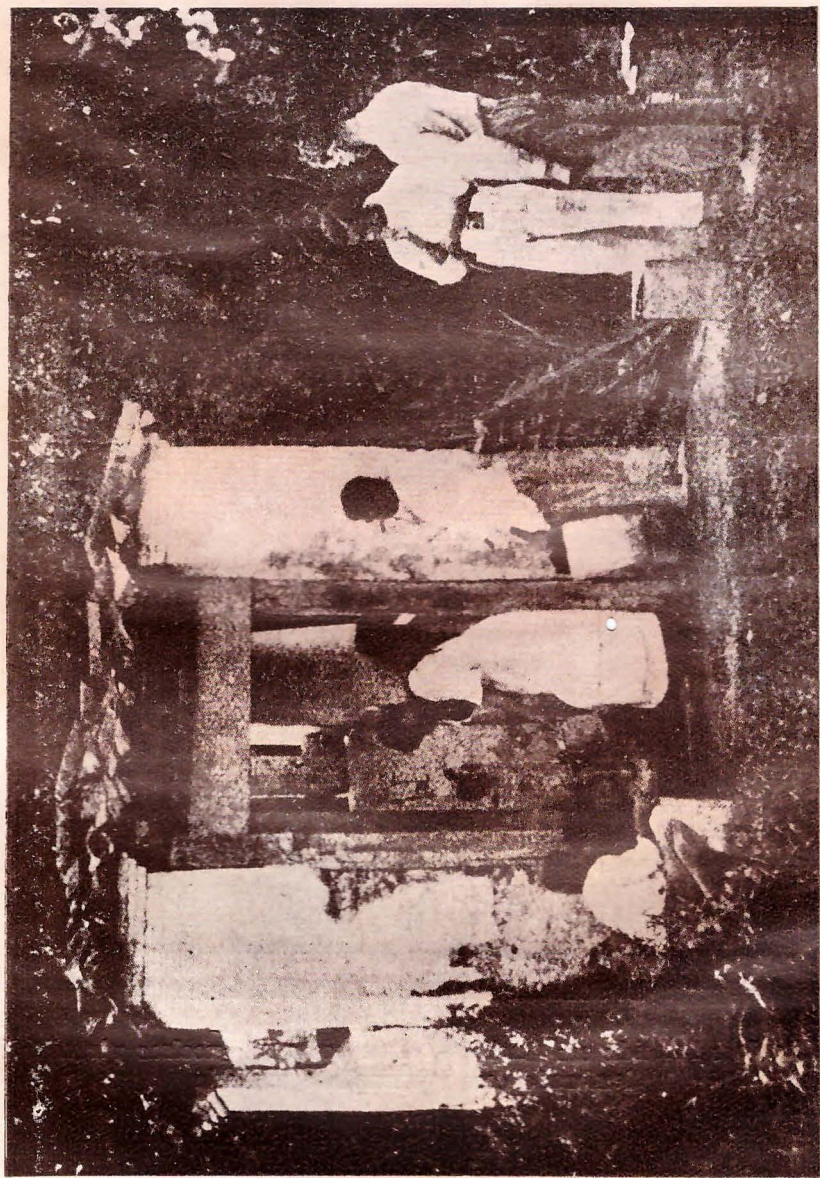
Se dúvida ainda perdura acêrca do local em que o Apóstolo entregou sua alma a Deus, já que supõem alguns haja isto acontecido no decurso da penosa viagem, podemos já agora afirmar, com segurança, achar-se em Reritiba esse local historico, digno de nossa plebea veneração. E o afirmaremos baseado no testemunho de Quiricio Caixa: “Esteve aí alguns dias fazendo a doença alguns termos diferentes, até que... apertou-o tanto a doença que o acabou, recebidos os sacramentos com muita devoção, a 9 de junho de 1597. Acharam-se á sua morte cinco Padres dos que residiam nas aldeias, que logo entenderam em o levar á vila, temendo-se de alguma notavel currução... Já na vila se sabia sua morte etc.”.

O provedor e irmãos mais nobres da Santa Misericórdia trouxeram o corpo em sua tumba até á porta da Igreja. Casa da Santa Misericórdia não teria sido o primitivo nome da Santa Casa de Misericórdia e, portanto, o nosso primeiro hospital dos pobres? Que o digam os pacientes investigadores.

Ha tambem no livro de Serafim Leite um capitulo dedicado ao nascimento de Anchieta, cuja data é considerada incerta, vacilando os biógrafos entre os anos de 1533 e 1534.

Para aclarar tão importante assunto, obtive o autor uma certidão de batismo, que é do teor seguinte:

“Don Juan Cerviá y Noguer, presbitero, Licenciado em Sagrada Teologia por la Universidad Pontificia de Tarragona, cura párroco del Sagrario Catedral de La Laguna, diócesis e provincia de Tenerife



Fonte construída pelos Jesuítas em Nova Almeida (antiga Aldeia dos Santos Reis Magos)



D. MARIA MATTOS DE OLIVEIRA

Nascida e falecida em Anchieta, onde por suas excelsas virtudes é lembrada com veneração e saudade

Certifico: Que entre las partidas bautismales del año de mil quinientos treinta y cuatro, teniendo el número veinte y siete de este año, consta una que dice exactamente así Jusepe hijo de Jñ de Ancheta e de su mujer fué bautizado em VII del mes de abril por Jñ gtrr^o Vc.^o fueron sus padrinos Domenigo Rico y Doña (aquí hay una palabra que parece decir Fongo) = También certifico: Que esta partida tiene una nota marginal que dice así = Joseph Ancheta fué de la Compañía de Jesus y se tiene por Santo y se venera por tal en la provincia del Brasil en donde y es llamado el apostol = *El libro es el 1.º de bautismos.*

Concordan con su original; de lo que doy fe en La Laguna a cinco de Novienbre de mil novecientos treintadós.

(L. do sêlo)

(a) Juan Cerviá, párroco".

Silencia o documento sobre a data do nascimento. Parece, porém, que não favorece a corrente que indica o ano de 1533 como sendo o nascimento do Apóstolo do Brasil. O batismo fez-se em 7 de Abril de 1534, o que é importante, como pondera Serafim Leite, porque os pais do pequeno José, bons cristãos, vivendo numa época de severa obediência ás regras da boa conduta religiosa, não esperaríam um ano para leva-lo á pia batismal.

Parece, assim, fóra de dúvida que José de Anchieta nasceu em 19 de Março — visto não haver discordancia quanto ao dia e ao mês — do ano de 1534, e morreu em Reritiba, hoje Anchieta, a 9 de Junho de 1597, na idade de 63 anos, e não 64 como afirmam alguns, entre eles Pero Rodrigues e o proprio Quirício Caixa.

JOÃO BASTOS

JOSE' DE ANCHIETA, PRIMEIRO MESTRE ESCOLA NO BRASIL

PLACIDINO PASSOS

Fazendo-se Cavaleiro da Virgem, detestando as aventuras, Ignacio de Loyola torna-se verdadeiramente cristão e entra para o Santuario da Montmartre, onde em 1534 funda uma Associação Católica de Estudantes que se transforma na Companhia de Jesús, por ato do Papa Paulo III.

Passava o ano de 1540, no dia 27 de Setembro, quando a bula papal confirma a fundação da nova Ordem.

Vem depois a era de 1551, no dia 1.º de maio, quando José de Anchieta se faz noviço entrando para a religiosa fundação.

E é ele, mais tarde, considerado a pedra preciosa de maravilhoso anel de ouro, na classificação que o bispo D. Pêro Leitão confere á Companhia no Brasil, tal o brilho com que luziu, exercendo a sacrossanta missão a que se entregou abnegadamente, cujos valiosos resultados a historia regista e ainda beneficiam vantajosamente os nossos dias.

O presente é sempre o avanço, refletindo os opimos trabalhos realizados no passado, para bémfazer o futuro.

José de Anchieta foi um sabio, foi o maior evangelizador entre nós e o mais dedicado mestre-escola.

Sabio, revelando conhecimentos no estudo da natureza brasileira e no primor do seu talento.

Evangelizador, cristianizando os filhos das nossas selvas.

Mestre-escola, abrindo inteligencias no preparo da nossa civilização.

A sua atuação, desenvolvendo varias atividades, produziu tão reais beneficios e tão salutaes exemplos legou á posteridade que cada

vez mais o tempo, ao contrario do poder destruidor, vai consolidando e realçando o trabalho edificador do grande Apostolo.

Como mestre-escola construiu a nação brasileira, civilizando os primeiros filhos da terra, humanizando uma raça.

Na Baía, á proporção que transmitia conhecimentos, aclarando a mente dos aborígenes, recebia a pága, aprendendo o idioma indígena.

Nessa faina, o primeiro dos seus nobres encargos, continuou em Piratininga, onde o seu consideravel trabalho o mantinha em longas vigílias, indo até ao dealbar do dia.

Era a tarefa ingente de tracar lições para cada discipulo, escrevendo em cadernos, preparando manuscritos, dada a falta de livros escolares.

Numerosissima a frequencia ás aulas, tornando-se-lhe, assim, curto o dia, para a missão de ensinar.

Duplamente missionario aliando o sacerdocio de educar ao de evangelizar, isto é, aliciador de almas para Deus e preparador dos novos tempos ou de novo estado social.

O vigor do seu espirito, a robustez do seu talento e o afan do seu interesse a serviço de tão grandiosas causas, refletiram-se em seus discipulos e adeptos, atravessaram seculos, imperam em nossos dias e continuarão varando o tempo edificando sempre.

Se foi o precursor dos naturalistas ádvenas, no Brasil, segundo um historiador, e o iniciador da literatura brasileira, consideramo-lo nós o primeiro mestre-escola na brasileira terra, muito embora assim classifique a Vicente Rodrigues que em 1549 "*ensina a doutrina aos meninos cada dia e tambem tem escola de lêr e escrevêr*".

E' que José de Anchieta foi o educador do Brasil. Não abriu sómente intelligencias com a chave do abêcê, instruiu socializando.

Os seus discipulos — indios, mestiços de reinos e indias, filhos dos colonos — aprenderam leitura, escrita, aritmética, musica vocal e instrumental, officios; educaram-se representando em teatrinhos, emfim, receberam prestante influencia social.

Disseram: — "Ensinou a lei, transmitiu a luz. Deu alicerces morais á familia inculta, á sociedade informe".

Mestres-escolas do Brasil, seguí as pégadas de Anchieta nêsse santo apostolado, copiando-lhe o exemplo de abnegação e amor.

ANCHIETA MILITAR

F. EUJENIO DE ASSIS

A Historia Militar do Brasil conta com varios estudos e teve inicio no ato de posse das terras descobertas.

A ação do militar, é a manutenção do direito.

Descobertas as terras do Brasil, ficaram esquecidas por algum tempo do Reino de Portugal e, em 1503, é enviada a primeira expedição comandada por Gonçalo Coelho, em 1513 a de D. Nuno Mancel, em 1519 a de Náu Bretôa e percorreram as costas do Brasil, explorando-as entretanto, outras gentes, fazendo as mesmas explorações, aufruiam fabulosas fortunas.

Esses fatos, obrigaram ao Governo Portuguez a organizar um cruseiro permanente, composto de seis navios sob o comando de Christovam Jaques, para impedir o trafego de extranhos e facilitar o povoamento. Em 1530 é Martim Afonso de Sousa que percorre o litoral, funda S. Vicente, Piratininga, hoje o grandioso S. Paulo e regressa a Portugal em 1533.

Formam-se novas expedições e, desta vez, coube a Thomé de Sousa, composta de quatro navios e 600 homens militares, partindo de Portugal a 1 de fevereiro e chegando a Baía em 29 de março de 1549. Nessa expedição, vieram os primeiros missionarios padres: Manoel da Nobrega, Antonio Pires, Leonardo Nunes, João Azpicuelta Navarro, Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Dividido já se encontrava o Brasil em 15 lotes de terras e doados a fidalgos portugueses com o titulo de Capitães Mores, e esse sistema não foi feliz. As capitánias eram independentes umas das outras, não se ajudavam e não se defendiam... necessario se fazia cada Donatario aplicar a tatica de defesa, apaziguar, treguar, esquecer, premiar, estabelecer a paz, harmonia, respeito, desenvolvimento economico, fenomenos estes de todos os tempos.

O indio era guerreiro, forte, destemido, procurava mais a noite para suas incursões. A conquista das terras feita por Portugal, a ocupa-

ção criou a necessidade da defesa desde os primeiros dias, sentia a falta de soldados e os forais passados aos donatários estabeleciam que os moradores, povoadores e povo da dita capitania serão obrigados em tempo de guerra de servir nela com o capitão se lhe necessário fôr.

E tanto defenderam esses guerreiros improvisados sob o comando de Jesuitas e padres que, no Espírito Santo, em 1592, é o ataque de Thomaz Cavendish repellido pela intervenção dos habitantes de Vitória; em 1624, em 12 e 15 de maio, é a esquadra holandesa que dá desembarque, surgindo a intrepida mulher espírito-santense Maria Ortiz, em 1640; 28 de setembro é o ataque dos flamengos e em todas as vezes desbaratados, destacando-se nesses combates as figuras impolutas dos PADRES.

E' o comando militar que dirige os combates, ganha a vitória. Não se cogitava de forças organizadas, porém força de defesa, criando-se uma nação forte.

A heterogeneidade de forças não alterava os fatos. E' solicitado a D. João III, em 12 de maio de 1548: "Venha v. a. em nosso auxilio: em breve esta terra se perderá e os Franceses que a tomarem tomarão depois a Africa e irão atacar a Asia portuguesa e se esse presagio não move v. a. tenha v. a. compaixão e piedade de tantas alchristãs desta terra".

Após este pedido foi criado o Governo Geral do Brasil e em 1549 iniciou o serviço militar, fortificações, permanecendo na Baía uma tropa de 600 homens.

Em 1550, chegou a 2.^a expedição de missionários composta dos: Afonso Braz, Francisco Pires, Manoel Paiva e Salvador Rodrigues, e em 1553 a expedição onde se encontravam: José de Anchieta, Luiz Grã, Braz Lourenço, Ambrosio Pires, João Gonçalves, Antonio Blasques e Gregorio Serrão e outros mais vieram em diferentes épocas, trazendo os abnegados obreiros do bem, que entregavam a vida em holocausto do ensinamento da Lei de Deus, do trabalho, da ordem, enfrentando as hostes dos selvagens.

Onde ha luta armada aparece o guerreiro, o forte, o bravo.

A vestidura, o equipamento, o material belico, a tática evoluem com o tempo; a ciencia é aplicada no aperfeiçoamento.

Nessa campanha, é que aparece o grande guerreiro José de Anchieta, no comando de milhar de milhares de homens e só em Rerigti-ba, no Espírito Santo, chegou a reunir mais de 5.000 indios flexeiros e conseguiu para estes o alvará baixado em 1548, concedendo certa zona de territorio.

O índio frecheiro, era o guerreiro, o soldado combatente e nessa missão marchou sob o comando do índio Espírito-Santense Ararigboia, em 1564, para o Rio de Janeiro, deu combate aos Franceses, recebendo recompensa de El-Rei de Portugal. Não foi somente esta vez, em 1566 novo contingente, repetindo-se em 1624, este para a Baía.

Com o tipo de arma — a frecha — é que Fernão de Sá veio ao Espírito Santo, para dar combate em 1558 aos índios em Cricaré, onde foi morto, e resultou uma declaração de guerra...

A figura de Anchieta estava sempre presente a todas essas lutas, a sua palavra era ouvida, sua ordem cumprida e empunha tanto respeito que o chamavam de Pagé-Guassú e quem exerce esse poder perante gente armada, guerreiros, não é o Comandante?

Sem o poder militar, sem a disciplina, e os regulamentos militares presentes e mesmos os passados dizem que o comandante é o guia, é o mestre, o tutor do soldado, e Anchieta comandou em 1566 a hoste de índios para o Rio de Janeiro, a mando do Padre Manoel da Nobrega, afim de dar animo não somente aos índios como aos mestiços no ataque aos Franceses, fortificando-se na Praia Vermelha, dando combate em 6, 12 e 15 de janeiro, vencendo na peleja.

Não aplicamos ao índio o termo de soldado; soldado é o homem que exerce a profissão das armas por conta de outrem, mediante salário e pertencendo a um corpo de milícia regular, vestindo uniforme e com o dever de usar armas de determinado modelo. Pode usar tudo isso, entretanto deixar de ser soldado, se não zelar pela integridade da Pátria: soldado é o bom cidadão.

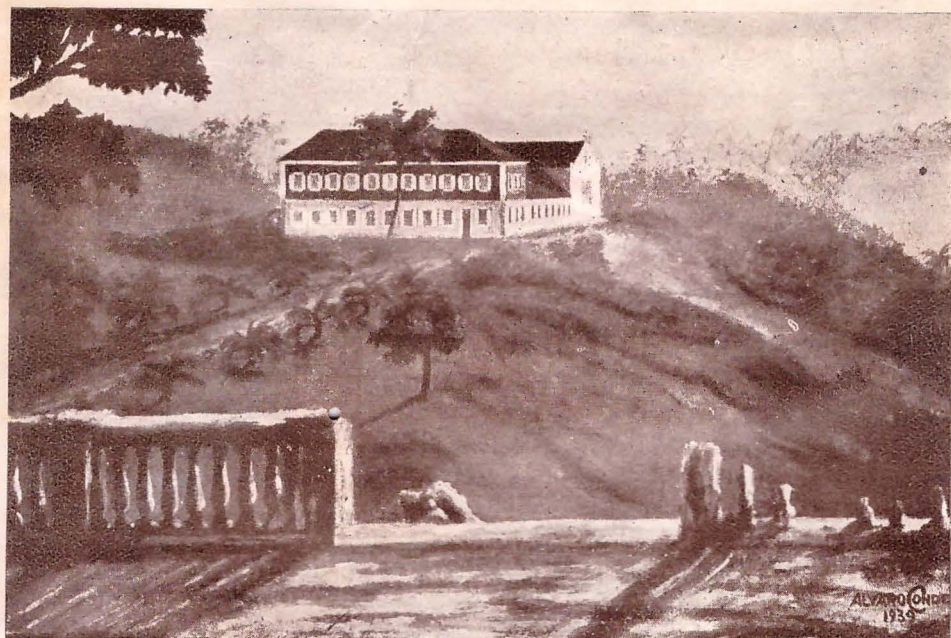
Avante, avante todos é o grito que ecoa quando a peleja chega ao ápice e nesse momento é o furor marcial, é o apiquear que torna o homem invencível, como os heróis de Zama e de Pidna.

José de Anchieta assistia as campanhas das tribus e o antropofago, após a refrega, saborear o vencido e trazia nesse cenário, preso a mão, o bastão firmando as cançadas pernas, alquebradas pela doença adquirida nas longas caminhadas entre Piratininga, Iperuig, Bertioiga, Guanabara, S. Vicente, Espírito Santo, Cricaré, Vila Nova e muitas outras localidades; no peito, a Cruz do Senhor e no alforje, em vez da refeição, o Breviário, e pela voz de Comando, doce, amável, movia colunas e mais colunas de aborígenes, trazendo-os para a luta de defesa, para o caminho do progresso, desbravando as nossas terras, formando nossa Pátria grande, forte, valente, ordeira e tão querida — o Brasil.

Foi Anchieta gramático, poeta, escritor, naturalista, médico, botânico, possuía enfim todos os conhecimentos e o de serviços milita-



Cidade de Anchieta — Espírito Santo — Igreja construída
pelos Jesuitas, onde Anchieta viveu os últimos dias



Cidade de Anchieta — Espírito Santo — Colégio das RR.
Irmãs Carmelitas

res, mormente numa época em que o padre marchava junto ao soldado, confortando-o e incitando-o no cumprimento do dever, obediência a ordem suprema, formando corpos sãos, valentes, num progresso crescente.

Anchieta foi portanto militar. Soube comandar e recebeu ordens do padre Manoel da Nobrega, de acompanhar força de frecheiros, soube governar, impor o prestígio da autoridade e quando réfem na Confederação dos Tamoios não sofreu, apesar do forte desejo de seus inimigos acerrimos, nenhuma ofensa, e S. Paulo floresceu, cresceu e ha de crescer muito.

O Batalhão de Anchieta não teve nome, séde; soldados eram os aborígenes e errantes de todo o Brasil.

Na hora do combate, gritos, vozerias, frechas aos milhares, tendo á frente José de Anchieta, marchavam sem que uma única vez a rebelião invadissem. Esse sacrificio, esse destemor, trouxe-nos a coincidência, neste mez de setembro que se comemora o IV centenario da Criação da Companhia de Jesus, o Brasil comemora tambem o dia da Juventude, instituido sabiamente pelo Presidente da Republica, Dr. Getulio Vargas. é o mez da Independencia do Brasil!

A guerra, a tática, as armas empregadas variam com o tempo na proporção da civilização e constituem os principaes acontecimentos de um povo. Fatos pitorescos como o cavalo de Troia, temos hoje o paraquedista e os nossos indios possuíam, como a mais terrivel arma, a frexa envenenada e executavam no fim da peleja a "tangapema", eliminando o vencido!...

O exemplo de comando militar dado pelo Padre José de Anchieta é um hino de gloria.

Comandar sob uma lei escrita ha entraves; comandar pela ação, pelo ensinamento, pelo coração é virtude que só podem ter os santos. Anchieta é o santo militar, é o santo patrono e no reduto de Rerigitiba e em outros setores reunia os homens, não os comandou durante um dia, foram 44 anos, sem quartel, sem casa, sem conforto, sem viveres e o respeito, a disciplina, o amor, o destemor sempre mantido dentro das normas do bem estar de todos, e, em 9 de junho de 1597 faleceu, em Rerigitiba, hoje cidade de Anchieta, e conduzido ás costas até a cidade de Vitória, onde foi sepultado na igreja de S. Thiago. As lamentações, os gritos, os alaridos duraram por muitos dias.

E' a recompensa ao Chefe quando este desaparece... a saudade...

Anchieta: no poder militar, poder de guerreiro, de educador, de abnegado é que criou o Brasil grande, forte e unido.

ANCHIETA -- CIDADE RELIQUIA

Por E. QUEIROZ DO VALLE

A Religião Católica está de tal modo ligada á Historia da nossa formação que difficilmente se poderá estudar ésta sem uma referencia constante a aquéla.

Em todas as fazes do nosso desenvolvimento, a ação dos Padres Religiosos tem se feito sentir de u'a maneira decisiva.

Nas selvas, nas Cidades em formação, nos Parlamantos, nos campos de batalha; com a palavra, com a ação, com o exemplo ou com as armas, esses abnegados soldados da fé, tem concorrido, em todos os tempos, ao lado dos nosso malóres para a formação dessa esplendida infra-estrutura, sobre a qual assenta o grandioso edificio da civilização atual.

Aqui é Nóbrega, ali é Anchieta acolá é Pedro Palacios, mais alem é Aspiculêta, deste lado é Pedro Sardinha, daquele é Roma ainda aqui é Miguelinho, ainda ali é Canéca, mais alem é Vieira, mais aquem é Monte Alvére e assim, espalhados por todos os angulos e recantos da Patria esses homens, retemperados no puro aço da fé e do ideal cristão, edificaram esses marcos impereciveis que são os Templos, os Colégios, os Seminarios, as Santas-Casas, alem desses outros monumentos esculpidos no ouro puro da lingua falada e escrita, que tanto enriquecem e avultam o nosso patrimonio intelectual.

Nem uma das vélhas provincias brasileiras, deixou de receber os influxos benéficos da ação desses incansaveis batalhadores do bem.

■ para melhor aquillatarmos do valor dessa obra ciclopica, é necessario que nos volvamos, nas azas azues do pensamento, para o

ambiente rude e áspero dos nossos primeiros dias, para essas selvas inhóspitas, para os riscos e perigos de todos os instantes, para o gentio desconfiado e traíçoeiro.

E' aí, nesse meio adusto e difícil, que esses homens, mal vestidos, mal alimentados, iniciaram essa obra gigantesca que nos espanta e empólga a um tempo.

Foram eles que abriram na mata virgem e umbrósa, essas primeiras picadas que haviam de se transformar depois nessas esplendidas estradas-reaes dos nossos dias.

E' preciso realmente viver e sentir toda a rudêza daqueles ambientes primitivos, para bem aquilatarmos dos trabalhos, dos esforços e da energia sobre-humana, desses varões admiráveis.

A ação dos Religiosos no Brasil, notadamente a dos da Companhia de Jesus, cujo quatri-centenario todo o Brasil comemóra neste momento, enche, assim, varios capitulos da História Pátria.

O Espirito Santo, particularmente, ainda hoje ostenta orgulhoso os traços indeléveis da ação construtiva desses operarios destemerosos, nas linhas severas de seus Templos e de suas Igrejas.

Ali, bem péto, nessa calma e evocativa Vila Velha, ergue-se o já famoso Convento da Penha, desse admiravel Pedro Palacios, constituindo um recanto sereno de fé, a alegria perêne dos ólhos e o encantamento sempre renovado dos que do mar ou da terra, lhe contemplam o perfil augusto e empolgante.

Benevente, essa Iiritiba lendária, é bem a nossa Cidade-Museu, a nossa Cidade-Reliquia, pelo que guarda e evóca do passado, pelo que recórda e lembra da vida e obra do seu Anchiêta venerado, pelas tradições gloriósas que consérva, pelos filhos ilustres que deu á Igreja, e pela fésta colorída e deslumbrante que oferéce aos ólhos dos que lhe contemplam as paisagens e os recantos magníficos.

QUARTO CENTENARIO DA FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

ADOLPHO FERNANDES R. DE OLIVEIRA

Comemora a Companhia de Jesus o quarto centenario de sua fundação! Quantos sacrificios, trabalho proficuo, paciente, tenaz, até martirio, em beneficio da sociedade — *Ad Majorem Dei Gloriam!*

Como a bôa semente de que nos fala o Evangelho, caíu em terra fertilissima, rapida e milagrosamente, cresceu, e produziu seus ótimos frutos, cem por um.

Nos imperscrutaveis designios da Providencia divina era chegado o momento de aparecer alguém, um inspirado, abnegado, que deixadas as vans glorias do mundo, se entregasse, se sacrificasse a regenerar a sociedade que se precipitava no pégo insondavel de todas as degradações, esquecida de seus deveres para com Deus e para consigo mesma! Nas proprias ordens monasticas reinava a relaxação de costumes, os abusos, os escandalos, e para cumulo de todos os males, surgia a Reforma que difundia seus perniciosos erros, acirrava odios, chegando a ensanguentar a Europa!

Era esse, o estado das cousas, quando surgiu a Companhia de Jesus. Sua origem é ainda admiravel, porque seu fundador não foi um religioso, um ascêta, um ermitão. E se são licitas as comparações, lembramo-nos das advinhas que propoz Sansão aos convidados de suas bodas, aos filisteus, patricios de sua esposa: "Do comedor tirei a comida e do feroz, tirei a doçura". Refiria-se êle a um leão que, antes de seu casamento com Dalila, estrangulára e dilacerara em caminho e o jogára morto no bosque; mas, passando novamente por aqueles sitios, pouco tempo depois retirou da propria boca do leão morto, favos de mel com que se regalou!

Do mesmo modo, serve-se a divina Providencia de pessoas que pareciam improprias para a realização de seus altos designios!

De um nobre e altivo guerreiro que semeava a morte e a desolação, transforma em fundador de uma das maiores, mais importantes ordens religiosas que fosse a brandura, a caridade, que então semeasse o bem.

Esse intrepido guerreiro foi Inácio de Loiola! Espanhol de origem, no grande assédio de Pamplona, Navarra, em 1521, pelos franceses, combatia bravamente, quando, numa das refrégas, cáí ferido.

Retirado, pois ao castelo de Loiola ali teve de permanecer algum tempo, inativo, esperando paciente a cura. Para passar aqueles momentos de tédio, pediu romances para ler, naturalmente os de cavalaria, que seriam mais de seu gosto, mas não os havia no castelo; apenas vidas de santos, algum "Flos Sanctorum", certamente. Não era leitura que lhe agradasse, e, sem interesse, ia percorrendo aquelas paginas; mas soára a hora em que o Altíssimo o chamaria para outra empresa de maior transcendencia, responsabilidade e vulto! Em sua nobre alma operára-se uma grande transformação! Agora, encarava todo aquele seu passado, como inutil e perdido! Que fizera até então? Ceifar vidas, verter sangue ouvir gemidos de agonia ou imprecações de odio dos vencidos! Refletiu que seus dias se passaram em aventuras retumbantes como todas as cousas ócas! Ponderou em espirito todos seus feitos e achou-os leves, sem nenhum valor, e, iluminado pela divina Graça, determinou seguir outro caminho; estava resolvido: déra o primeiro passo na vereda difficil, espinhosa da vida espiritual.

Abrasava-lhe agora, o coarção o amor de Deus e o desejo da salvação das almas dos que se desviavam dos sémitas do Senhor, e com esse intuito, para preparar-se, para retemperar a alma, retirou-se á gruta solitaria de Manresa, da provincia de Barcelona, (gruta que ainda se mostra e é conhecida por "Cueva de San Ygnacio), onde passou em austeridades de vida penitente e de mortificações, e donde só saíu com o fim de entrar na carreira ecclesiastica pela qual já sentia irresistivel vocação. Foi a Paris, cuja universdade era a mais afamada do mundo, e aí relacionou-se com o Jovem Francisco Xavier, tambem fidalgo como êle, professor insigne de filosofia, e que esperava nessa carreira, celebrar-se alcançar as posições mais elevadas e tambem fortuna. Entretanto, já amigos, repetia-lhe sempre Ignacio de Loiola aquelas palavras do Jesus-Cristo: "De que serve a um homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder sua alma?" E da meditação dessa grande verdade, veio-lhe tambem o desengano das vaidades deste mundo, juntou-se ao santo amigo, resolvido igualmente a sacrificar a propria vida pela salvação das almas. A êles juntaram-se Lainez e Fabro, este saboiano. Sabemos que tambem vieram mais dois, completando o numero de seis, que se dirigiram a Montmartre, perto de Paris, aí fazendo êles, além dos tres votos: pobreza, castidade e humildade, mais um quarto: obediencia ao pontifice romano.

Estava fundada a Sociedade ou Companhia de Jesus em 1534; mas somente por Bula do Papa, Paulo III. "Regimini militantis ecclesiae",

de 1540, teve sua existência legal. Ainda na infância, começou a Companhia a enviar missionários: Francisco Xavier para as Índias Orientais, tendo partido de Lisboa em 1541. Já Portugal constituía uma província eclesiástica, sendo seu primeiro provincial o padre Simão Rodrigues de Azevedo que igualmente quiz partir para o Brasil, não lhe permitindo D. João III, apesar dos instantes rogos e supplicas desse padre; "mas el-rei cedia os próprios e aos desejos de todo povo". Foi então, que escolheram o padre Manoel da Nobrega que aceitou com alegria, trazendo consigo os padres Leonardo Nunes, João Aspicueita Navarro, Antonio Pires e dous irmãos leigos: Vicente Rodrigues e Diogo Jaime. Todos esses vieram com Tomé de Souza. Bem disse o padre Luiz de Gonzaga, que a "Companhia mandou para o Brasil suas primícias".

Desde o momento que desembarcaram na Bahia, começaram seus trabalhos de catequese do selvagem, como também prégando contra os desmandos dos colonos que se entregavam á pratica de todas as maldades!

E nosso paiz foi percorrido em todos os sentidos por esses arautos do Céu. E quanto lhes deve nosso amado Brasil, não cabe nos limites desta simples noticia. Suas obras são conhecidas. As consciências retas e sãs prestam culto a esses anjos do bem.

Entretanto, triste é dizer! Contra todas as boas obras, todas as instituições destinadas a disseminar o bem, desprendem-se aludes de odio, de inveja que procuram desvirtuar, denegrir, abalar-lhe os fundamentos, finalmente, destruir! A Companhia de Jesus não podia fugir a essa regra; teve, portanto os mais ferozes inimigos!

Sebastião José de Carvalho Melo conde de Oeiras e marquez de Pombal, pode-se dizer um protegido de Fr. Gaspar Moscoso que o apresentou a D. João V, e que, talvez por influencia do referido frade fôra enviado a Londres, certamente como embaixador, e lá, depois da permanencia de de mais de seis anos, não correspondeu ao que se esperava de sua vivacidade, já não dizemos de seu saber ou illustração; este, dizemos que deveu sua entrada na côrte a um religioso, foi o mais cruel, o mais deshumano, o mais feroz dos inimigos da Companhia de Jesus!

Certamente como via que era composta de homens de alto saber, por isso mesmo estimados na Côrte e aos quais eram confiadas missões de relevancia, muito embora se procurassem esquivar por serem os negocios profanos contrarios ás regras da Ordem, viam-se todavia forçados a obedecer; excitou isso a inveja, o descontentamento de muitos cortezãos incompetentes que por seu turno, incitavam as iras do

fogoso e ambicioso Pombal. Quem não conhece as baixezas de quantos se querem tornar aulicos sem merito? Demais são conhecidas as armas de que lançam mão: a doblez, a intriga, a adulação! E começou a guerra contra os Jesuitas, guerra sem treguas! Todas as armas serviram contra eles e foram empregadas, como bem diz o P. Cabral: o epigrama, a anedota, o romance, o drama, os *grandes cabedais* da Companhia! Até um padre indigno, expulso da Companhia, talvez um apóstata, chamado Zahorwski, escreveu um amontoado de mentiras, de infâmias com o titulo de — “Monita secreta ou Monita privata”, — no mesmo estilo usado pelos padres da Companhia a que elle estava acostumado, produzindo contra os Jesuitas o efeito que desejava!

No Brasil, viam os colonos portuguezes nos Jesuitas um obstaculo a suas crueldades, morticínio e escravidão dos selvagens, e daí, queixas para Portugal! Ali, Pombal, em Espanha, o conde de Aranda, na França o duque de Choiseul, partidarios todos das ideias novas do filosofismo ateu e impio do seculo XVIII, coligaram-se contra elles. Reinava então, o papa Clemente XIV de quem exigiram a extinção da Companhia. Sabia esse pontifice que era uma iniquidade tal exigencia conhecia o mal que adviria de tal medida, mas esses dos quais falamos, trabalhavam de acôrdo.

Ameaçava-se o pontifice, dizendo-lhe que as terras em diferentes reinos, doados á Santa Sé, tinha sido confiscadas e que não seriam restituídas á Igreja, senão quando fosse extinta a Companhia, e que aniquila-la era o meio unico de restabelecer a união não só com a Santa Sé como com as côrtes estrangeiras. Hesitou por muito tempo o papa, mas teve de ceder, e por um Breve de 21 de Julho de 1773, consumou-se a iniquidade, triunfou o mal!

Vejamos agora, o que disse Dr. Joaquim Nabuco, tambem citado pelo padre Cabral, por ocasião de uma conferencia feita por aquele: “Se não fosse a Companhia de Jesus acreditais que o Brasil seria o grande bloco de Continente que vai das Guianas do Amazonas ás Missões do Paraguai? Acreditais que esse territorio não se teria, pelo menos dividido em tres ou quatro imensos fragmentos; um huguenota, outro holandês, o terceiro espanhol e apenas o quarto brasileiro?” O Dr. Eduardo Prado, por seu turno apreciando o mal causado pelo capricho de Pombal e seus comparsas á sociedade, pela extinção da Companhia, disse: “Com a extinção da Companhia de Jesus grandes prejuizos teve Portugal como o nosso Brasil, e que dos mais terriveis desastres portuguezes, na ordem politica e na ordem material, a extinção dos Jesuitas do Brasil fôra um novo — Alcacer-Kibir”.

Nos anos de 1759 e 1760 partiam para os medonhos ergátulos de Lisboa, num porão, sem ar, sem luz, como animais, os jesuitas que tanto bem faziam á humanidade e principalmente a nosso Brasil!

Expulsos os Jesuitas, foi o sequestro, termo muito especioso para encobrir o furto que fazia o governo português daqueles ominosos tempos, dos bens alheios! Só assim teriam muitos dos atuais Estados, então capitanias, edificios para séde de seus governos, como a nossa. Em cento e tantos anos não teve nunca a provincia, depois Estado, dinheiro para edificar um palacio para seu governo nas condições de solidez e amplitude como o extorquido collegio dos Jesuitas! Tem passado por embelezamento, é certo, mas o edificio é o mesmo!

Em nossa Vitória o Cerco do Collegio (hoje palacio do Governo), por tropas, os gritos de — “alerta” — dado pelas sentinelas durante a noite, — a resposta das outras — “alerta estou!” — trouxe consternado o povo. Era um fim de mundo! O povo chorava, e muito mais, quando, segundo sabemos, oito dias depois do cerco, viu sairem os padres, entre alas de soldados para embarcar!

Jesuitas e Franciscanos educavam meninos, e uns e outros, ao meio dia, hora do jantar, distribuiram na portaria do collegio e do convento alimento a todos os pobres que ali apareciam para esse fim! Nenhum se retirava faminto. Ainda mais eram medicos, farmaceuticos e até enfermeiros dos que necessitavam!

Mas o odio, como acima dissemos, *as grandes e fabulosas riquezas* que, possuiam os pobres padres jesuitas, excitava a cobiça! Franciscanos, frades mendicantes, e Jesuitas! Estes tinham em muita conta o serviço divino; para esse fim, possuiam banquetas de prata, custodias, ambulas, calices de prata, prata dourada e talvez de ouro! Esses mesmos quantas vezes, empenharam, tal era sua riqueza!

Era crença aqui, que nem todos os padres da companhia foram presos. E' possível que alguém ou alguns em missões, tivessem escapado, vestindo-se a secular. E' possível que alguns e achassem em Aracatiba, onde tinham tambem residencia. Isso vem a proposito de ter aparecido uma vez, um homem que sentado em uma pedra ficára a contemplar o collegio muito tempo, desaparecendo depois, sem se saber que destino tivéra. Outro que passando em frente da entrada, (fachada da Praça João Climaco) exclamára:

“Quem vira e quem diria que o collegio de Jesus corpo de guarda seria!”

A historia justa, reta, imparcial faz-lhe atual, embora serodia-

mente, a justiça devida, desprezando todas as referidas infâmias e calúnias.

Evolveram os séculos, do cenário político, desapareceram os perseguidores; receberam ainda no mundo, o castigo merecido.

Pombal pelo menos, pelo desvalimento da rainha, chegando até a humilhar-se, temeroso do castigo que seus malfeitos mereciam, escudando-se na velhice e na enfermidade! Surgiu nova aurora para a Companhia de Jesus, e triunfou a verdade e os inimigos peiores desapareceram, sendo restabelecida a Companhia, primeiro na Rússia e nas duas Sicílias, em 1805, e depois para toda a Igreja universal, pela Bula de Pio VII "Solicitudum omnium ecclesiarum".

Não devemos considerar os padres da Companhia de Jesus, os jesuítas, como são geralmente conhecidos, como simples missionários, não; a par da doutrina evangélica, trazendo os selvagens ao gremio do cristianismo, ao mesmo tempo ensinavam-lhes ciências e artes.

Ensinavam a ler, a escrever, a música, o canto, o tocar instrumentos, assim como a manejar o machado, a foice e tratar da agricultura, procurando aldeia-los, cousa difícil para seres habituados à vida errante das selvas, e tendo uma cultura tão rudimentar. A pesca e a caça forneciam o necessário para eles que de pouco necessitavam. E aos esforços desses abnegados filhos de Santo Inácio, surgiram as aldeias, aqui, ali, além e que hoje são as grandes cidades brasileiras, lindas e progressistas de que tanto nos orgulhamos!

A casa tosca da residência da Companhia era o núcleo; em torno, sob sua proteção, erguiam-se as cabanas. Aquela se transformara em sólido e vistoso edifício; estas, em palacetes.

Como acertadamente diz o padre Luiz Gonzaga Cabral devemos encarar os jesuítas como missionários, bemfeitores, educadores, medianeiros e precursores.

Hoje, vemos aportar à nossa terra, excursionistas distintos chefiados por ilustres prelados que vêm prestar justa homenagem a um dos membros da Companhia, ao "inútil José" como a si mesmo chamava, em sua humildade profunda, ao lírio de pureza imaculada, a um dos incangáveis evangelizadores de nossas plagas; ao mestre, ao poeta, a nosso grande taumaturgo venerável Padre José de Anchieta! Justíssima homenagem, uma das mais justas que se lhe possa prestar: o culto da gratidão, do reconhecimento a quem passou desde a mocidade a fazer o bem a todos.

DE RERITIBA A ANCHIETA

MARIO A. FREIRE

Em antigos mapas da costa brasileira figura assinalado, na primitiva Capitania do Espírito Santo, o rio Irytiba, Iritiba ou mesmo Iritibi, como em 1630 foi gravado por Judocus Hondius, entre dois outros que ele fez também terminar por "i": Itapemiri e Guarapari.

Na lapide que ficou, depois, marcando aqui o lugar onde Anchieta foi sepultado, todos podem ainda hoje ler a afirmativa do seu obito em Reritiba.

Reretiba (com "e") encontra-se no catalogo dos jesuitas que, em 1600, estavam no Brasil, conforme se vê na "Historia da Companhia de Jesus", pelo Padre Serafim Leite.

Uma carta nesse ano escrita, de Piratininga, pelo Padre Martin da Rocha, explica a origem desse nome: — "Quando eu estava na Aldeia de Reritiba (Reritiba quer dizer na lingua dos indios — lugar de muitas ostras, foi ao sertão o Padre Diogo Fernandez, onde andou oito meses". Daemon julgou a palavra derivada de *rery* — ostra, e *tyba* — lugar. Conhecemos outra interpretação, segundo a qual *tyba* é o sufixo que indica coletivo, donde a tradução: — ostreira. O illustrado Dr. Marcillio de Lacerda, estudando o idioma brasílico na toponymia espirito-santense, escreveu: — "Iritiba — De *yriry*, ostra e *tiba*, lugar. Antiga denominação do rio Benevente e, atualmente, de um distrito do municipio de Anchieta".

Parece preferível a fôrma consagrada no marmore: — Reritiba. O Padre Serafim Leite cita algumas poesias que Anchieta compoz em tupi, na referida aldeia, entre as quais, uma cujo titulo é *Parati, RERITIBA* — Tupitamba; outra: — *RERITIBA — Xeretama*; e ainda uma terceira no — "Dia da Assunção, quando levaram a sua imagem á RERITIBA".

No Catalogo dos jesuitas que em 1600 serviram no Brasil figuram em Reritiba (sic) os seguintes padres, todos confessores e "Ingoa", — Hieronymo Roiz, Sebastião Pinto e Antonio Diaz, o sertanista.



Lapide que, em uma dependencia do Palacio do Governo, em Vitória, assinala o lugar onde Anchieta foi sepultado na antiga capela de São Thiago, demolida em 1912



Monumento a Anchieta, na cidade desse nome (antiga Reritiba)

ta que, em 1594, promoveu uma "entrada", depois largamente discutida; faleceu na mesma aldeia em 1623.

Como Superior naquele ano ainda servia Diogo Frz, o mais antigo desses titulares conhecidos, de Reritiba, onde também morreu e em cuja igreja foi sepultado a 28 de abril de 1607.

Esteve no sertão, como referiu Martim da Rocha, e ainda tres ou quatro vezes mais. Salientando algumas divergências sobre a naturalidade de alguns jesuitas arrolados no Brasil, refere o Pe. Serafim Leite que o Catalogo de 1598 registrou Diogo Fernandez como natural do Espírito Santo.

O velho Braz Lourenço, Superior de varias Residencias, durante quasi 25 anos, faleceu igualmente lá.

Em "Maravilhas da Penha", obra escrita sob a influencia declaradamente espirita, Gomes Netto recolheu duas ligelras referencias, e procurou contestar o que o marmore secular registra sobre a morte de Anchieta: — *obit Reritiba*.

Nos primeiros anos do segundo seculo da colonização houve algum commercio de pão brasil pelo porto de Reritiba. Uma ordem régia, porém, prohibiu terminantemente qualquer carregamento, na costa, em navios de estrangeiros.

Antes de conhecida essa ordem alguns flamengos, de passagem por Vitória, haviam oferecido aos jesuitas trazer-lhes, no ano seguinte, ornamentos e outros objetos religiosos, em troca de um carregamento daquele famoso pão, entregue na dita Aldeia. Esse acôrdo foi feito com a aquiescencia do procurador respectivo do contratante.

Quando os flamengos, ao tempo combinado, reclamaram em Reritiba o cumprimento do contrato, os padres não mais puderam satisfazer-lhes: havia sido transferido o Superior, que combinára o trato; e, além disso, todos já conheciam a prohibição regia.

Em represália, os mercadores partiram para o sul, levando dali quatro indios. Na altura de Cabo-Frio, estes lograram apoderar-se da embarcação, e velejaram ainda para o sul. Naufragaram pouco tempo depois, muito perto do Rio; e conseguiram ir narrar tudo ao governador Martim de Sá, no ultimo dia de seu primeiro governo, findo, parece, em Maio de 1608.

O que, nessa ocasião, fizeram aqueles quatro modestos indios do Espírito Santo, referido por Fr. Vicente do Salvador, e repetido na "Historia do Brasil", de Rocha Pombo, consta resumido em uma "Enformação" citada pelo Pe. Serafim Leite.

Reritiba viveu dias agitados a partir de 1742. Tendo o minorista Manoel Alves castigado a pão um índio que se exaltara ao ser admoestado porque se portara mal na procissão de 29 de setembro daquele ano, amotinou-se toda a aldeia. Os fatos foram repercutir em Campos, onde o Ouvidor Dr. Paschoal Ferreira de Veras estava em correição. De lá vieram os Padres Francisco de Lima e Pedro Rygoso para substituir os que vinham servindo em Reritiba: Nicolao Rodrigues e Manoel Leam.

Não cessou com isso a agitação. O Provincial Manoel de Siqueira, achando-se em Vitória, apelou para o Capitam-mór Domingos de Moraes Navarro, que prometeu acudir com a Infantaria. Não cumpriu, porém, a promessa, falta que forçou os jesuitas a representarem contra ele.

Seguiu-se uma devassa da qual resultou a deportação dos cabeças do movimento. Outros, desgostosos, abandonaram a Aldeia, e foram fundar a povoação de Orobó.

Datam dessa época duas peças requisitadas pelo Superior Belchior Gomes, e mandadas colocar junto à igreja.

Continuaram as prevenções até 1750, quando, com a morte do rei D. João V, os jesuitas procuraram evitar novas questões; presentiram que a política de nova Corte não lhes seria favorável.

Alberto Lamêgo, que expõe minuciosamente essa luta, sempre alude, porém, a Iiritiba.

Refere Doemon que o alvará de 7 de junho de 1756, sendo capitão-mór e governador do Espírito Santo Gonçalo Horta Barbalho, mandou erigir essa primitiva aldeia em vila, com o nome de Benevente. Logo a seguir, porém, atribue essa resolução ao alvará de 1.º de janeiro de 1759, data anteriormente citada por José Marcelino.

Poucos dias depois, foi assinado o da expulsão dos jesuitas.

Sómente a 14 de fevereiro de 1761, depois de constituída a Vi'a de Nova Almeida no lugar de outra aldeia, a do Reis Magos, o ouvidor Francisco de Sales Ribeiro instalou a de Benevente. A paróquia data do alvará de 22 de dezembro de 1795: foi uma resolução, no dizer de José Marcelino — comum a todas as grandes aldeias do Brasil.

Houve, a principio, como em Nova Almeida, quem denominasse a vila de Nova Benevente.

Com essa designação conhecemos duas sesmarias. Uma de Antonio Salgado dos Santos, concedida a 23 de abril de 1796 — "nas ter-

ras chamadas do Porto de Guarapitanga, até as salinas"; abrangia também a ilha do Bemtevi. A outra, do Cpm. Gonçalo Pereira Porto, em 20 de junho do mesmo ano — — "no rio grande daquela Vila (nova de Benevente) e lugar denominado Quatinga".

A do cap.-mór J. Francisco da Cruz, firmada pelo alvará de 22 de setembro de 1801, no lugar Joheba, alude apenas a Benevente. Reapareceu ainda a designação Nova Benevente, aplicada repetidamente ao distrito, na "Breve Notícia" que, em 1816, o Governador Rubim remeteu ao Conde da Barca.

A lei provincial n. 30, de 27 de novembro de 1872, criou aí uma Comarca, com o nome de Iiritiba. Declarada de primeira entrância pelo dec. n. 5.175, de 16 de dezembro daquele mesmo ano, e instalada a 9 de maio do ano seguinte, a nova Comarca teve no Dr. Francisco José Cardoso Guimarães seu primeiro juiz.

Em 1887 foi apresentado, na Assembléa Provincial, o projeto elevando Benevente a Cidade, com o nome glorioso de Anchieta. Assim foi decretado a 12 de agosto desse ano.

Com esse nome circulou, a 3 de fevereiro de 1889, o primeiro número do periodico "A Tribuna", fundada por José Horacio, o segundo órgão republicano do Espírito Santo.

ANCHIETA

A cidade de Anchieta celebra hoje uma justissima homenagem ao seu patrono, o evangelizador das selvas do Brasil, Padre José de Anchieta.

Figura que se destacando por entre uma aureola de bênçãos tem atravessado as gerações, sempre e cada vez mais dramando do mundo subjectivo os seus ensinamentos do seu apostolado, José de Anchieta por muitos motivos merece o preito das homenagens do povo do Espírito Santo.

Foi aqui que elle exerceu em grande parte a sua actividade, não só na catechese dos aborígenes, desbravando mattagaes pelo interior em fóra, como chamando á civilização esses elementos primitivos da nossa nacionalidade.

E toda sua vida foi o deslizar continuo desse abençoado rosario em que não se sabe o que mais o dignifica, se a santa resignação de todos os seus actos, ou se a persistencia na pratica da missão a que se dedicou com o melhor da sua alma pura e bondosa.

Já na nossa capital o santo missionario do bem veio de merecer as devidas homenagens, cuja iniciativa foi do nosso Instituto Historico e Geographico, inaugurando-se solememente o monumento civico que lhe tributamos, na occasião da passagem da data magna do Centenario da Independencia do paiz.

Aqui sepultado, após a vida de abnegação que todos conhecemos, a lapide sobreposta aos restos mortaes do santo varão, hoje encontra-se condignamente resguardada, não só attestando o nosso reconhecimento pela obra grandiosa de Anchieta, como provando que não somos um povo que desconhece os deveres civicos, alliados ao amor das tradições, que concorrem de forma eloquente para a formação da Historia Patria.

Anchieta não foi sómente o abnegado propagador da fé, abrindo á luz da civilização os olhos dos primeiros occupantes do sólo amado de nossa terra, dedicando-se sem reservas á felicidade dos indios.

Elle foi, além disso, juntamente poeta, guerreiro, naturalista; para ser útil, sabia tomar todos os feitiços; ensinava a lêr aos meninos, commandava as tropas, compunha canticos, tratava dos doentes e não desdenhava o trabalho mais vulgar. Póde ser contado entre os homens mais extraordinarios do seu tempo.

Poeta, abnegado e corajoso apostolo da civilização, entregue, como refem, à ferocidade dos Tamoyos consagrara pacientemente os dias de um longo captivo a orações por amor dos proprios indios, em cujas mãos se entregara, para conseguir a paz com os colonos, que outros menos avisados imprudentemente haviam perturbado.

Foi nestes dias de sublime resignação, em que sua virtude, calma e confiante coragem foram postas ás mais duras provas, que Anchieta compoz o famoso poema consagrado á Virgem, confiando os seus versos á areia das praias, retendo-os na sua prodigiosa memoria para reproduzi-los, quando conseguiu voltar, restabelecida a paz com os selvícolas, á sua querida Piratininga, seis mezes mais tarde.

Anchieta o evangelizador, Anchieta o desbravador dos nossos incultos mattaréos tem, em cada peito espirito-santense um altar de gratidão e de admiração erguido á sua obra gigantesca com o primeiro guia dos passos dos nossos primitivos para a civilização.

Cabe agora á cidade de Anchieta a honra de tributar ao seu patrono o preito de veneração e de amor.

Assim, inaugura hoje o busto do grande evangelizador e catechista, tendo a solemnidade o mais alto cunho significativo, por ser assistida pelo mais elevado representante de S. S. o Papa, no nosso paiz, o sr. Nuncio d. Henrique Gasparri acompanhado de altos representantes do clero nacional e por todo o elemento official do Estado.

O *Diário da Manhã*, estampando o *cliché* do santo apostolo do amor, rende, mais uma vez, ao pregador do Evangelho nas selvas espirito-santenses, o tributo civico da mais alta veneração.

X

Conforme noticiámos em nossa edição de hontem, com destino á cidade de Benevente, onde vai assistir á inauguração do monumento á Anchieta, seguiu pelo vapor "Ipanema", collocado á sua disposição pelo noso Governo, s. exa. o sr. Nuncio Apostolico d. Henrique Gasparri, preclaro embaixador do Vaticano junto ao nssao paiz.

S. exa. foi acompanhado dos srs. d. Helvecio de Oliveira, arcebispo de Marianna, d. Benedicto de Souza, Bispo desta Diocese, d. Manoel de Oliveira, Bispo eleito de Goyaz e do sr. capitão Cavalcanti, official ás ordens do illustre embaixador da Santa Sé.

A's 9 horas da manhã, segundo estava determinado, o "Ipanema" levantou ferro, levando ainda a seu bordo o sr. Secretario da Instru-

ção, representando o sr. Presidente do Estado; o sr. Procurador Geral, representando o Tribunal Superior de Justiça; e o sr. deputado Thiers Vellozo, nosso Collega do *Diário da Tarde*, os srs. drs. José Monjardim e Pereira Lima; os srs. padres Luiz Cabral, Pedro Rotta, Valentim Cricco, Israel Moreira, José Ludwic e Antonio Sergio; os srs. drs. Octavio Araujo e Aristoteles da Silva Santos e o padre Elias Thomasi, pelo Instituto Histórico e Geographico do Espírito Santo, e o dr. Hermano Brunner, pela redacção do *Diário da Manhã*.

Por ocasião do embarque, a força do nosso Corpo Militar de Polícia prestou as continências protocolares, notando-se no caes não só todos os representantes do functionalismo federal e estadual, instituições religiosas, commercio, imprensa, etc. como também um grande numero de pessoas gradas.

A s. exa. e illustre comitiva reiteramos os nossos votos de boa viagem e grata estadia na tradicional cidade do sul do nosso Estado.

—X—

Conforme o programma previamente organizado para a inauguração do monumento a Anchieta, levantado na cidade que lhe deve o nome, foram hontem recebidos festivamente naquella cidade o sr. Nuncio Apostolico e sua illustre comitiva, sendo de imponente manifestação de apreço, orando em nome da população anchietense o dr. Luiz Vaz, Promotor Publico da Comarca.

Hoje e amanhã continuarão os festejos, em obediencia ao referido programma que abaixo reproduzidos.

Dia 17 — A's 4 horas da madrugada — Alvorada pelo grupo musical "José de Anchieta" e salva de estylo.

A's 6 horas — Missa de comunhão geral das associações e primeiras communhões, celebrada pelo exmo. revdmo. Dom Henrique Gasparri, Nuncio Apostolico no Brasil.

A's 9 horas — Missa campal por s. exa. revdma. Dom Helvecio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Marianna, pregando o illustrado jesuita padre A. Cabral.

A's 12 horas — Recepção official das illustres autoridades no Paço Municipal, orando o presidente da Camara e demais autoridades do município.

A's 16 horas — Inauguração do monumento na praça "Veneravel Anchieta" (ex-praça da matriz. 1) Descerradas as cortinas pelo exmo. sr. Presidente do Estado e Embaixador da Santa Sé, os alumnos das escolas publicas e particulares, cantarão o Hymno Nacional. — 2) Discursos dos presidentes de honra da Comissão Pro-monumento,

exmo. revmos. D. Benedicto Paulo Alves de Souza, D. Helvecio Gomes de Oliveira e D. Manoel Gomes de Oliveira, Bispo eleito de Goyaz. — 3) Hymno do Veneravel "Anchieta", letra de D. Aquino Corrêa, musica do maestro salesiano padre Valentim. 4) Discurso do Procurador Geral do Estado, dr. Josias Baptista Martins Soares, vice-presidente. — 5) O presidente effectivo da Commissão, Padre João Baptista Harriague, fará entrega do Monumento ao povo anchietense, representado na edilidade municipal.

A's 19 horas — Solemne *Te Deum* na veneranda Igreja Matriz, construida pelo Thaumaturgo do Brasil, Veneravel "Padre Anchieta", sendo officiante o revmo. Padre Cabral. — Oração gratulatoria e Benção pelo exmo. revmo. D. Benedicto P. de Souza.

A's 20 horas — Festa maritima á veneziana, concorrendo todas as embarcações surtas no porto. — 2) Baile offerecido ao exmo. sr. Presidente do Estado e sua comitiva.

Dia 18 — Regresso dos exmos. srs. convidados — Despedidas, pelo dr. Kosciusko Leão.

Além do descripto acima, haverá partidas de *Foot-Ball*, corrida de canoas e outras diversões.

—X—

Do nosso representante especial que seguiu na comitiva do sr. Nuncio Apostolico, recebemos o seguinte telegramma:

Anchieta, 16 (h. 18:50) — Viagem excelente. Chegámos ás 15 e meia horas, sendo demorado o desembarque devido á agitação do mar.

No caes achavam-se todas as autoridades locais, representantes do clero, familias, associações, escolas publicas e uma multidão de pessoas da localidade e de outros pontos do Estado, sendo o sr. Nuncio e sua comitiva recebidos debaixo de ovações.

Em nome do povo anchietense eo promotor publico da comarca, dr. Luiz Vaz, pronunciou um brilhante discurso de saudação ao sr. Nuncio, á S. S. o Papa, aos catholicos em geral e aos illustres prelados alli presentes.

Em resposta, o sr. Bispo D. Benedicto de Souza pronunciou uma eloquente allocução, agradecendo aquella homenagem.

A cidade engalanada offerece um aspecto festivo e excepcional movimento, percorrendo as ruas diversas bandas de musica.

Reina grande regosijo, grande animação, estando todas as ruas embandeiradas caprichosamente ornamentadas de arcos e galhardetes.

O SR. NUNCIO APOSTOLICO

A's 9 horas da manhã de sabbado ultimo, o "Ipanema" levantou ferro, com destino á lendaria e gloriosa cidade de Anchieta, a princeza do sul espirito-santense.

O dia estava incomparavelmente bello e o "Ipanema", talhando as aguas em bonança, em pouco havia transposto a barra, fazendo-nos contemplar a imponencia azul do alto mar, desse alto mar cuja monotonia nunca nos enche de tédio, porque a majestade das cousas não cansa nunca os que a sabem admirar e idolatrar.

A bordo, sob um ambiente de alegria, todos sentiam-se felizes e risonhos como a turqueza do céu immenso que nos abrigava.

SS. exas. os. srs. Nuncio Apostolico, D. Helvecio, arcebispo de Mariana, D. Manoel, bispo de Goyaz e o nosso amado e illustre D. Benedicto sentiam-se, de certo, felizes, vendo-se cercados de tantos amigos e adeptos frvorosos da sublime e inegalavel Religião que elles representam, symbolos da Virtude e do Bem, mensageiros da Paz e da Esperança, luzeiros excelsos da Fé que tudo vence e tudo purifica.

Ao escrevermos estas impressões, ajoelhamo-nos mentalmente com o pensamento erguido para o Alto, com a alma ungida de doçuras infinitas.

Grupo de senhoras, senhoritas e cavalheiros do nosso alto meio social palestravam animadamente, commentando o encanto daquella viagem.

Ao meio dia, mais ou menos, foi servido um importante banquete, durante o qual, se trocaram varios brindes.

E a viagem prosseguio, sempre bonançosa com o mar que sulcavamos em busca do destino que visávamos.

A's 2 horas e meia da tarde, começamos a distinguir, embora ainda mal revelado pela indecisão da distancia, o casario alvacentos de Anchieta littorana e ridente, que pouco a pouco, se foi delineando ao nosso olhar, como um bando de grandes aves brancas, que emergisse do seio azul e profundo das ondas e fosse pousar na orla da praia, no dorso das colinas e no cimo dos morros cheios de relva e de coqueiros.

Ouvíamos já o retumbar das salvas e o som entusiasmado das bandas de música, que aguardavam o desembarque de tão illustre comitiva.

A's 3 e meia, finalmente, o "Ipanema" lançava ferro, a grande distancia do littoral.

Difficil e demorado foi o transbordo dos viajantes para as pequenas embarcações que deviam levar-os para a terra: o mar bastante agitado, em tal momento, com muita difficuldade consentiu nesse serviço.

A's 5 horas, mais ou menos, achavamo-nos em terra.

No cães, uma immensa multidão aguardava a chegada do illustre embaixador do Vaticano e da sua brilhante comitiva.

Teve, então, a palavra, o dr. Luiz Vaz, promotor publico da comarca, que, cheio de aprimorada eloquencia, saudou os que chegavam de longe, respondendo em seguida o nosso querido Bispo Diocsano, D. Benedicto Alves de Souza, que, com o fulgor da sua proverbial erudição, empolgou o vasto auditorio que lhe escutava o verbo rutilante.

Organizou-se logo após um longo prestito, que conduziu, sempre debaixo de vibrantes ovações, o sr. Nuncio e os seus companheiros á residencia que lhes fôra destinada pela comissão encarregada dos festejos.

A' noite realizou-se um grande banquete, orando, na occasião varias pessoas.

Anchieta mostrava-se luzentemente enfeitada e o seu desusado movimento dava a impressão nítida de que nos achavamos numa grande capital e não numa pequena cidade provinciana, que olha eternamente para o horizonte infinito do mar, ora manso e ora cheio de revolta indomita.

Durante toda a noite, o movimento não cessou.

Domingo rompeu triumphal e sorridente, sob o pallio azul de um céu impolluto, d'onde o sól mandava á terra a pompa gloriosa de sua luz dourada e cheia de vida e de alegria.

A's 9 horas da manhã realizou-se uma imponente missa campal, officiando o exmo. e revmo. Arcebispo de Mariana, D. Helvecio de Oliveira, gloria daquella terra espirito-santense: Benevente.

Ao meio dia, o sr. Nuncio Apostolico, e comitiva dirigiram-se para o Paço Municipal, onde se realizou uma sessão solemne, presidida pelo presidente da Camara, cel. Philadelpho Fernandes, que abrindo-a num elegante improviso, deu a palavra, ao sr. dr. Danton Bastos, Juiz

do Direito da Comarca, que, num longo e magistral discurso, empolgou o auditorio.

Falou, em seguida o sr. Secretario da Instrução, dr. Mirabeau Pimentel, que, como sempre, se houve admiravelmente, sendo vibrantemente applaudido.

Seguiram-se-lhe o sr. Bispo Diocesano, e os dres. José Monjardim, Aristoteles Santos e Thiers Vellozo e D. Helvecio de Oliveira, cujos discursos, pelo menos em parte aqui não mencionamos, por absoluta falta de tempo, visto encerrarmos cedo o expediente da Redacção, na vespera da sahida deste jornal, isto é, ás 5 horas da tarde.

Às 4 horas da tarde, o sr. Nuncio seguiu debaixo do pallio assim como os srs. Arcebispo e Bispos presentes, para a Praça Veneravel Anchieta, (antiga da Matriz) acompanhado pela comitiva e por um enorme massa de povo, inaugurando em seguida, o busto do grande apostolo, do grande pregador immortal do Evangelho aos gentios, José de Anchieta.

Foi então dada a palavra ao celebre orador sacro portuguez, padre Gonzaga Cabral, que durante quasi uma hora, arrebatou e enebriou a multidão, com a sua palavra lapidar, assombrosamente maravilhosa, que escapa á nossa modesta competencia de apreciação.

Foi um hymno sobrehumano, entoado á memoria imperecível de Anchieta, um monumento literario que se não descreve.

Uma retumbante apothéose de palmas corôou-lhes as ultimas phrases de mestre consumado da palavra.

Subio, depois, á tribuna, o sr. dr. Josias Soares, que, com elegante facilidade de expressão, que todos lhe admiramos, orou durante alguns momentos, sendo no fim de seu discurso, vivamente applaudido.

Falou tambem, eloquentemente o sr. padre João Baptista Harriague, fazendo entrega do monumento ao povo anchietense, representando na edilidade municipal.

Às 19 horas realizou-se um solemne *Te-Deum* na trisecular Igreja Matriz, construida pelo Thaumaturgo do Brasil, tendo officiado o illustre sacerdote, padre Gonzaga Cabral, gloria viva da Companhia de Jesus.

Após o *Te-Deum* o nosso Bispo Diocesano pronunciou uma oração gratulatoria, concedendo a sua benção a todos os fieis presentes.

Fimdo esse cerimonial, houve varias festas, que se prolongaram até alta noite.

Realizou-se, no Paço Municipal, um animado sarão dançante a que compareceram todas as pessoas gradas presentes aos festejos.

No dia immediato, 17, ás 6 horas da manhã, o sr. Nuncio Apostolico e sua illustre comitiva seguiram em lancha especial, rio Benevente acima, através de paisagens encantadoras, até á Uzina Jabaquara, a convite do importante industrial cel. Pedro José Aboudib, proprietario da mesma, onde chegaram ás 9 horas.

A Uzina Jabaquara achava-se primorosamente enfeitada, tanto no interior como no exterior, e os seus innumerados operarios não podiam occultar a profunda alegria de que se viam tomados diante de tão honrosa visita.

Todos os grandes departamentos daquelle modelar e vasto estabelecimento industrial foram detidamente visitados, tendo o cel. Pedro José sido alvo dos mais francos elogios por parte de todos os visitantes.

Seguiu-se um lauto banquete, durante o qual foram pronunciados discursos pelo sr. Bispo Diocesano, drs. Mirabeau Pimentel, José Monjardim, Thiers Vellozo, e Aristoteles Santos, discursos allusivos a personalidade eminente do proprietario da Uzina Jabaquara.

O sr. Bispo Diocesano lançou a sua Bênção a todos os operarios.

Findo o banquete, regressámos a Anchieta, embarcando em seguida para esta capital, onde chegámos ao despontar do dia seguinte, saudosos da magnifica excursão que havíamos feito.

Terminando estas notas, congratulamo-nos com o povo de Anchieta pela honrosa visita com que foi distinguido e, tambem, pelo modo com que se houve com os festejos que levaram a effeito e que jamais serão banidos da memoria de todos os que tiveram a ventura de assistir-los.

Conforme noticiamos, o sr. Nuncio Apostolico foi hontem a Cidade do Espirito Santo, em visita ao tradicional Santuario de N. S. da Penha, onde almoçou em companhia dos srs. D. Benedicto de Souza, Bispo desta Diocese, D. Helvecio de Oliveira, Arcebispo de Mariana e D. Manoel de Oliveira, Bispo eleito de Goyaz, dos secretarios de s. s. exas. revmas. e do official ás ordens do illustre embaixador da Santa Sé.

O sr. Nuncio e sua illustre comitiva fizeram essa excursão na lancha *Nizia*, da Secretaria da Presidencia do Estado, regressando á tarde a esta capital.

A' noite, o nosso eminente hospede compareceu ao brilhante festival artistico, levado a effeito no Theatro Melpomene pela Associação da Doutrina Christã, em beneficio das creanças pobres das aulas de catechismo que a mesma associação mantem nesta cidade, festival de caridade organizado com um magnifico programma que foi executado a contento e de que opportunamente daremos detalhada noticia.

Hoje, ás 13 horas, o sr. Nuncio visitará, no Palacio do Governo, ao sr. Presidente Nestor Gomes, e nas respectivas secretarias, aos srs. Secretarios de Estado.

Em seguida visitará o Congresso Legislativo e o Tribunal Superior de Justiça.

A's 14 horas, fará um passeio de bonde, pela cidade.

Realizar-se-á hoje, ás 20 horas, no palacio do Governo, o grande banquete que o sr. Presidente do Estado offerecerá ao sr. Nuncio Apostolico.

Para essa festa, foram convidadas as altas autoridades do Estado e do municipio da capital, os chefes de serviços federaes, os Deputados ao Congresso, os membros da Magistratura e o Corpo Consular.

Nesse banquete haverá sómente dois discursos, um de saudação do sr. Presidente do Estado e outro, em resposta, do sr. Nuncio Apostolico.

O illustre representante diplomatico de S. S. o Papa regressará amanhã ao Rio de Janeiro, acompanhado de sua brilhante comitiva, em trem especial, posto a sua disposição pelo Governo do Estado.

Até a estação de Marechal Floriano o sr. Bispo Diocesano D. Benedicto de Souza acompanhará a s. exa. revma. e até as fronteiras do Estado, seguirá com o sr. Nuncio o sr. capitão ajudante de ordens da Presidencia, representando o Chefe do Estado.

O PRECURSOR

Pe. LUIZ GONZAGA CABRAL

Aos 17 de Dezembro de 1922, uma cidade do Estado do Espirito Santo, á qual a gratidão dos Brasileiros deu officialmente o nome de ANCHIETA, inaugurava, sobre um elegante e sóbrio plintho de granito vermelho, a primorosa obra de arte, em que o cinzel de ROSADA fez reviver no bronze os traços a um tempo carinhosos e energicos, do maior Missionário JESUITA do Brasil no século XVI, o Venerável Padre JOSE' DE ANCHIETA.

Assistia á cerimonia o Nuncio de Sua Santidade com o character official de Embaixador, o Representante do Presidente da República, o Governo Estadoal, o Prelado diocesano, o Arcebispo de Mariana, o Bispo de Goyaz, larga representação da Magistratura, do Exercito, do Ensino, das Classes intellectuaes e profissionaes, e emfim, uma enorme multidão de povo.

Coube-me a honra de ser Orador official nessa impressionante inauguração; e, havendo de assignalar os titulos de ANCHIETA, áquella apothéose, ponderei em primeiro logar a sua benemerencia nacional, pois que a Pátria Brasileira, nas suas tres modalidades mais expressivas, o *território*, a *lingua*, a *nacionalidade*, reconhece a ANCHIETA por um dos seus mais indiscutíveis fundadores.

A minha these ao escrever esta Monographia para a *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, é ainda mais rigosamente exacta, do que o foi a que expuz de viva voz naquelle solemniissimo acto; porque ali fallava de um só filho da Companhia, e aqui refiro-me á pléiade inteira dos JESUITAS, cuja acção sobre o território, a lingua e a nacionalidade da nova Pátria redobrava naturalmente de efficácia com a multiplicação dos Anchietas nos vastos espaços do Brasil e com a sua continuação no tempo atravez da Historia do mesmo Brasil.

Digamos primeiramente do *território*. Não é elle o berço da raça e o lar da grande familia nacional? O território é a paisagem que nos

levou o primeiro amor, aquella que o nosso olhar extasiado de creança soletrou no primeiro hausto de luz e de sombreado, de matiz e de relêvo, de perspectiva e de horizontes; o território é a lingua natal dos nossos ouvidos ainda não afeitos ás articulações da linguagem fallada, lingua ingénua e onomatopáica, da qual ouvimos, num prazer innocente, feito de inconsciencia e de instincto, o rumorejar da folhagem e os trinados do passarêdo, a voz solemne das vagas e o gorgolejar da cascata e do ribeiro, o cicio da brisa perfumada e a orquestra complexa e sublime dos concertos da natureza; o território é o celeiro do nosso pão e a dispensa da nossa fructa; o território foi o berço da nossa meninice e é a urna funerária dos nossos mortos queridos; o território é o mimoso das nossas predilecções: *no hay tierra como mi tierra*, e "aos leitores deseja que não seja para elles, como é para mim desterrado, o alvo longinquo de pungentes saudades, *gosto amargo de infelizes*. O território é tudo isto.

E quando este território é o Brasil, então o lar já não é o tugurio estreito, nem o casal remediado, nem o solar morgadio; o território é então, como disse admiravelmente NABUCO, já citado: — uma das três ou quatro maiores casas da terra" (1).

Pois bem: esse vastissimo território apanágio da grande unidade brasileira, aos JESUITAS se deve, mais que a ninguém.

"Se não fosse a Companhia, diz ainda o eminente Diplomata JOAQUIM NABUCO, acreditaes que o Brasil seria o grande bloco de Continente que vae das Guyanas do Amazonas ás Missões do Paraná? Acreditaes que esse território não se teria pelo menos dividido em três ou quatro immensos fragmentos, um huguenote, outro hollandês, o terceiro espanhol e apenas o quarto brasileiro? (2)".

ABILIO RUSSEL escreveu uma interessante *Memória* intitulada: "*Os Jesuitas e o devassamento do território brasileiro*". Tanto elle, como NELSON DE SENNA, na sua *These* para o 1.º Congresso de História Nacional, "*A Contribuição ethnographica dos Padres da Companhia de Jesus*", dão uma copiosa lista de Jesuitas exploradores do território brasileiro! Esta penetração, porém, dos sertões, tomou seu principal desenvolvimento durante os séculos XVII e XVIII; e por isso a deixo para quem escrever sobre a influencia colonizadora da Companhia no Brasil, desde 1580 até 1754.

Ha, contudo, no século XVI alguns phenómenos de colonização devidos á iniciativa dos *Jesuitas*, sobre os quaes não me é lícito silenciar, por serem phenómenos inquestionavelmente primaciaes!

O primeiro, — certamente não dos menos momentosos, — é o a que já me reportei acima, ao referir-me á theoria do *hinterland* (3).

O segundo — phenómeno territorial, em que os *Jesuitas* tiveram decisiva influencia na preparação da futura Pátria-independente — é a rede de estradas com que foram estreitando a unidade deste continente desmesurado, tão facil de fragmentar, se não o tivessem, por assim dizer, fortemente travado com a verdadeira ossatura do corpo social de uma nação no seu substratum geographico: a *viação*. No capitulo segundo da segunda parte desta Monographia, já assignalei esta, como uma das insignes bemfeitorias da Companhia em favor da civilização brasileira.

Mas, quando os *Jesuitas* não tivessem sido os delineadores das grandes estradas de penetração, com a formal intenção de as fazerem taes, bastariam para lhes assegurar esse merecimento as innumeradas Missões, com que intelligentemente pontearam o território, como o engenheiro ponteia, com suas estacas coloridas, o traçado das grandes artérias terrestres.

O Dr. THEODORO SAMPAIO, tomando como ponto de partida a Bahia, dá-nos uma resenha, luminosa e cheia, dessa demarcação preparadora dos futuros núcleos de população da Pátria Brasileira.

No Rio Vermelho sobre o mar — escreve o illustre historiographo — levantou-se a Capella de Nossa Senhora, e á sombra della prospéra uma missão; em S. Paulo, aldeia selvagem, onde é hoje a freguezia de Brotas, outra não menos prospera; em S. João, á entrada do esteiro de Pirajá, hoje Plataforma, outra a iniciar o circuito desse esplendido reconcavo da Bahia de Todos os Santos para conversão do seu povo; outra em Tubarão, onde é hoje o Paripe, para reducto da conquista espirital dos barbaros do Passé; outra ainda em Itaparica, entre os Indios em cujas maos teve tão misero fim o desgraçado Donatário COUTINHO. A invasão não pára ahí, que o seu fim é avassallar o Brasil todo.

Ligar a Bahia, a sua cidade do Savador, foco de justiça e soccorro, foco de civilização e de fé, ao Norte até Pernambuco e além, e ao sul até a longinqua capitania de MARTIM AFFONSO DE SOUZA, estendendo nessas duas direcções uma corda de missões, reductos de defeza e núcleos de futuras villas e cidades, é plano que não podia ter escapado á perspicácia de governadores como MEM DE SA', e dos illuminados apóstolos do Brasil, NOBREGA, LUIZ DA GRAN e ANCHIETA.

Ao longo da costa accendem-se, ao norte e ao sul, esses focos-de luz do Evangelho.

Vê-mo-los nos Ilhéos, a caminho do sul, em Porto Seguro, no Espírito Santo e em S. Vicente; vêmo-los ainda nos campos de Pira-

tinga, onde sorri a NOBREGA a perspectiva de fundar de novo um povo principiado em sinceridade e verdadeira religião e amor de Christo; e funda-se então S. Paulo, que, pelos tempos adiante seria o berço de audaciosos conquistadores dos sertões brasileiros, e seria, como hoje é, um foco esplendente dos de maior brilho no progresso nacional. Vêmo-los, com igual passo e não menor alcance, esses focos de luz accenderem-se numerosos daqui, na direcção do Nordeste Brasileiro. Vêmo-los na Aldeia do Espirito Santo, que é hoje Abrantes, á beira do rio de Joannes; em Arambepé, que fronteira o Monte Gordo; em Assú, que visinha com a Torre de Garcia de Avila, no rio Real que parte com Sergipe, habitado por gentio numeroso e atrevido, couro de francezes; e, para além do rio de S. Francisco, onde habitam fôros Cahetés, matadores do mallogrado Bispo D. Pedro Sardinha e de seus companheiros, naufragos no Cururipe, interrompe-se apenas o cordão luminoso das fundações á espera somente da victoria das armas, até que se façam prestes os Capitães-môres para, por uma parte e por outra, accommetterem aquelle gentio e lhe inflingirem o merecido e já tardio castigo. A Conquista religiosa, porém, não se suspende. No Nordeste, para além de Pernambuco e de Itamaracá, na Parahyba, no Rio Grande do Norte, onde Religiosos de outro habito, os de S. Francisco, se apresentam a participarem da gloriosa campanha, ella prosegue com igual successo. Nas plagas cearenses tomba mártir no seu apostolado — o PADRE FRANCISCO PINTO; mas o martyrio, aqui como alhures, cria prosélytos e desafia dedicações, e eis que o facho luminoso da fé, de mão em mão transmittido, accende novos focos nos cimos da Ibiapába, nas planicies onde correm o Parnahyba e o Maranhão, na embocadura do Amazonas, entre os Nheengahibas de Marajó, assim como nos tributários desse immenso caudal despejado dos Andes (4)". Completarei esta rica nomenclatura do erudito Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, lembrando o prolongamento do cordão luminoso, mais para o sul de S. Paulo e do Rio de Janeiro, em Santos, Cananéa, Paranaguá, Missões, e tantos outros pontos de doutrinas até ao Paraguay, Uruguay e Rio da Prata; sem olvidar que os JESUITAS é que abriram "as estradas de Santos a S. Paulo e muitas outras para o interior, especialmente uma por Botucatú até aos aldeamentos do Parapanema, com comunicação fluvial para Matto Grosso, e outra ainda, que ia pelo Rio Grande do Sul á inesquecível Colónia do Sacramento (5)".

E se esta ossatura vigorosa da *viação*, compaginando, como o esqueleto no corpo humano, a musculatura opulenta do território nacional, e constituindo a travação resistente do colosso brasileiro, justifi-

fica, para os JESUITAS, na preparação do Brasil-independente, o título de precursores, não o justificam menos as preferências dadas a determinados centros, entre os núcleos de população por elles creados!

O insigne historiador do Brasil, sr. JOÃO RIBEIRO chama com enérgica exactidão *células genéticas do tecido do Brasil* os seguintes pontos do seu território: Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Rio e Maranhão. Ora, dessas cinco células genéticas duas — já o vimos — foram exclusivamente obra da Companhia: S. Paulo, que ella creou por suas mãos e o Rio de Janeiro, que contra tudo e contra todos ella conseguiu que se fundasse. As outras três: Bahia, Pernambuco e Maranhão receberam dos JESUITAS o máximo da sua expansão.

Razão tinha MANUEL DA NÓBREGA para dar a THOMÉ DE SOUZA, quando este lhe objectava estar fóra da cidade o local escolhido para o Collégio, a mesma resposta que o P. M. SIMÃO RODRIGUES deu a El-Rei D. JOÃO III, perante objecção identica, a respeito da casa de E. Roque em Lisboa: — Não se arreceie Vossa Alteza de ficar a casa fóra da Cidade; a Cidade virá juntar-se em redor da casa. — E assim foi. O grande bairro dos Andrades teve como célula genética a casa e S. Roque como o Collégio da Bahia veiu a fazer do *Terreiro de Jesus* o ponto central da cidade do Salvador (6)".

Da lingua, considerada como segundo elemento da Pátria, não ha porque fallar aqui, pois já deixei exposto de sobre-mão em outro lugar deste capitulo, o papel preponderante que aos JESUITAS coube no assegurar ao Brasil um idioma vernáculo impecável, e a estabilidade de uma litteratura digna de um povo independente.

Mas se o território e a lingua são modalidades expressivas da Pátria; a nacionalidade, essa então é exhaustivamente expressiva, pois, mais que nenhuma outra, é adequadamente a mesma Pátria.

A nação é o povo, o povo com todas as suas características, com a feição propria que lhe são os multiplos agentes étnicos, modificados pelas influencias mesológicas; a nação é o povo, mas o povo não disperso numa pulverisação de interesses divergentes, senão conscienciente unido pela communidade de laço que o estreita, e de fim em que põe a mira.

Ora, se este ideal pede, em quem ha-de consegui-lo, intelligencia forte, coração forte, braço forte; que diremos do caso especialissimo do Brasil, quando esta fusão do povo para ser nação ha-de effectuar-se pelo enlace de três raças, tão distanciadas pela origem, como diversas nos predicados?

Pois esse problema momentoso "resolveram-no os JESUITAS Portuguezes no Brasil. Foram elles que por essa aproximação das raças

realizaram no Portugal da America" o método de colonizar, a que EDUARDO PRADO chamou tão finamente o *método cathólico*.

Ufane-se embora de outras prerogativas a grande república Norte-Americana; os Brasileiros podem e devem ter o orgulho de ser um povo que deve a sua existencia, não á trucidação de uma raça inteira, hecatombe que o Protestantismo não impediria no Sul, como a não soube impedir noutras regiões; mas á fusão das raças, oppostas de origem, e que o catholicismo, renovando o seu antigo prodigio de christianização e de absorpção dos bárbaros, soube tambem na America ensinar e civilisar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas nações e originar-se uma nova "raça, em que o Branco entra com o cérebro mais desenvolvido, o Indio traz a agudeza da sensibilidade dos seus sentidos e a agilidade elastica dos seus musculos sentidos e musculos um tanto atrophiados no homem civilizado. Não tivessem os JESUITAS tornado os indios sedentarios e mansos, dando-lhes educação e cultura, que competisse com a do europeu, e esse cruzamento, a que devemos, pode-se dizer, a quasi totalidade da população brasileira não se teria dado (7)". Elegantemente condensou esta alliança, numa só imagem, o eloquente JESUITA brasileiro, PADRE AMÉRICO DE NOVAES, ha pouco fallecido, quando escreveu: "Piratininga, a India do Planalto, depois de ter recebido o baptismo da fé, chamando-se S. Paulo, compleatmente transformada pela influencia christã, une-se com a benção de Deus ao Português. E os filhos deste enlace, vigorosos de corpo e alma, allian-do á delicadeza da sensibilidade uma intelligencia privilegiada, serão os primeiros a auxiliar o movimento da unificação territorial, linguística, ethnologica (8)". E. acima de todos esses elementos de unificação, estava o mais forte, o mais effizaz o mais profundamente duravel: a *religião*. E quem negará que para fornecer á nova Pátria esse elemento primacial de unidade tivessem preponderante influencia os mesmos JESUITAS que no Brasil presidiam á propria unificação da raça?

Não ha duvida que a fusão de factores heterogéneos a que agora acabamos de referir-nos fundamentava uma differença radical entre o Português colonizador e o producto ethnico da Colonia; e essa differença era já por si uma semente de nacionalidade, que a seu tempo, com a evolução organica da raça, podia dar um motivo de desdobramento politico. Teria sido, contudo, insufficiente, se a essa modificação ethnica não se tivessem ajuntado a esmerada cultura intellectual, o amor consciente do torrão patrio, as tradições historicas peculiares ao novo solo, e os direitos adquiridos pela defeza delle contra o estrangeiro; todos esses dotes enfim, que constituem, dentro de um

povo, o escól dos seus dirigentes, a selecção das suas capacidades, que um dia, quando a nacionalidade chegar á sua plena maturação, vem a aproveitar o ensejo de uma divergencia historica, de um descontentamento fundado, de uma incompatibilidade politica, para proclamar a sua maioridade e com ella a sua emancipação.

Ora, esse escól de dirigentes, essa selecção de capacidades, foi preparada nas escolas da *Companhia* de JESUS, por espaço de quasi tres séculos.

E' curioso colher flagrante nada menos que num depoimento accusatório feito á *Companhia* pelo maior dos seus inimigos, a confissão desta benéfica influencia, creadora do escól intellectual brasileiro, com que se preparava o desabrochar desta Nação, gloria da Mãe-Pátria que assim a levou até a sua pujante maioridade.

Censura o MARQUÊS DE POMBAL asperamente os JESUITAS, por terem desenvolvido no Brasil o ensino médio e superior; e não hesita ante a affirmativa odiosa e obscurantista de ser útil aos interesses da metrópole a ignorancia relativa da Colonia. (9)

Se os interesses de uma Nação consistissem no seu dominio escravizador, alargando-se sem altruismo bemfazejo á maxima extensão territorial; se o ideal colectivo de um Estado estivesse na extorsão de proventos sordidamente egoistas, sem vistas largas de civilização; não faltaria uma certa lógica, ao menos, nesta affirmacão destituida de nobreza. Mas que titulo poderá conferir-se a uma Nação, que mais a ennobreça perante a Historia, que o de ter sido Mãe fecunda de outra Pátria, por ella gerada, educada e guiada até ao pleno-desenvolvimento de sua estatura nacional?

Não! Essa mesquinhez, que fazia calar ante os odios pessoas, ou os interesses privados, o alargamento da civilização, ou os interesses collectivos, não pode acceitá-la a critica da Historia, qual hoje a reclama a imparcialidade scientifica.

Já citei a affirmacão daquelle grande Brasileiro que foi EDUARDO PRADO, declarando que a expulsão dos JESUITAS pelo Marquês de Pombal fôra para as Colonias Portuguezas, e por isso mesmo para o Brasil de então, um segundo *Alcácer-Kibir* (10). Ora, referindo-se á politica pombalina na celebre questão da Colonia do Sacramento, escreveu NELSON DE SOUZA, no Congresso Nacional de Historia do Rio de Janeiro, que, com essas combinações desastradas, *mais de um milhão e meio de Indios deixou de se incorporar ao gremio Nacional* (11).

Foi um desfalque enorme na população deste Brasil-independente. Esses Indios civilizados pelos JESUITAS, teriam sido, logo no ralar da nova nacionalidade, um contingente valioso, quando a população

brasileira estava longe dos milhões com que actualmente a vão enriquecendo as emigrações europeias!

Ao menos, o perseguidor da *Companhia* de JESUS, com a sua theoria sonegadora da instrução média e superior, para a circumscrever calculadamente ás aulas primarias, não conseguiu fazer retrogradar a esse obscurantismo relativo, as gerações de Brasileiros que os JESUITAS tinham preparado para a plena consciencia da sua maioridade, no convívio fraternal das Nações Civilizadas.

Felizmente este frio e descaroável processo de limitar a esphera intellectual da Colonia não o encontrára SEBASTIÃO JOSE' DE CARVALHO nos regimentos, que durante tres seculos os Reis de Portugal tinham mandado de Lisboa para o Brasil, aos seus Governadores e Vice-Reis.

Ahi é constante a preocupação de melhorar as condições agricolas, commerciaes, industriaes, e intellectuaes da America Portuguesa.

Dos Centros de ensino confiados á *Companhia* de JESUS, os mais importantes e de mais elevado magisterio foram fundações dos proprios Reis, como D. João III e D. Sebastião, ou dos Governadores enviados por elles, como MEM DE SA'.

Nunca, até á segunda metade do seculo XVIII se vira que a Corôa Portuguesa sonegasse progressos ao Brasil com receio de que um dia elle podesse emancipar-se da Mãe-Patria!

A sua emancipação pôde ser, no momento, dolorosa; nem se fez nunca na Historia uma dessas separações sem que gottejassem algum sangue e corressem algumas lagrimas; sem que os animos exaltados fizessem cruzar doestos a echoarem desabridos por espaço de alguns annos. Mas a calma succede á turbacão, e — mais que em nenhuma emancipação historica — Portugal tem direito de se gloriar, nesta da Pátria gloriosa e vastissima, que por sua mão guiou, até faze-la entrar, já Senhora, na Casa que lhe preparara com a sua providencia colonizadora.

Neste emprehendimento a *Companhia* de JESUS teve o seu quinhão, que o Historiador imparcial, hoje em dia desembaraçado de velhos preconceitos facciosos, reconhece incontestavelmente *grande*.

Com a sua influencia profissional de Apóstolo, exerceu o JESUITA, para a colonização do Brasil, o apostolado da catequese, e foi seu primeiro Missionario; o apostolado da caridade, e foi seu insigne bemfeitor.

Com a sua *influência social* de *Civilizador* o JESUITA civilisou pela pedagogia integral, e foi *Educador*, pelo *progresso* omnimodo, e foi *Guia*.

Com a sua *influência nacional* de *Patriota*, soube aliar o patriotismo de Colonizadores e Colonizados, fazendo-se na *Colônia* o *Mediador* entre uns e outros; e preparou, numa evolução orgânica e por isso mesmo vital, a plena maturação da nova Pátria, sendo verdadeiramente um *Precursor* para o glorioso *Brasil-Independente*.

(1) Gonzaga Cabral, *Pátria e Religião*, discurso official na inauguração da estatua do V. P. José de Anchieta na cidade de Anchieta (Reritgbá, Benevente); pags. 6 e 7.

(2) Joaquim Nabuco — *Centenario Anchietano*; Paris, Aillaud. 1900, pag. 327.

(3) Supra, 2.^a Parte, Capitulo IV — Cfr. Oliveira Martins, — *O Brasil e as Colônias Portuguezas*, citado por Eduardo Prado, *Conferências Anchiéticas*, p. 51.

(4) Dr. Theodoro Sampaio — *Conferencia* de 18 de julho de 1923, apud *Revista Eccl. da Archid. da Bahia*, ns. 6 a 12, pag. 52 (Bahia, Typogr. Social, 1923).

(5) Aleixo Garcia — *As nossas fronteiras e os Jesuitas*. Em "*O Mensageiro da Paz*", Anno II, n. 34; S. Paulo, 2.^a quinzena de 1923.

(6) Cfr. Visconde de Castilho (Julio) *Lisboa Antiga*, t. I.

(7) Cfr. Eduardo Prado — *Centenario Anchietano*, pp. 45 e 51 — Item Luiz Gonzaga Cabral, S. J. — *Pátria e Religião*, Discurso citado, pp. 11 e 12.

(8) Americo de Novaes, S. J. *Methodo de ensino e de catequese dos Indios* — em *Centenario*, etc., p. 163.

(9) Esta mentalidade pombalina não apparece somente nas Instruções que prepararam a *Directoria geral de Estudos e o Subsídio litterario*; na correspondencia particular com seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado; e nas declamações altisonantes da *Dedução* ou da *Relação Abreviada*. A propria Reforma da Universidade reflecte este criterio estreito. "Nella ficou resumido e concentrado, observa opportunamente Villhena de Moraes, todo o ensino superior de um paiz como Portugal, que de tão vastos dominios coloniaes era senhor. Quando a Hespanha não duvidou estabelecer Universidades em muitas das suas possessões, como as de Lima, Caracas, Santiago, Mexico e Santa Fé, não conseguiu o Brasil um só instituto de ensino superior". (Op. cit. p. 53). Afinal esta mesquinhez de ideal concorda

com a orientação em que se inspirou o Ministro de D. José para a *Carta Regia* de 19 de junho de 1761, proibindo no Maranhão a cultura da canna de assucar, como já prohibira aos Brasileiros enviarem suas filhas a educar em Portugal, Hespanha ou Italia; e, por outra *Carta Regia* escripta em Julho de 1766, obstara ao desenvolvimento no Brasil de ourives, fiadores de oiro, linhas de prata, sedas tecidas e algodões. Por isso não admira que poucos annos depois, em 1795, o Capitão General D. Fernando Antonio de Noronha, propuzesse, na sua *Informação ao Real Erário*, a extincção das Cadeiras de Philosophia, que, após a suppressão dos Collegios da Companhia, se tinham franqueado nalguns conventos. — extincção que apoiava nesta razão lidamente pombalina, de não *abusar* de estudos superiores, “que só servem para nutrir o orgulho proprio dos habitantes do meio dia, e destruir os laços de subordinação politica e civil, que devem ligar as Colonias á Metropole”. (Cfr. Candido Mendes, *Direito Civil e Ecclesiastico Brasileiro*, p. CLI).

10) Idem, *ibidem*, p. 54.

(11) Nelson de Souza — *Contribuição ethnografica dos Jesuitas* p. 29.

ROMARIA ANCHIETANA

A CHEGADA. ONTEM, A ESTA CAPITAL, DOS ROMEIROS QUE VÃO A ANCHIETA — A RECEPÇÃO NO CAIS DO PORTO — ENTREGA DA MENSAGEM DA COLONIA ESPANHOLA AO SR. INTERVENTOR

Passageiros do vapor nacional "Pedro I", que atracou ontem, às 11 horas, no Cais do Porto, chegaram a Vitória, procedentes da Capital da Republica, os romeiros integrantes da caravana organizada pelo Touring Club do Brasil, sob os auspícios de SS. Exas. Revdmas. D. Helvecio e D. Emanuel Gomes de Oliveira, respectivamente Arcebispos de Mariana e de Goiás, e que vão à Anchieta, em visita à legendaria cidade que acolheu o grande apóstolo e que agora tem o seu nome, por motivo do transcurso, no dia 27 deste mês, do 4.º Centenario da fundação da Companhia de Jesus.

No Cais os romeiros foram recepcionados por altas autoridades do Estado, notando-se, entre outras, o dr. Nelson Goulart Monteiro e ajudante de ordens representando o exmo. sr. dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, Interventor Federal em exercicio, e o dr. Americo Poli Monjardim, Prefeito da Capital.

Entre os excursionistas, que são em numero de 120 pessoas, contam-se S. Exa. Revdma. D. Otavio, Bispo de Pouso Alegre, Monsenhor Santa Portacupi, representante da Nunciatura, Monsenhor João Uchêa, vigário geral de Niterói, Padre Lira, diretor do jornal "A Cruz", José Vicente Payá, representante da Colonia Espanhola, Alfredo Guimarães, representante do Liceu Literario Português, dr. Biochini e senhora, Padre Paulo Benevonth, reitor do Externato Santo Inacio e dr. Plinio Olinto, presidente da Associação Brasileira de Educação.

O dr. Americo Monjardim, digno Prefeito da Capital, saudou a chegada, os romeiros anchietanos, proferindo o seguinte e eloquente discurso:

"Meus ilustres patricios:"

Em um belo e edificante movimento espiritual, o Brasil, no que tem melhor nas classes representativas de sua inteligência e de sua cultura, prepara-se para render tributo de imperecível gratidão á gloriosa Companhia de Jesus, cujo quarto centenário, entre vibrações de civismo, se celebra neste mês.

E' que a efemeride que nos evoca um passado cheio de grandezas, pontilhando de lances épicos, de ásperas lutas, de árduos sofrimentos, vincula-se intimamente á nossa historia politica, como de resto, á historia de quasi todos os povos americanos, no periodo tumultuario de sua formação social.

Muito devemos a esses intemeratos discipulos de Loiola, que no sóio virgem do Novo Mundo lançaram a semente fecunda da civilização cristã.

Soldados da Fé, inquebrantaveis de animo, da tempera valorosa desses varões de coragem indomita que se chamavam Bandeirantes, elles tambem, missionarios das selvas, fizeram a sua "entrada", afrontando sobranceiros a floresta traiçoeira e inhospita, onde a cada passo os salteava a morte.

Ao revés, porém, daquêles rudes e hirsutos sertanistas, lançados á miragem das gêmeas preciosas, á fulguração do ouro requestado, á preâ do infeliz selvicola, os sublimes religiosos, caçadores de almas, tinham os olhos erguidos para riquezas que não eram terrenas.

Sua missão era altruistica, humanitaria e sobretudo civilizadora.

Aqueles abalavam os sertões com o tropél infrene de suas correrias e, enchiam os ares com o ribombo dos mosquetões assassinos, numa guerra de cobiça, de extermínio e de desolação.

Aos filhos de Loiola animava um desejo de paz, um espirito de renuncia, de amor fraternal, frutos do verdadeiro e puro ideal cristão daquêle mesmo ideal que impellu Anchieta a levar o Evangelho ao seio das selvas.

Senhores: Vindes de outras provincias do Brasil, conclamados pelo entusiasmo sempre renovado de D. Helvecio e D. Emmanoel, filhos dilêtos desta terra, emprestar a solidariedade da vossa presença e trazer-nos a animação, o conforto dos vossos aplausos, conferindo um brilho invulgar ás festas com que comemoramos a obra ciclopica desses inolvidaveis soldados de Cristo, dentre os quais a nossa admiração e respeito se impõe a figura impar de José de Anchieta.

Ao receber-vos nesta cidade, que hospitaleira vos estende os braços, não me é preciso dizer quanto nos desvanece, sensibiliza e honra a vossa visita.



Grupo tirado por ocasião do desembarque dos romeiros a esta Capital, no dia 19 de setembro do corrente ano



Aspéto tomado na Cidade de Anchieta, logo após a cerimonia da inauguração da rua Major Bley. Além de diversas autoridades federais, estaduais, municipais e eclesiasticas. distinguem-se o senhor Interventor Federal, interino, dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, D. Octavio de Miranda, D. Luiz Scortegagna, D. Helvecio Gomes de Oliveira e o dr. João Amaral, Prefeito Municipal de Anchieta

As espontâneas manifestações de regosijo publico, mais do que as minhas palavras, dizer eloquentemente dos sentimentos que nos animam neste momento.

E' pois, com a maior satisfação, que vos apresento as boas vindas em nome do povo e do governo da cidade, formulando-vos os melhores votos de feliz estada entre nós".

Em seguida, os excursionistas dirigiram-se para a Catedral, onde realizou-se o solene *Te-Deum*, ocasião em que S. Exa. Revdma. D. Luiz Luiz Scortegagna, amado Bispo desta Diocese, fez carinhosa saudação aos romeiros dissertando sobre a vida de José de Anchieta.

A's 14 horas os romeiros foram recebidos em Palacio, por S. Exa. o sr. Interventor Federal interino, dr. Celso Calmon Nogueira da Gama. No salão nobre, onde se encontrava grande numero de autoridades estaduais, federais e municipais e senhoras de nossa sociedade, entre as quais Madames Alzira Calmon Nogueira da Gama, Zilda Pessoa Monteiro e Alice Proença Monjardim, S. Exa. Revma. D. Otavio, Bispo de Pouso Alegre, cumprimentou, em nome dos romeiros, ao sr. Interventor Federal.

Após, usou da palavra o sr. José Vicente Payá, representante da Embaixada Espanhola, que em feliz e entusiastico discurso, fez entrega ao sr. Interventor Federal interino dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, de uma mensagem em rico pergaminho da Colonia Espanhola carioca, dedicada a S. Exa. Major João Punaro Bley, Interventor Federal neste Estado.

A mensagem em apreço está redigida nos seguintes termos:

"La Colonia espanhola en el Brasil al Exmo. sr. Interventor Federal del Estado do Espirito Santo, Major João Punaro Bley. Rio de Janeiro, 18 de septiembre de 1940.

La Colonia española en el Brasil asociándose a los homenajes que con motivo del IV centenario de la fundacion de la Companhia de Jesus, se celebran en esta ciudad, para recordar la imortal figura de quien fué precursor de la Cristandad en el Brasil, nuestro y nuestro V. R. José de Anchieta eleva a V. Exa. mediante este mensaje el emocionado saludo de los espanoles, saludo que unido a nuestro profundo reconocimiento, llega hasta V. Exa. con los mas sinceros votos por el éxito de su improba labor en el Gobeirno del Estado do Espirito Santo, en pró del engrandecimiento de los Estados Unidos do Brasil, bajo la guia de su ilustre Presidente Dr. Getulio Vargas.

Viva el Brasil! Arriba España!

Rio de Janeiro, 18 de septiembre de 1940. Camara Espanola de Comércio y Industria — Presidente Manoel Barreiro Cavanelas, So-

ciudad Espanola de Beneficencia — Presidente — *Manoel Barreiro Cavanelas*; Centro Galego — Presidente — *Maganel Pácoros Martinez*; Cruz Reja Espanola — Presidente — *Amancio Pousa Soto*. Por la comission: *Victor Fernandes Alonso*".

O dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, usando da palavra, agradeceu, sensibilizado em nome do sr. Interventor Federal, Major João Punaro Bley, a delicada homenagem que naquele momento era prestada, não só ao Chefe do Executivo do Estado do Espírito Santo como, também, a todo o Estado.

São integrantes da representação da Colônia Espanhola do Rio de Janeiro as seguintes pessoas: José Vicente Payá, Victoriano Lopez del Palacio, José Antélo Rodriguez, Rafael Garcia, Cacilda Lourenço Garcia, Elvira Lourenço e Padre Arturo Alonso S. J.

Após a visita ao sr. Interventor Federal os excursionistas visitaram o túmulo do venerável José de Anchieta e, em seguida, a sede da Associação Espiritosantense de Imprensa. Clubes Vitória e Saldanha da Gama, percorrendo, depois, a cidade, em automóveis e auto-onibus postos à sua disposição.

RUMO A ANCHIETA

Às 5 horas da manhã, do Cais do Porto, ponto de partida dos automóveis e auto-onibus especiais, a Romaria Anchieta, integrada com a pessoa do sr. Interventor Federal em exercício, dr. Celso Calmon Nogueira da Gama e acrescida de um numero elevado de pessoas de nossa sociedade e da administração estadual, rumou para a cidade de Anchieta, onde terão lugar diversos e solenes atos religiosos e civicos, conforme a programa que se segue:

Dia 20 — 5 horas da manhã — Partida do Cais do Porto em onibus e automóveis com destino à cidade de Anchieta.

7 horas — Passagem por Guarapari.

8,30 horas — Chegada a Anchieta. Recepção feita pelas autoridades e pelo povo, estando à frente os ilustres arcebispos D. Helvecio e D. Emanoel, luminares da Igreja Catolica e ambos filhos dessa historica cidade.

10 horas — Missa rezada por S. Exa. D. Luiz Scortegagna, na Igreja Matriz. Conferência sobre o venerável José Anchieta. Em seguida visita à cela do venerável Padre Anchieta. Inauguração de uma placa de bronze comemorativa — oferta da Embaixada Espanhola do Rio de Janeiro.

11 horas — Benção do seminário "Veneravel Anchieta" dos Revmos Padres Jesuitas, por S. Exa. D. Helvecio. Recepção na Prefeitura Municipal. Inauguração da placa da nova rua Major Bley. Benção do collegio "Maria Mattos", por D. Emanuel Gomes de Oliveira.

12 horas — Almoço ás autoridades e aos romeiros.

13 1/2 horas — Passeio pela cidade e visita ao Poço de Anchieta.

16 horas — Benção solene na Matriz e regresso a Vitória.

17 1/2 horas — Visita á Matriz de Guarapari e os pontos mais pitorescos dessa cidade. Lunch.

18 1/2 horas — Regresso a Vitória.

Dia 21 — 5 horas — Partida da Praça da Catedral em onibus e automoveis com destino a Linhares (Lagôa Juparanã). Passeio oferecido pelo Governo do Estado.

Dia 22 — Domingo — 8 horas — Partida da Praça da Catedral em onibus e automoveis especiais com destino á cidade do Espirito Santo (Vila Velha) para assistirem á missa no Convento da Penha que será celebrada por S. Exa. D. Otavio Miranda Chagas.

11 horas — Regresso a Vitória.

12 horas — Almoço. Tarde livre.

Dia 23 — Regresso ao Rio, pelo paquete "Pedro I" do Lloyd Brasileiro.

("Diário Oficial" de 20-9-40).

A CIDADE DE ANCHIETA EM FESTA

A CHEGADA DOS ROMEIROS ÀQUELA LOCALIDADE — A RECEPÇÃO POPULAR — A MISSA SOLENE — UMA HOMENAGEM DA COLONIA ESPANHOLA — OS DISCURSOS — HOMENAGEM DO LICEU LITERARIO PORTUGUÊS — A INAUGURAÇÃO DO SEMINARIO "VENERAVEL ANCHIETA" — TRIBUTOS DE AMIZADE A D. MANOEL — O BANQUETE — UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE — UMA DEMONSTRAÇÃO DE GINASTICA RITMADA — O PASSEIO PELA CIDADE — A BENÇÃO NA MATRIZ — UMA DECLAMADORA DE MERITO — UMA AULA DE HISTORIA NA CÉLA DO VENERAVEL APOSTOLO — O REGRESSO — O PASSEIO A' JUPARANÁ — O REGRESSO AO RIO DE JANEIRO — UM TELEGRAMA A "A TRIBUNA" — OU-

TRAS NOTAS

Espetaculo dos mais deslumbrantes e que, pode-se dizer, constituiu uma verdadeira apoteose, verificou-se na historica cidade de Anchieta, que, no passado, teve a gloria de acolher o maior apostolo da nossa historia patria, que, ali vivendo, por muitos anos empreendeu obra meritoria até seus ultimos instantes de vida.

Era de ver-se uma comunhão de fé, de civismo e de entusiasmo, refletida em todas as fisionomias dos que ali acorreram para tributar, á memoria do taumaturgo Anchieta, as mais justas homenagens, prova de reconhecimento á extraordinaria missão cristã que desenvolveu pelas paragens inhospitas das selvas brasileiras na catequização dos nossos indios.

A cidade de Anchieta de hoje, aldeia de Reritiba de ontem, amanheceu festiva, ornada em flores, para receber os illustres visitantes que, nas primeiras horas da manhã, ali deviam chegar.

A CHEGADA

Conduzidos em autos especiais, que partiram do Cais do Porto ás 5 horas da manhã, seguidos por inumeros autos-onibus, carros par-

ticulares que também para ali levaram famílias da nossa sociedade, chegaram os excursionistas do Touring Clube do Brasil, á cidade de Anchieta, sendo ali recebidos pelas nossas mais altas autoridades, srs. arcebispo D. Helvecio e D. Emanuel Gomes de Oliveira, uma verdadeira multidão de filhos da terra, visitantes das localidades vizinhas e do sul do Estado, sendo então saudados pelo sr. Prefeito João Amaral.

A' entrada da cidade foram construídas um sem numero de barracões, onde senhoritas da sociedade beneventina fizeram farta distribuição de doces, e café, havendo, logo a seguir, uma bênção, no mesmo local onde, todos ajoelhados, elevaram suas preces.

Sob o palio, achavam-se o exmo. sr. dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, os arcebispos, seguidos de muitos outros reverendos, que dali se dirigiram para a matriz local, onde deveria ser celebrada pelo sr. Bispo Diocesano, D. Luiz Scortegagna a

MISSA SOLENE

Repletas todas as dependências da Igreja Anchieta, assistida pelo escól da sociedade vitoriense, beneventina e das cidades do sul, além de todos os romeiros foi celebrada a missa solene, que, podemos afirmar, constituiu um ato tocante, mas, de profunda religiosidade cristã.

Em meio a esse ato, assomou ao púlpito o salesiano dr. Paulo Consolini, figura brilhante que muito eleva o cléro brasileiro, que, de maneira extraordinariamente impressionante e agradável, proferiu vibrante alocução em que analisou, sob os olhares atentos de todos, o papel desempenhado por Anchieta, estudando sua personalidade. Terminada essa solenidade religiosa, dirigiram-se todos para a cêla do Veneravel padre Anchieta, para se proceder á

INAUGURAÇÃO DA PLACA

de bronze oferecida pela colonia hespanhóla do Rio de Janeiro.

A cêla do veneravel apostolos estava ornamentada com aprimorado gosto, destacando-se, no alto, entrelaçadas, as bandeiras da Espanha e do Brasil e, sob as mesmas, a placa de bronze em a qual se lia: "1534-1597 — Al. V. Pe. José de Anchieta. — Apostol del Brasil, Gloria de España, la colonia española de Rio de Janeiro le dedica esto

recuerdo en el IV centenario de la fundacion de la Companhia de Jesus”.

XX — IX — MCMXL

Viva el Brasil — Arriba España

S. exa., o dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, Interventor interino, e o sr. Bispo Diocesano, segurando as fitas laterais, descerraram as bandeiras das patrias amigas, constituindo esse ato uma demonstração evidente da grande amizade que sempre uniu o povo brasileiro aos filhos da Espanha, naquela hora unidos sob uma comunhão de pensamento e sob uma só vontade de glorificar a memoria do apostolo canarino que dedicou a sua vida á catequização dos selvícolas brasileiros.

Usando da palavra, nesse instante, o sr. José Vicente Payá, orador official da Comissão da Colonia Espanhola, em palavras brilhantes, prendeu a atenção dos presentes, saudando ás autoridades, ao povo anchietano, aos componentes da caravana, e dizendo “que estavam ali para render culto sagrado e elevar ao céu suas orações em holocausto a esse soldado de Cristo que forjou o caudal imenso de suas virtudes sobre o esteio da fé, da vontade e da disciplina.

Minha voz, neste momento, — prosseguiu — é o eco entusiasta de setecentas mil vozes; minha palavra é a palavra de cerca de um milhão de espanhões esparramados por este país de sonho e maravilha, que honram a sua Patria de origem, correspondendo, pelo trabalho, á hospitalidade incomparavel do Brasil, oferecendo-lhe assim suas energias, lavrando os campos onde lançam a semente fecundante e, nas cidades, consolidando a industria e o commercio, como abelhas diligentes desta monumental colmeia onde cincoenta milhões de seres humanos fizeram do Brasil a primeira potencia civil, economica e cristã do continente, por que ao Brasil, entre todos os povos da América, coube a gloria de ser a nação eleita por Ignacio de Loyola, aquele capitão de capitães, que ao transformar sua espada de fidalgo das Espanhas em Cruz de Cristo, assentava as bases do maior dos Imperios, o Imperio de Jesus; Imperador de imperadores. Rei de reis, que foi buscar á corte de seus servos mais ardentes, o enamorado do imprevisto, o Padre José de Anchieta, o sublime adolescente que, diante do mar em Tenerife, o olhar perdido nas distancias, viu com os olhos da alma este paraizo divino, este Brasil de belezas sem conta, esta terra que alfombrava de flores os caminhos, para que os pés desnudos do grande conquistador de almas, do santo de Iperoyg pudessem resistir ao palmar da grande cruzada da fé, através da selva sem fim, buscando corações puros para arranca-los áquelle mundo perdido e oferece-los a Deus e á Civilização.

Os espanhóis do Brasil, que neste ato emocionante se acham representados por uma comissão expressamente destacada pelo eminente Embaixador e gloria da Nova Espanha, D. Raimundo Fernandez Cuesta, não podiam faltar na piedosa romaria a este recanto do Céu, porque aqui se respira santidade e amor divino; aqui, nesta antiga Benavente, estamos rendendo tributo á gloriosa epopeia da cristandade, levada a cabo, durante quatro seculos, pelos apóstolos de Ignacio de Loyola: e isso para nós outros, o mesmo é que recordar façanhas sem nome de soldados que tiveram por condutor a figura mística de um santo que, ao trocar a espada toledana pela Cruz de Cristo, se transformou de crusado glorioso em mil batalhas, em servo humilde de Jesus. Santo Ignacio de Loyola, espanhol de raça, fidalgo da mais antiga nobresa, estampa viva do sentimento cristão de um povo que, em qualquer momento da sua Historia, foi manancial de heróis, de santos e de mártires, não olvidou, ao traçar novos rumos para suas hostes, ao maravilhoso Brasil. Quiz ser um colaborador eficaz da propria natureza e, para a terra mais bela do continente, buscou também em seus quartéis os melhores soldados de Jesus; Nobrega, Aspicuelta Navarro, Antonio Vieira e a figura imponente de José de Anchieta, santo a que só falta o tramite da canonização para que sua imagem pompeie nos altares, como seu nome está hoje na memoria de todos brasileiros e de todos espanhóis, até á glorificação no templo levantado em seus corações.

Natural de Tenerife, José de Anchieta foi buscar em Coimbra a sabedoria que emana daquela celebre Universidade e onde seu talento e eloquencia despertaram, desde logo, a atenção dos jesuitas, os quais, bons conhecedores de homens, fizeram do espirito apostolico do jovem estudante a flama com que iluminaram o Brasil cristão. Aqui lançou ele, de fato, a semente do cristianismo, seguro de que as almas dos nativos, boas e sasonadas como a terra que tudo nos dá com amor e carinho, seriam para Deus. E principiou suas gloriosas tarefas estudando o idioma dos que iam ser seus primeiros discipulos. Na eventualidade das guerras entre gentios e colonisadores, o vemos diplomata e também como prisioneiro. Aprende as virtudes das plantas para applica-las na salvação dos enfermos. É obreiro e taumaturgo que opera milagrosos prodigios. Nos três anos que permaneceu como refém dos indios tamoyos, quando estes atacaram São Paulo, já no dominio dos portugueses, Anchieta transformou seus carcereiros em encarcerados pela conquista espiritual que realizou entre os indios.

É a esse santo varão e poeta que serviu das areias de uma praia brasileira para nelas escrever o mais belo dos poemas á Virgem, que vimos render a nossa comovida homenagem neste dia inolvidavel para os brasileiros e feliz, e emocionante para nós outros, espenhóis.

que nos sentimos na plenitude de nossa dita, por ver que na historia do Brasil, um filho da Espanha consagrou o tezouro de sua existencia pela grandeza e civilisação deste povo, nobre, fidalgo e irmão.

Exmo. sr. Interventor no Estado do Espirito Santo; Exmos. senhores Bispos e Arcebispos; caros romeiros; Debaixo dessas bandeiras auri-verdes e vermelha e amarela, entre os panejamentos desses emblemas gloriosos do Brasil e da Espanha — da Espanha Una, Grande e Livre — aqui deixamos, os espanhóis residentes neste rincão da America, a lembrança permanente de nossa veneração ao Padre José de Anchieta, e nossos votos de felicidade para o Brasil, que nos abriu seus braços para que fizéssemos de seu feito o nosso lar e regaço para nossas famílias. Cerca de um milhão de espanhóis residentes no Brasil, fundimos nossos corações no bronze dessa placa de arte, a qual perpetuará a memoria deste dia e destes momentos em que grito, em nome de todos os meus compatriotas: "Gloria ao Apostolo Anchieta! VIVA O BRASIL! ARriba ESPANHA!"

A HOMENAGEM DO LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

Após a oração vibrante e cheia de um civismo puro, profêrida pela representante da colonia espanhola, procedeu-se a oferta de um lindo escudo, homenagem do Liceu Literario Português. Coube ao sr. Manoel Valente, consul de Portugal neste Estado, descobrir o escudo que se achava sob a gloriosa bandeira brasileira, seguindo-se com a palavra o apreciado jornalista Alfredo Guimarães, que, interpretando de maneira a mais feliz o sentimento da nação portuguesa, ali representada pelos membros do Liceu Literario Português fez a oferta do escudo, assim se expressando: "Minhas senhoras e meus senhores! — A romagem piedosa que aqui no congrega, nesta manhã gloriosa da primavera americana, além do fervor cristão pelo apostolo que tanto engrandecera a Igreja Catolica no Brasil e no Mundo, traduz-se tambem na admiração pelo herói, soldado de uma cruzada que abrangêra a manifestação de todas as virtudes humanas, desde o estoicismo da fé ao desassombro civico, o coração aberto a todas as generosidades da terra, o espirito a serviço de todas as belezas do Céu. Saint Hilaire, referindo-se aos profundos conhecimentos de historia natural revelados por Anchieta, escreveu que ele "foi um dos homens mais extraordinarios do seculo". Extraordinario, sobretudo, acrescentaremos nós, porque foram demasiadamente curtos os seus quatro anos de aprendizado em Coimbra. Aos vinte, entre menino e moço, já ele se fazia de róta para o Brasil, terra onde o Cristianismo havia de conquistar um dos maiores galardões do seu apostolado, aqui se tornando um verdadeiro traço de ligação entre a sálva escura e o céu

iluminado. Nessa missão o vamos encontrar a percorrer afoitamente caminhos sem fim. Mas sempre incançável, sempre heroico, ardendo sempre na grande fé que o abrasa. A fadiga das longas caminhadas, as noites mal dormidas no misterio da mata, a sede, a fome, as privações e as humilhações jamais suportáveis por qualquer um de nós, não o abatem, nem o detêm. O seu animo é cada vez mais forte. Dir-se-ia que a noite não se fecha para ele, no coração da selva, nem as ciladas e os perigos existem para a sua fragilidade de ente humano. Deus está dentro de si n'uma luminura e numa força permanente. Em meio á natureza agreste e primitiva, Anchieta é o genio do bem. A sua intelligencia, o seu coração, as suas palavras e os seus atos, estão impregnados da graça divina. Arvores, passaros, o homem e a fêra as aguas e os lichens, são todos, como ele, obra de Deus! E' preciso, por isso, ama-los. A fé da sua alma sobrepõe-se, desse modo ás fraquezas do corpo — e aí temos nós o apóstolo e o herói, o sabio e o artista, o mestre e o taumaturgo, — realisando uma obra que só é possível com a inspiração e o amparo de Deus.

O poeta, o cientista, o apóstolo e o homem atingiram na verdade, em José de Anchieta a uma sublimidade infinita. Santificaram-no pela obra realizada no penhor da nossa gratidão, glosificaram-no na veneração da nossa fé. Ele foi no Brasil o grande roteiro da civilização cristã. Nascido um ano antes da fundação da Companhia de Jesus, que por sinal Loyola fundou na mesma cidade esparhola de onde era natural seu pai, Anchieta começou a servi-la dezoito anos depois com aquella devoção que revela entre os humanos os eleitos do céu. A seu serviço se conservou nos restantes quarenta e quatro ano da sua vida maravilhosa, sobretudo, pela fé missionaria que soube propagar, levantando em terras do Brasil monumentos de sabedoria cristã que tanto concorreram para o engrandecimento moral e intellectual da terra americana engrandecendo a humanidade.

Minhas senhoras e meus senhores. — O Liceu Literário Português, que eu tenho a subida honra de representar nesta peregrinação glorificadora, não podia deixar de associar-se, como instituição cultural que é, ás comemorações do Quarto Centenario da Fundação da Companhia de Jesus, cuja primeira solenidade ora realisamos, nem eximir-se da sua contribuição nesta festa de enthusiasmo civico e fé religiosa. Por um motivo, sobretudo, a grande e benemerita instituição da capital da Republica não podia deixar de estar presente á piedosa romagem que realisamos: é que, se José de Anchieta era espanhol pelo nascimento, foi português pelo apos-

tolado. Serviu Portugal e a Cristandade com o ardor e a fé de um verdadeiro lusiada. Foi companheiro do grande Manoel da Nobrega, com ele palmilhou os sertões e catequisou o selvícola, com ele dirimiu rixas de morte entre o gentio e os colonizadores, com ele fundou cidades e plantou na selva a cruz de Cristo. Foi, portanto, um apóstolo de Portugal. De resto, espanhol ou português, pouco importa. Ele foi, sobretudo, um soldado da Igreja. Um santo e um herói. E os heróis, como os santos, não pertencem a este nem àquele povo, mas à humanidade. Deus, que baixa sobre eles o sopro da sua grandeza realisa nuns e noutros, como criador do mundo, a síntese maravilhosa das nossas aspirações, transformando-os em símbolos de uma época ou em luzeiros eternos da vida universal.

É o caso de Anchieta. Ele é, na verdade, um símbolo da fé imortal e grande de mais, por isso mesmo, para pertencer a um só povo. E a prova é que o seu coração se bipartiu por dois continentes.

De qualquer forma porém, a contribuição do Liceu Literário Português a esta romagem de veneração e reconhecimento não podia deixar de se fazer presente. Ela aqui está, representada no bronze trabalhado desse escudo simbólico, talhado na forma de um coração sobre os braços abertos da cruz de Cristo, e do qual emerge o relevo do mar e das caravelas que, sob esse signo glorioso, transplantaram para o ignoto do Novo Mundo a fé, a abnegação, humanismo, e a heroicidade dos missionários da Companhia de Jesus. Essa heroicidade, esse humanismo, essa abnegação e essa fé, tendo atingido a sublimação na obra de José de Anchieta, crearam por isso mesmo o exemplo que frutifica. O Liceu Literário Português segue à risca esse exemplo: também ele, como o missionário glorioso do Século XVI, espalha a luz nas trevas da ignorância, ensinando gratuitamente e gratuitamente apetrechando para o serviço da coletividade, que o mesmo é dizer da compreensão de Deus, aqueles a quem o Destino abandonara na selva escura da vida... Essa, portanto, a maior razão a sua presença neste lugar e nesta festa — festa de amor e fé, lugar sagrado pela memória augusta que nele se invoca — altíssimas expressões uma e outra da Igreja e da Raça que crearam o grande Barsil”.

A INAUGURAÇÃO DO SEMINÁRIO “VENERAVEL ANCHIETA”

Dirigindo-se, logo após a solenidade anterior, para o Seminário “Veneravel Anchieta”, verificou-se, ali, a bênção, que foi feita pelo superior da Província do Brasil Central, Padre Luiz. Esse ato, que foi assistido por todos os romeiros e grande numero de visitantes de outras localidades, constituiu uma nota de elevada significação,

UMA JUSTA HOMENAGEM AO ARCEBISPO D. EMANOEL

Testemunhando a grande amizade que vota a D. Emanuel, arcebispo de Goiás, foi inaugurado na Prefeitura Municipal de Anchieta, sua terra, o retrato de S. Exa. Revdma., tendo usado da palavra o Prefeito dr. João Amaral, que disse do significado daquela justa e sincera homenagem. Agradecendo, em simples mas expressivas palavras, o arcebispo D. Emanuel, falou a seguir.

O BANQUETE

No confortável refeitório do Colégio "Maria Mattos", onde se acham dispostas em forma quadrangular, inúmeras mesas, teve lugar, um lauto banquete em que tomaram parte todas as autoridades,romeiros e o representante de "A Tribuna", gentilmente convidado.

Antes de ser iniciado o banquete, saudou os caravaneiros, a menina Lenita Vilar, sendo também executados vários números de música e declamação, destacando-se nesse ato, a distinta senhorita Lindinha Calmon Nogueira da Gama que interpretou de maneira expressiva, uma belíssima produção.

UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE

Numa das paredes do refeitório onde se realizou o banquete, achavam-se expostos 30 quadros, pintura a óleo, de paisagens anchieta-nas, obras do festejado artista conterrâneo, sr. Alvaro Conde.

A disposição dos referidos quadros e a beleza das telas escolhidas deram um tom de verdadeira beleza artística ao ambiente.

UMA DEMONSTRAÇÃO DE GINÁSTICA RITMADA

Após o banquete, as alunas do "Colégio Maria Mattos", sob a direção da competente professora, senhorinha Ana Izabel Ottoni Teatini, fizeram uma belíssima demonstração de ginástica rítmica, que, agradou sobremaneira. Ao terminar a linda "barcarola" que cantaram, expressivamente, todas, num só gesto, sentaram-se no solo, verificando-se, então, que formaram dois MM, homenagem à memória da progenitora dos arcebispos D. Helvecio e D. Emanuel e patrona do Colégio,

O PASSEIO PELA CIDADE

Todos os romeiros, incorporados, visitaram os pontos mais pitorescos da linda cidade praiana, expendendo os mais francos comentários às suas belezas naturais.

A cidade apresentava-se lindamente ornamentada.

Em todas as casas, nas janelas, viam-se inúmeras plantas, jarra com flores, e nos arbustos plantados à frente, muitas flores artificiais que formavam uma linda coloração.

A BENÇÃO NA MATRIZ

Às 16 horas, repicavam os sinos da Matriz local. O povo acorria pressuroso. Era a hora da benção.

A banda da Força Policial que abrilhantou todas as solenidades, executava à entrada do templo, números musicais.

Procedeu à cerimônia religiosa da benção, o padre Luiz, sendo assistido por todos.

UMA DECLAMADORA DE MÉRITO

Nossa reportagem que tudo acompanhou com desmedido interesse, não podia deixar de fazer referências, as mais elogiosas, à srta. Ana Izabel Ottoni Teatini, que, diante do busto de Anchieta, declamou, com uma expressão extraordinária e que poucos artistas possuem, parte de uma poesia de Anchieta, sendo, ao terminar, grandemente cumprimentada.

Podemos afirmar, que a distinta senhorita, mostrou-se uma verdadeira revelação na arte de dizer.

UMA AULA DE HISTÓRIA NA CÉLA DO VENERÁVEL APOSTOLO

Associando-se às festividades, acompanhou os romeiros, uma embaixada de alunos do Ginásio do Espírito Santo, que, comparecendo a todos os atos, muito contribuíram para o brilhantismo das comemorações.

Na cela do saudoso apóstolo, o dr. Carlos Dias Miranda Cunha, professor de História do Brasil do ginásio oficial, e que chefiava a referida embaixada, ministrou uma aula de história, em que focalizou a vida do grande taumaturgo, sendo assistida por todos que ali se achavam.

O REGRESSO

Ao cair da tarde, regressaram os turistas, á nossa Capital, tendo, ao passar por Guarapari, visitado os templos religiosos e outros pontos da localidade.

O PASSEIO Á LAGOA JUPARANÁ

Tiveram, ainda, os excursionistas oportunidade, no dia seguinte, de apreciar as belezas naturais da região que cerca a Lagoa Juparaná, no norte do Estado, para ali seguindo em carros especiais.

O REGRESSO AO RIO

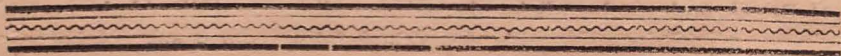
Levando a mais profunda e agradável impressão de tudo que aqui observaram e do acolhimento gentil de que foram alvo por parte do povo espírito-santense, pelo vapor Pedro I regressaram, domingo ultimo, ao Rio de Janeiro, os romeiros do Touring Clube do Brasil.

UM TELEGRAMA A "A TRIBUNA"

Agradecendo a nossa colaboração em todas as festividades, recebemos do sr. delegado do Touring Clube do Brasil, neste Estado, o seguinte telegrama:

"Diretor de "A Tribuna" — Vitória. — Nome Touring Clube agradeço valioso concurso esse jornal maior brilho recepção turistas participantes grande excursão romaria anchietana realizada sob auspícios arcebispo D. Helvecio Oliveira. Saudações — *Cerqueira Lima*, Delegado Touring".

("A Tribuna", de 24-9-1940).



REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO ESP. SANTO

NUMERO COMEMORATIVO DO 4.º CENTENARIO
DA FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS.

NOTA QUE NOS FOI FORNECIDA PELO EXMO. SR. DR. CELSO
CALMON NOGUEIRA DA GAMA, PRESIDENTE, EM EXERCICIO, DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO

Em aditamento ao aviso publicado na edição de 23 deste jornal, o Instituto Historico e Geografico do Espirito Santo transcreve o officio abaixo, que lhe foi dirigido pelo sr. Ministro José Carlos de Macedo Soares, M. D. Presidente do Instituto Historico e Geografico Brasileiro e pede aos socios da Casa do Espirito Santo que façam versar os seus trabalhos para o numero especial da Revista comemorativa do 4º Centenario da fundação da Companhia de Jesus, de acordo com o programa estabelecido pela Casa Brasileira, acrescido do seguinte estudo:

ANCHIETA: — sua vida e sua obra no Espirito Santo.

Como, porém, o Espirito Santo deve assinalados serviços ao Veneravel Anchieta, é natural e necessario que o seu Instituto Historico e Geografico acompanhe, com mais forte razão, os sentimentos que animam os promotores da romaria a Anchieta, entre eles, a figura de dois Ilustres Arcebispos espiritosantenses, devendo, assim, procurar os socios que colaborarem nessa Revista, salientar sempre a inolvidavel figura de Anchieta, nos destinos do Espirito Santo e a cidade que teve a honra de acolhê-lo e receber o seu ultimo alento de vida.

“Prezado Senhor:

Em 1940 ocorre o quarto centenario da fundação da Companhia de Jesus, aprovada por Paulo III a 27 de setembro de 1540. A grande data será comemorada em todos os países, na medida em que o permitirem as dolorosas circunstancias do momento tragico que vivemos. O Brasil, onde os beneficios da paz permitem a continuidade normal de suas atividades culturais, não poderá faltar com a sua colaboração

na grande obra comum. Mais imperiosamente que a outros povos impõe-se-nos este trabalho como um dever de consciência nacional. Nascidos quasi simultaneamente, o Brasil para a vida civilizada e a Companhia de Jesus para as suas incansáveis e multiformes atividades, as duas histórias, — a dos brasileiros e a dos jesuitas — intimamente relacionadas, em muitos domínios parcialmente se identificam. Guardas vigilantes do patrimônio do passado nacional: cabe ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e aos seus congêneres estaduais, e já o disse o ilustre dr. Adroaldo Mesquita da Costa no sodalício sul-riograndense, a iniciativa de uma comemoração digna da importância do acontecimento e das suas profundas e variadas influências no desenvolvimento da nossa civilização.

Certos de que as grandes instituições responsáveis, no domínio da história, pelos nossos créditos de nação culta, não faltarão á grandeza dessa tarefa, permitimo-nos acrescentar aqui um programa de estudos, investigações, conferencias e publicações científicas que durante o ano comemorativo do 4.º Centenario de 1940, ponham em sua verdadeira claridade a história da Companhia de Jesus nas suas profundas e indestrutíveis relações com a história da formação e progresso da nacionalidade brasileira.

I — *A Companhia de Jesus e os índios:*

Catequese.

Adeamento.

Defesa da liberdade dos selvícolas.

II — *A Companhia de Jesus e a formação cristã do Brasil:*

Pregação e ministerios sacerdotais.

Defesa e elevação da moralidade publica.

III — *A Companhia de Jesus e a instrução no Brasil:*

a) Ensino primario — Ensino secundario — Ensino superior — Ensino técnico-profissional.

b) Escolas — Colegios — Ginasios — Bibliotecas.

c) Alunos notaveis dos jesuitas.

IV — *A Companhia de Jesus e a formação da literatura nacional:*

- a) Gêneros literários: — Poesia — Teatro — Eloquência — Historiografia — Viagens — Epistolografia — Escritos morais e religiosos.
- b) Escritores notáveis: — Anchieta — Nobrega — Cardim — Simão de Vasconcelos — Alexandre de Gusmão — Francisco de Souza, etc.

V — *A Companhia de Jesus e as artes no Brasil:*

Arquitetura — Escultura — Pintura — Obras de arte executadas pelos jesuítas: igrejas, colégios, estatuas, painéis, etc.

VI — *A Companhia de Jesus e a linguística:*

Gramática e dicionários das línguas indígenas.

VII — *A Companhia de Jesus e o território nacional:*

Viagens de penetração — Descobrimientos e trabalhos geográficos — Cartografia — Fundação de cidades e aldeias — Defesa da integridade territorial do Brasil.

VIII — *Jesuítas ilustres:*

Anchieta — Nobrega — Inácio de Azevedo — João de Almeida — A. Vieira — Belchior de Pontes — Francisco de Souza — Alexandre de Gusmão — Malagrida, etc. — Destes homens notáveis, podem publicar-se:

- 1) Biografias completas.
- 2) Monografias sobre alguns dos aspectos de sua personalidade, por exemplo: VIEIRA: a) o orador; b) o escritor; c) o diplomata; d) o missionário; e) o defensor da liberdade dos índios.
- 3) Obras inéditas ou edição crítica de obras já publicadas.

IX — ANCHIETA:

Sua vida e sua obra no Espírito Santo.

(a) José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro".

(Do "Diário Oficial" de 25 — 8 — 40).



Na Catedral de Vitória, D. Luiz Scortegagna, Bispo desta Diocese. celebrando o solene Te-Deum, com a assistencia dos romeiros, autoridades estaduais, federais, municipais e associações religiosas



Na Catedral de Vitória, assistindo o Te-Deum. Vê-se no centro o monsenhor Santa Portaclupi, representante do Nuncio Apostolico e D. Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás, ladeados por D. Octavio, Bispo de Pouso Alegre e Monsenhor João Uchôa, Vigario Geral de Niterói

ROMARIA ANCHIETANA

OS ATOS RELIGIOSOS E CIVICOS REALIZADOS EM ANCHIETA — O PASSEIO Á LAGÔA JUPARANÃ — O REGRESSO DOS ROMEIROS

Às cinco horas da manhã de sexta-feira ultima, em automoveis e onibus postos á disposição dos romeiros pelo Touring Club do Brasil, teve logar a saída desta Capital da Romaria Anchieta, rumo á cidade de Anchieta, sendo que as autoridades civis e eclesiasticas viajaram em carros especiais cedidos pelo Governo do Estado.

A viagem transcorreu normalmente. Em Guarapari tiveram os romeiros festiva recepção, prestada pela sociedade local, verificando-se a chegada a Anchieta ás 9,30 horas, a qual revestiu-se de um entusiasmo sem par.

A' chegada dos excursionistas, já ali se encontravam o sr. Interventor Federal em exercicio, Dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, Secretarios de Estado, Ss. Exas. Revdmas. Arcebispos D. Helvecio e D. Emanuel Gomes de Oliveira e Bispos D. Luiz Scortegagna, D. João Cavatti, D. Otavio e altas autoridades.

Por esta ocasião foi servido aos excursionistas um café.

Em seguida, os romeiros, acompanhados das autoridades civis e eclesiasticas, dos alunos do Grupo Escolar local e do Colegio "D. Maria Matos" e de toda a população anchietana dirigiram-se, em procissão, á Matriz, tendo sido, do alto da escadaria do templo, saudados pelo Prefeito de Anchieta, sr. João Amaral, que lhes apresentou sinceros votos de boas vindas.

Na Matriz foi rezada missa solene por S. Exa. Revdma. D. Luiz Scortegagna, tendo sido, após, ouvida a palavra do ilustrado Padre Consolini, que fez uma conferencia sobre a vida do Veneravel José de Anchieta.

Após a cerimonia religiosa, os romeiros e o povo beijaram a reliquia de Anchieta, trazida pelo Superior dos Jesuitas, visitando, tam-

bem, a cêla do Veneravel, onde foram inauguradas uma rica placa de bronze, oferta da Colonia Espanhola do Rio de Janeiro e um artistico escudo em bronze, oferta do Liceu Literario Português, recordação do 4.º Centenario da Fundação da Companhia de Jesus. Em nome da Colonia Espanhola falou o jornalista Vicente Payá e em nome do Liceu Literario Português usou da palavra o jornalista Alfredo Guimarães.

A seguir, por S. Exa. Revdma. Arcebispo D. Helvecio Gomes de Oliveira, sob os auspícios de quem foi levada a efeito a patriótica Romaria Anchieta, foi procedida a benção do Seminario Veneravel Anchieta, dos padres jesuitas.

O Prefeito local, sr. João Amaral, recepcionou as autoridades civis e ecclesiasticas, na séde da Prefeitura de Anchieta, ocasião em que foi inaugurado o retrato de S. Exa. Revdma. D. Emanuel Gomes de Oliveira, fulgurante vulto da Igreja Catolica que, como D. Helvecio, é filho daquela historica cidade.

Após, realizou-se a inauguração da "Rua Major Bley", discursando o Prefeito João Amaral, que teceu justos elogios á administração do sr. Interventor Federal, tendo o dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, Interventor Federal em exercicio, em nome do homenageado, agradecido.

As 14 hras, após a benção procedida por S. Exa. Revdma. Arcebispo D. Emanuel, do Collegio "D. Maria Mattos", que é um marco dos assinalados e desinteressados serviços prestados por S. Exa. Revdma. Arcebispo D. Helvecio, á legendaria cidade que lhe serviu de berço, teve logar o grande almoço oferecido por D. Helvecio ás autoridades e aos romeiros.

Neste momento usou da palavra o dr. Plinio Olinto, presidente da Associação Brasileira de Educação.

Durante o almoço, ainda se fizeram ouvir diversas alunas do Collegio "D. Maria Matos", em saudação aos romeiros.

Após o almoço, assistiram, os excursionistas, autoridades e seleta assistencia, a diversos numeros de educação física, pelas alunas do Collegio, os quais foram muito applaudidos.

Logo após, encaminharam-se todos os presentes para o salão principal do Collegio, onde se verificou a inauguração do retrato da veneranda mãe dos dois illustres Arcebispos D. Helvecio e D. Emanuel, tendo cabido ao Monsenhor Uchôa, Vigário Geral de Niteroi, a incumbencia de descortinar o retrato daquela respeitavel senhora, que dá o seu nome ao importante estabelecimento de ensino, em Anchieta.

Em seguida a visita ao Poço de Anchieta, a passeios pela cidade, quando os excursionistas tiveram a oportunidade de apreciar as belezas naturais de que Anchieta é fértil, e, após solene *Te-Deum* na Matriz local, verificou-se o regresso a Vitória, às 17 horas e 30 minutos.

Na passagem por Guarapari, às 18 horas, o Prefeito sr. Adolfo Simões, em nome da Municipalidade, ofereceu aos excursionistas um *lunch*.

A chegada à Vitória teve lugar às 20 horas.

EXCURSÃO A' LAGOA JUPARANÁ

No sábado, dia 21, realizou-se o passeio oferecido aos excursionistas pelo Governo do Estado, até Linhares, à Lagoa Juparanã.

Acompanhados do dr. Moacyr Ubirajara, Secretario da Educação e Saúde, do dr. Enrico Ruschi, Diretor Geral do Departamento de Agricultura e do Capitão Arthur Bahia, Assistente Militar do sr. Interventor Federal, os romeiros anchietanos partiram desta capital às 8 horas da manhã, em dois ônibus e 10 automóveis, com destino à Estação Experimental de Cacau de Goitacás, aonde chegaram às 11 horas, e foram servidos de um chocolate com biscoitos, oferecido pelo Governo do Estado.

Em seguida, foi feita a travessia do Rio Doce, em balsas e, já em Linhares, embarcaram no vapor "Juparanã", que percorreu todos os encantadores recantos da belíssima lagoa espiritosantense, tendo todos os excursionistas manifestado, de maneira entusiástica e elogiosa, a boa impressão que tiveram.

Foi servido às 13 horas, a bordo, um almoço, durante o qual reinou a maior cordialidade, verificando-se o regresso às 19 horas e a chegada a Vitória às 23 horas.

Domingo, às 12.30 horas, pelo "Pedro I", que aqui os trouxera, regressaram os romeiros ao Rio de Janeiro.

Da sua impressão do nosso Estado e do bom êxito da romaria anchietana, dizem bem os telegramas dirigidos ao Governo do Estado, transcritos em outra local deste jornal.